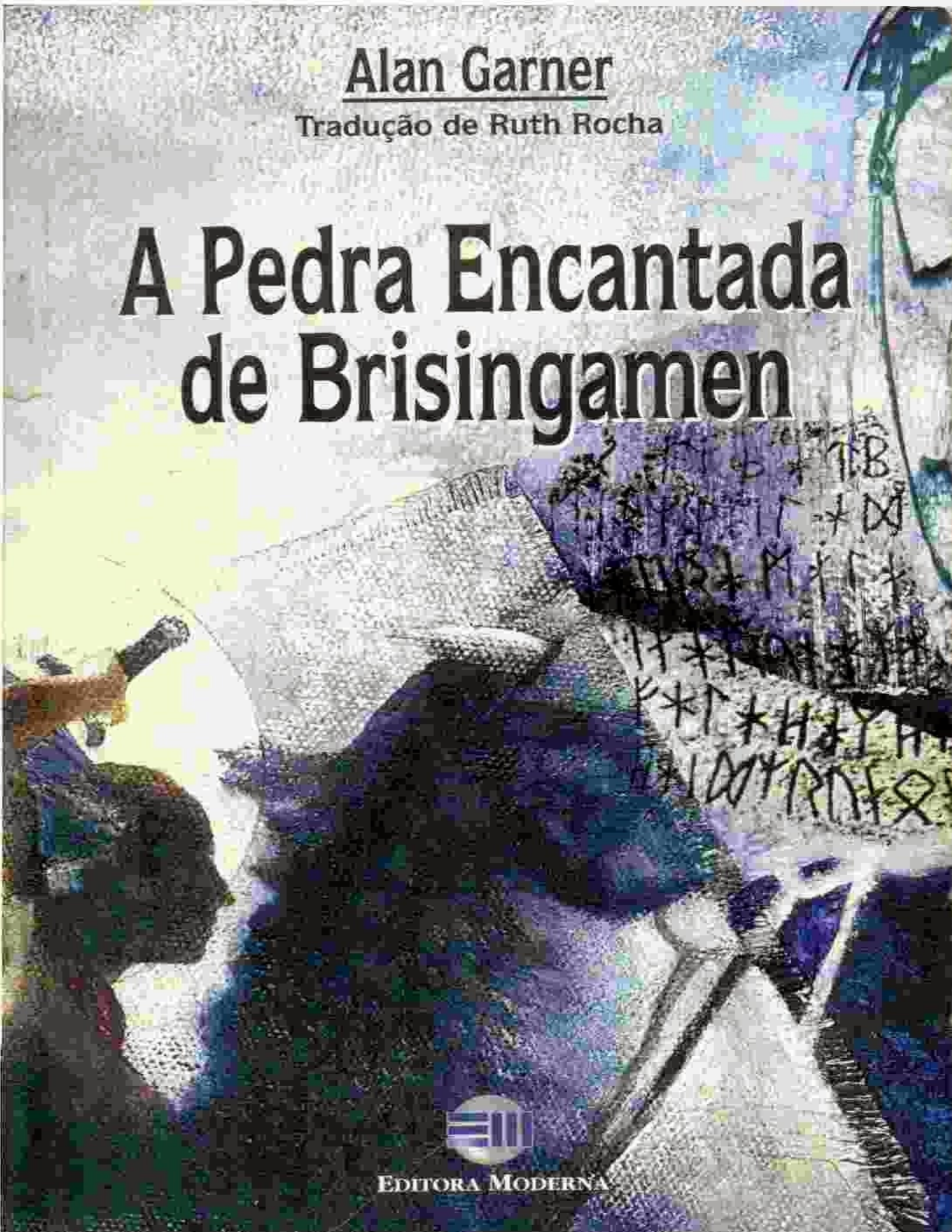
Alan Garner

Tradução de Ruth Rocha

A Pedra Encantada de Brisingamen



EDITORA MODERNA

ALAN GARNER

A PEDRA ENCANTADA de BRISINGAMEN

Tradução
Ruth Rocha

Editora Moderna
1998

Autor: Alan Garner

Título: A Pedra Encantada de Brisingamen

Título Original: The Weirdstone of Brisingamen: A Tale of Alderley

©1960, Garner, Alan.

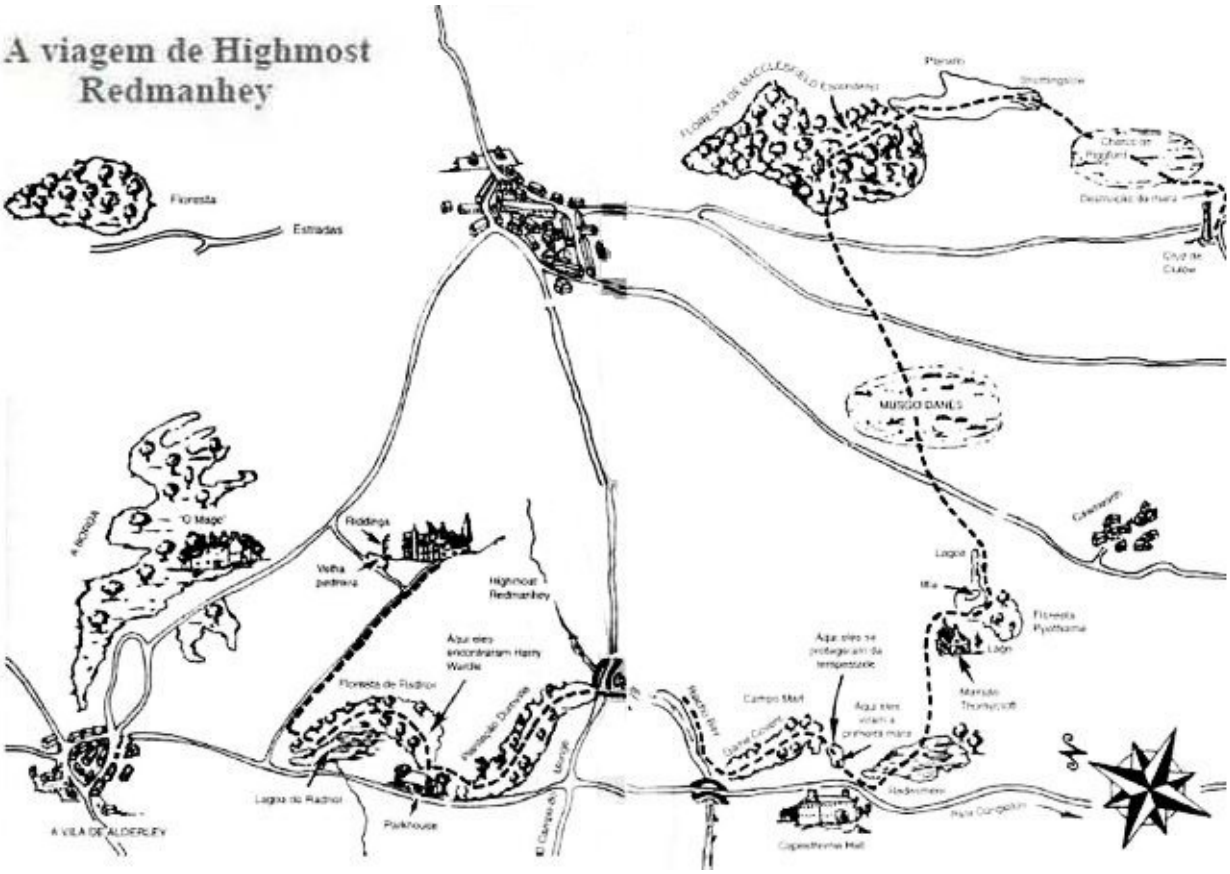
Tradução: Ruth Rocha

Editora: Moderna

1998

ISBN: 85-160-2107-6

A viagem de Highmost Redmanhey



Sumário

Capa
Rosto
Ficha Técnica
Mapa
A Lenda de Alderley
Primeira Parte
1. Highmost Redmanhey
2. A Borda
3. A Linhagem do Mal
4. As Cavernas de Fundindélfia
5. Noite de Bruxas
6. O Círculo de Pedras
7. Fenodyree
Segunda Parte
8. Neblina sobre Llyn-Dhu
9. O Penhasco de Santa Maria
10. A Prancha
11. O Príncipe de Huldrafolk
12. Na Caverna do Conselho dos Svarts
13. Onde Svart Algum Jamais Pisará
14. O Monte Earldelving
15. O Canto de Stromkarl
16. A Floresta de Radnor
17. As Maras
18. Angharad Mão-de-Ouro
19. Gaberlunzie
20. O Monte Shuttlinslow
21. A Cruz-sem-Cabeça
Créditos

A LENDA DE ALDERLEY

Em cada prece que eu ofereço ao Altíssimo, Alderley e tudo o que está ligado a ela sempre permanecerão no fundo de meu coração, como vívida lembrança.

REV. EDWARD STANLEY, 1837

Na madrugada tranquila de um dia de outubro, há muito, muito tempo, um fazendeiro de Mobberley atravessava a colina de Alderley, a caminho da feira de Macclesfield.

A manhã estava nublada, mas não muito fria; uma névoa branca cobria o caminho; a mata estava silenciosa, o dia prometia ser bonito. O fazendeiro estava de bom humor e deixava que sua montaria, uma égua branca como leite, andasse vagarosamente, pois queria que chegasse descansada ao mercado. Voltaria rico para Mobberley naquela noite.

Assim, pensando na cidade, embora ainda estivesse na colina, o fazendeiro aproximou-se de um lugar conhecido como Caverna dos Ladrões. Ali, a égua empacou sem obedecer a esporas ou rédeas. De esporas e rédeas ela entendia, assim como conhecia a voz de comando de seu dono. Mas o olhar que a imobilizava era mais forte do que qualquer coisa.

Bem no meio do caminho, onde certamente há pouco não estava ninguém, havia agora um velho alto e magro, de barbas e cabelos compridos e brancos.

– Você vai vender esta égua – disse ele. – Eu quero comprá-la. Quanto você quer por ela?

Mas o fazendeiro queria vendê-la no mercado, onde poderia escolher a melhor oferta e então, rudemente, ordenou que o estranho saísse de sua frente e o deixasse passar, pois, se ele perdesse mais tempo, chegaria atrasado à feira.

– Siga então o seu caminho – exclamou o velho –, mas ninguém irá comprá-la. Esperarei por você aqui, ao pôr-do-sol.

Nem bem acabara de falar, desapareceu, e o fazendeiro não conseguiu entender nem como nem para onde ele teria ido.

O dia estava quente, a taverna agradavelmente fresca, e todos os que viam a égua concordavam que era um esplêndido espécime, o orgulho de Cheshire, uma rainha entre os cavalos, e todos diziam que não havia animal comparável a este em toda a cidade. Mas ninguém se oferecia para comprá-la. No fim do dia, abatido, o fazendeiro retirou-se da feira.

Próximo à Caverna dos Ladrões, a égua empacou: lá estava o estranho novamente.

Pensando agora que qualquer preço era preferível a nenhum, o fazendeiro concordou em vender sua preciosa égua.

– Quanto quer dar por ela? – perguntou.

– Bastante. Agora venha comigo.

Passaram por Sete Pinheiros, depois por Pedra Dourada e pararam diante de uma enorme rocha, encravada na encosta do morro. O velho ergueu seu bastão e tocou a rocha, que se partiu ao meio com um barulho ensurdecedor.

Ao ver aquilo, o fazendeiro desmontou da égua e, de joelhos, implorou que o velho tivesse piedade e o deixasse partir. A égua podia ficar, ele não a queria mais. Que sua vida fosse poupada, era tudo o que queria.

O mago, pois se tratava de um mago, ordenou que o fazendeiro se erguesse.

– Eu prometo que voltará são e salvo – disse ele. – Não tenha medo, pois verá verdadeiras

maravilhas aqui.

Além da rocha, havia um portão de ferro, que o mago abriu. Depois, levou o fazendeiro e a égua através de um túnel estreito que descia para as profundezas da terra. Uma luz suave e agradável iluminava o caminho. No fim do túnel havia uma caverna, e então, uma visão maravilhosa surgiu diante do homem: cento e quarenta cavaleiros vestindo armaduras de prata e, ao lado de todos, menos de um, uma égua branca como leite.

– Aqui estão eles, dormindo um sono encantado – contou o mago – até que chegue o dia, e este dia certamente chegará, em que a Inglaterra correrá sério perigo e as mães inglesas chorarão. Então, emergindo deste morro, eles cavalgarão, e numa batalha três vezes perdida e três vezes ganha, lá em cima na planície, eles expulsarão o inimigo para o mar.

O fazendeiro, mudo de espanto, seguiu o mago até outra caverna, ainda mais profunda, e ali montes de ouro, prata e pedras preciosas jaziam espalhados pelo chão.

– Pegue o que puder carregar como pagamento pela égua.

Quando o fazendeiro tinha atulhado os bolsos (enormes, como suas terras), a camisa e as mãos com as joias, o mago levou-o apressadamente pelo longo túnel e o empurrou para fora dos portões.

O fazendeiro tropeçou, caiu e escutou um estrondo forte como um trovão.

Levantou os olhos e diante dele, intacta, só havia uma rocha. Estava sozinho no morro, próximo à Ponta das Tormentas. Uma enorme lua cheia brilhava no céu e já era noite.

Embora nos anos seguintes ele tentasse encontrar aquele lugar, nem ele nem qualquer outra pessoa depois dele viram os portões de ferro outra vez. Nell Beck jurou que uma vez tinha visto, mas diziam que ela era louca, e quando morreu foi enterrada sob uma ladeira, perto da Floresta Brindlow, no campo que tem o seu nome até hoje.

PRIMEIRA PARTE

1 - HIGHMOST REDMANHEY

O funcionário bateu na porta da cabina ao passar.

– Wilmslow, quinze minutos – avisou.

– Obrigado – agradeceu Colin.

Susan começou a recolher o lixo: restos de maçã, cascas de laranja, papéis amassados, revistas, enquanto Colin baixava as malas que estavam no compartimento de bagagem. Em três minutos ambos estavam sentados na beirada da poltrona, valise na mão, capa num dos braços, presos como todo viajante naquele limbo de fim de viagem, quando não há nada para fazer nem tempo para descansar. Aqueles últimos minutos foram os mais longos de toda a jornada.

A plataforma da estação de Wilmslow estava cheia e mais gente desceu do trem, mas Colin e Susan não tiveram dificuldade em reconhecer Gowther Mossock entre eles. À medida que o mar de pessoas escoou e atravessou os portões, deixando as crianças sozinhas no fundo da plataforma, ele acenou e veio com passos firmes em sua direção. Era um homem de estrutura sólida: não muito alto, mas forte como uma rocha, todo carne, ossos e músculos. Seu rosto era redondo e brilhante; os olhos azuis luminosos combinavam com o sorriso largo. A jaqueta de tweed estava um pouco justa nas costas e as calças, que chegavam até um pouco abaixo dos joelhos e entravam pelas grossas meias de lã, não disfarçavam as pernas grossas como troncos velhos.

Usava um velho chapéu de feltro, deformado pelo uso, e as botas, com barras de metal na sola, soltavam faíscas pela plataforma, à medida que ele andava.

– Olá! Estou adivinhando que vocês são Colin e Susan – a voz era grossa e rude, mas vibrante como um vento de outono.

– Isso mesmo – respondeu Colin. – E o senhor deve ser o senhor Mossock?

– Sou sim, mas nada dessa história de "senhor Mossock", por favor. Meu nome é Gowther. Agora venham, Bess está preparando um lanche e ainda temos um bom caminho até em casa.

Carregou as malas, e os três desceram os degraus do pátio da estação, onde estava uma carroça verde, com enormes rodas vermelhas, puxada por um cavalo branco com uma crina despenteada e tufos nas pernas.

– Sai daí, Scamp – disse Gowther enquanto acomodava as malas na traseira da carroça. Um cachorro malhado, que dormia em um tapete, levantou e olhou desconfiado para as crianças, enquanto se acomodavam no assento. Gowther sentou-se entre os dois e lá se foram, passando sob a ponte da estação, para a última etapa de sua viagem.

Logo deixaram a vila para trás e avançaram por uma alameda bordejada de árvores, entre campos. Conversaram sobre várias coisas e, gradualmente, as crianças foram sendo aceitas por Scamp, que veio meter a cabeça no banco, entre Susan e Gowther.

– O que é aquilo? – perguntou Colin.

Tinham acabado de fazer uma curva: diante deles, a um e meio quilômetro de distância aproximadamente, erguia-se abruptamente um monte. Era alto, sombrio e negro. No flanco, bem à direita, recortados contra o céu, viam-se torreões e telhados cônicos de casas enormes aparecendo sobre as árvores, que cobriam a maior parte da encosta.

– É a Borda – respondeu Gowther. – Está a duzentos metros de altura e quatro mil e oitocentos metros de comprimento. Vocês vão ver. As pessoas pensam que Cheshire é chata como uma panqueca, e é assim em sua maior parte, mas não por aqui, onde moramos!

Foram se aproximando da Borda, até ela parecer imensa, bem acima deles, e depois seguiram à direita, por uma estrada que ladeava o sopé do morro.

De um lado ficavam os campos e do outro, enormes faias, que pareciam cochichar umas com as outras, com o roçar da brisa, chegavam até a estrada.

– É muito assustador, não é mesmo?

– Sabe, muita gente diz que sim, mas vocês não devem sempre acreditar no que as pessoas dizem por aí. Vejam! Estamos chegando à Vila de Alderley. Não viemos pelo caminho mais rápido porque não gosto da estrada principal, só tem pó e fumaça. Prince também não gosta. Não vamos entrar na vila agora; vocês vão ver melhor quando viermos fazer nossas compras, na sexta-feira. Daqui para a frente o caminho vai ficar um pouco íngreme.

Chegaram a uma encruzilhada. Gowther guiou a carroça para a esquerda e começou a subida. Os jardins murados das casas da encosta oeste da Borda ladeavam o caminho. Era realmente muito íngreme e o cavalo tinha de fazer um grande esforço, até que, de repente, a estrada ficou plana. Prince resfolegou e apressou a marcha.

– Ele sabe que tem comida esperando, não é verdade, meu velho?

Estavam agora no topo da Borda e, através de brechas na folhagem das árvores, podiam ver o brilho das luzes das casas lá embaixo, na planície.

Seguiam agora por um caminho estreito que subia e descia sobre elevações e vales e que os levou, já ao escurecer, até uma casinha de fazenda, abrigada numa das dobras da Borda. Era construída com vigas de carvalho negro e, entre elas, era pintada de branco; as janelas tinham vidros pequenos e amarelos em forma de losangos e o teto era de ardósia. A casa parecia ser parte da encosta, como se tivesse crescido ali. A viagem tinha chegado ao fim: Highmost Redmanhey, onde sempre um Mossock tinha arado a terra nos últimos trezentos e tantos anos.

– Depressa, para dentro! – exclamou Gowther. – Bess deve estar esperando com o jantar. Eu agora vou dar aveia para Prince.

Antes de se casar, Bess Mossock tinha sido governanta da mãe das crianças. Embora não se vissem há doze anos, ainda se correspondiam de tempos em tempos e trocavam presentes no Natal.

Por isso, Bess foi a quem ela recorreu quando precisou acompanhar o marido para uma viagem ao exterior por seis meses. Bess, sempre dedicada, tinha ficado feliz em ajudar no que pudesse.

– Vai ser muito bom pra esta casa velha ter as duas crianças trazendo alegria por algum tempo! – fora sua resposta.

Recebeu afetuosamente as crianças e, depois de perguntar como estavam seus pais, levou-os para ver seus quartos.

Quando Gowther entrou, já os encontrou sentados ao redor da mesa redonda, na ampla cozinha, com seu teto baixo e aconchegante, e Bess trazia uma enorme torta à moda da região. A pesada refeição, somada ao cansaço da viagem, só podia ter um resultado: logo Colin e Susan estavam cochilando nas cadeiras. Assim, desejaram uma boa-noite e subiram cada um carregando um candelabro, pois não havia eletricidade em Highmost Redmanhey.

– Puxa, estou exausto!

– Eu também.

– Este lugar é legal, não é?

– Hum...

– Estou contente por ter vindo, e você?

– Também estou...

2 - A BORDA

– Se quiserem – disse Gowther durante o desjejum temos tempo para dar uma volta antes de Sam chegar; depois vamos ter de pôr para dentro a pilha de feno, enquanto o tempo está firme, porque é capaz de chover ainda hoje.

Sam Harlbun, um jovem magricela de vinte e quatro anos, era empregado de Gowther e um fenômeno com o forcado. Naquela manhã, ele rendeu o dobro de Colin e Susan juntos e com um quarto de esforço. Por volta das onze horas o trabalho estava acabado e deitaram à sombra para beber sidra de uma enorme jarra de cerâmica.

Depois do almoço, Gowther perguntou se as crianças tinham planejado alguma coisa para a tarde.

– Se vocês concordarem – respondeu Colin –, gostaríamos de ir passear na floresta e ver o que há por lá.

– Boa ideia! Sam e eu temos de consertar o cocho dos porcos e vai dar um trabalhão. Divirtam-se. Mas quando estiverem passeando pela Borda cuidado para não entrar nas cavernas que existem por lá e prestem atenção nos buracos do chão. O lugar é cheio de túneis e aberturas das velhas minas de cobre. Se entrarem num dos túneis e se perderem lá dentro, pode ser o fim de vocês, porque, mesmo se não caírem em algum buraco, iriam ficar vagando pela escuridão até morrer.

– Obrigado por nos avisar – disse Colin. – Vamos tomar cuidado.

– O chá é às cinco horas – disse Bess.

– E fiquem longe dos buracos das minas! – insistiu Gowther, enquanto os meninos se afastavam.

Era esquisito encontrar uma hospedaria ali naquela estradinha. Suas paredes brancas e o teto de pedra tinham estado ali, isolados, por anos, sem nenhuma casa por perto. Uma hospedaria de vila, sem vila!

Colin e Susan chegaram ali, depois de terem andado uns dois quilômetros no caminho de betume úmido e quente àquela hora do dia; a estalagem tinha uma tabuleta em cima da porta com uma cena pintada, o que chamou a atenção dos meninos. Chamava-se "O Mago". Na pintura havia um homem, vestido como monge, com longos cabelos e barbas brancos; atrás dele, um homem com trajes de camponês lutava para dominar um cavalo branco que empinava, puxando-lhe as rédeas. No fundo havia árvores.

– Gostaria de saber o que isso significa – comentou Susan. – Lembre-se de perguntar a Gowther, com certeza ele sabe.

Saíram da estrada escaldante e entraram no frescor da mata. Logo "O Mago" estava fora de suas vistas; caminhavam entre pinheiros, carvalhos, freixos e bétulas prateadas, por caminhos cobertos de samambaias e vegetação exuberante. Era uma beleza e uma paz sem fim. Então, de repente, chegaram a um lugar cheio de pedras e areia, de onde emanava um calor dos infernos. Ao norte, a planície de Cheshire estendia-se diante deles como uma colcha de retalhos verde e amarela, salpicada de casas e fazendas, que pareciam de brinquedo. Naquele ponto a Borda caía abruptamente algumas dezenas de metros, enquanto ao longe, à direita, o terreno se elevava com saliências e depressões, até o Maciço dos Peninos, que aparecia através da bruma, doze quilômetros à frente. As crianças pararam durante alguns minutos, fascinadas pelo esplendor da paisagem. Então Susan percebeu algo ali perto.

– Olhe, Colin! Deve ser uma das minas.

Bem ao pé deles havia uma estreita fenda na rocha.

– Venha – exclamou Colin –, não faz mal se entrarmos um pouquinho, só até onde a luz do dia chega.

Com cuidado, desceram pela valeta, mas, qual não foi seu desapontamento, descobriram que terminava em uma pequena caverna com formato de disco e cheia de ar frio e úmido. Não havia túnel algum saindo dali; a única coisa digna de nota era um buraco redondo no teto, de aproximadamente um metro, mas estava bloqueado por uma pedra oblonga.

– Ora – disse Colin –, não há nada perigoso aqui.

Durante toda a tarde, Colin e Susan andaram pelas encostas e vales da Borda, algumas vezes onde só havia enormes faias e tudo estava imóvel. No chão, somente folhas mortas, nada mais; não cresciam mato ou brotos e o inverno permanecia ali, entre faias acinzentadas e verdes. Ao saírem daquela mata, foi como se saíssem de uma adega úmida para um jardim ensolarado.

Em seu passeio viram muitas cavernas e fendas no morro, mas nunca foram além dos limites da luz do dia.

Quando tinham decidido voltar para casa, depois de subirem desde o sopé da Borda, as crianças encontraram uma pedra de onde pingava água vinda de um penhasco um pouco acima; nela estava entalhado o rosto de um homem com barba, sob o qual havia uns versos gravados:

BEBA DESTA ÁGUA
MAL NÃO LHE FARÁ
POR VONTADE DO MAGO
É QUE ELA CAIRÁ

– Outra vez o mago! – exclamou Susan. – Precisamos perguntar para Gowther o que quer dizer tudo isso. Vamos para casa. De qualquer jeito já é hora do chá.

Estavam a uns cem metros da casa, quando um carro passou por eles e freou violentamente. A motorista, pois era uma mulher, desceu e ficou esperando pelos dois. Tinha uns quarenta e cinco anos, era forte ("gorda", foi a palavra que Susan usou para descrevê-la), com a cabeça firmemente plantada nos ombros, sem aparentar que tivesse um pescoço. De cada lado do nariz, desciam duas rugas, chegando até a boca grande, de lábios finos; os olhos eram pequenos demais para uma cabeça tão grande. Mais estranho que tudo, as pernas eram fininhas e tortas, e, assim, sua silhueta lembrava a de um pardal bem nutrido. Pelo menos essa foi a descrição feita por Susan.

Tudo isso Colin e Susan observavam enquanto se aproximavam do carro; a motorista examinava detalhadamente os dois, sem a menor dissimulação.

– Aqui é a estrada para Macclesfield? – perguntou ela quando as crianças se aproximaram.

– Receio não poder informar – respondeu Colin. Nós acabamos de chegar para passar alguns meses.

– Ah! Querem uma carona? Podem subir.

– Obrigado – respondeu Colin –, mas estamos na fazenda perto daqui.

– Subam atrás!

– Não, não! Fica pertinho.

– Entrem já!

– Mas nós...

Os olhos da mulher faiscavam e o rosto ficou púrpura.

– Vocês... vão... subir... atrás!!!

– Sério, não vale a pena. Nós só iríamos atrasar a senhora.

A mulher soltou o ar por entre os dentes. Os olhos reviraram para cima e as pálpebras baixaram até que somente uma linha fina aparecia; em seguida, começou a resmungar baixinho.

Colin sentiu uma grande aflição. Não podiam simplesmente ir e deixar aquela mulher estranha no meio da estrada, embora suas maneiras fossem tão desagradáveis que tinham vontade de sair correndo para se livrarem de tamanha esquisitice.

– *Omptator*! – exclamou a mulher.
– O que disse...?
– *Lapidator*.
– Desculpe...
– *Somniator*.
– A senhora...
– *Qui libertar opera facitis*.
– Eu não sou muito bom em latim...
Agora tudo o que Colin queria era fugir dali. Devia ser louca, e ele não era páreo para ela. Sua testa estava molhada de suor e ele sentia picadas e dormência por todo o corpo.
Então, perto dali, um cachorro latiu. A mulher abafou um grito de raiva e deu meia-volta. A tensão se rompeu e Colin viu que seus dedos já estavam na maçaneta da porta do carro e que estava semiaberta.
– Pare com esse barulho, Scamp – ordenou Gowther.
Ele estava atravessando a estrada perto do portão da fazenda e Scamp, um pouco mais acima e próximo do carro, rosnava ferozmente.
– Venha! Já!
Scamp obedeceu relutante, voltando para perto do dono, que acenou para os meninos e apontou para a casa, avisando que o chá estava pronto.
– Aquele é o sr. Mossock – disse Colin. – Ele vai poder explicar para a senhora qual é o caminho para Macclesfield.
– Sem dúvida! – exclamou a mulher, que, sem dizer palavra, entrou depressa no carro e foi embora.
– Puxa! – disse Colin. – O que será que ela queria? Deve ser doida! Eu pensei que ia ter um troço! O que você acha que aconteceu com ela?
Susan não respondeu. Sorriu levemente e encolheu os ombros, mas comentou a respeito quando ela e Colin já estavam dentro da fazenda.
– Não sei – comentou então. – Deve ser o calor ou porque andamos muito, mas todo o tempo em que falávamos com ela, eu tinha a impressão de que ia desmaiar. Mas o mais estranho foi que minha Lágrima ficou embaçada de repente.
Susan adorava sua Lágrima, uma pequena peça de cristal em formato de gota, que lhe tinha sido dada por sua mãe. Montada num punho de prata, presa a uma corrente também de prata, Susan nunca a tirava do braço. Era uma pedra muito pura e sem manchas, e, desde que era bem pequena, descobrira que se a olhasse de um determinado ângulo, que captasse a luz de certa maneira, ela poderia ver, bem lá no fundo do coração de cristal, a quilômetros dali, ou assim parecia, uma coluna de fogo azul, retorcida, sempre se movendo, nunca terminando, viva e muito linda.
Bess Mossock batera palmas de alegria quando viu a "Lágrima" no pulso de Susan.
– Oh! Mas é a Pedra das Noivas! Depois de todos esses anos! – exclamou.
Susan ficou surpresa, mas Bess logo explicou que "essa linda gotinha de orvalho" lhe tinha sido dada por sua mãe, que por sua vez a tinha recebido de sua mãe, e assim por diante, tendo a origem e o significado do nome se perdido entre tantas gerações. Tinha dado aquele cristal para a mãe dos meninos porque a pedra sempre atraía o olhar das crianças e "sua mãe não foi exceção", concluiu.
Ao ouvir essa história, Susan ficou triste.
– Bem, então eu devo devolver para você – disse – porque é uma relíquia de família e...
– Nada disso, nada disso, querida. Fique com ela. Eu não tenho filhos e sua mãe foi o mesmo que uma filha para mim. Estou vendo que está em boas mãos.
Assim, a Lágrima continuou a brilhar no pulso de Susan até aquele momento, próximo do carro,

quando subitamente tornou-se leitosa.

– Rápido, Susan – disse Colin. – Vai se sentir melhor depois de comer. Vamos com Gowther.

– Mas Colin!... – exclamou Susan, segurando o pulso. Já ia dizer "Olhe só!" mas as palavras morreram em sua boca, pois o cristal agora faiscava tão puro como sempre fora.

3 - A LINHAGEM DO MAL

– O que a velha Selina Place queria com vocês? – perguntou Gowther quando tomavam chá.

– Quem? Selina Place?

– Vocês estavam conversando com ela pouco antes de entrarem, e não é comum vê-la conversando com as pessoas.

– Mas, como você a conhece? Pareceu não conhecer este lugar, pois parou o carro para perguntar qual era o caminho para Macclesfield.

– Mas que maluquice! Selina Place viveu em Alderley a vida toda!

– É mesmo?

– É sim, e a casa dela é uma daquelas grandes, no outro lado do morro. Um velho casarão, encarapitado na borda de um penhasco. Mora lá sozinha com o que diz serem seus cachorros, que, na minha opinião, mais parecem com lobos, embora não possa garantir, porque, para dizer a verdade, eu nunca os vi. Ela nunca leva nenhum deles para passear. Escutei seus uivos numa noite de inverno, e é uma coisa difícil de esquecer! E o que ela queria? Só saber como chegar a Macclesfield?

– É... Ah! Ela achou que só porque acabamos de chegar iríamos querer uma carona. Mas, no mesmo instante em que viu você, pulou depressa para dentro do carro e foi embora. Desconfio que ela não regula bem.

– Estou precisando ter uma conversa com vocês – disse Bess. – Isso tudo é muito esquisito. Desconfio que ela está planejando alguma coisa.

– Não se preocupe! Dick Thornicroft sempre diz que ela é meio doida e parece que ele tem razão. Mas é bom ficar longe de gente deste tipo e também é melhor não aceitarem carona de ninguém. Pelo que vocês estão dizendo, hoje tiveram um dia cheio, portanto vamos começar pelo começo, para não esquecermos nada. Bem, o lugar de onde se tem uma bela vista chama-se Ponta das Tormentas e a caverna com o buraco no teto é o Túmulo do Diabo. Dizem que se uma pessoa der três vezes a volta naquela pedra o "diabo" aparece e a leva embora.

Assim, durante toda a refeição, Gowther distraiu Colin e Susan com histórias e explicações sobre o que eles tinham visto durante o passeio e, finalmente, depois de muita conversa, ele chegou ao mago.

– Eu estava deixando o mago para o fim. É uma longa história e, agora que acabamos de comer, posso falar e vocês vão escutar melhor, sem termos de nos preocupar com outras coisas.

E Gowther contou a Colin e Susan a lenda de Alderley.

– Bom, contam que há muito, muito tempo um fazendeiro de Mobberley, que tinha uma égua branca como leite...

... E, desde aquele dia até hoje, ninguém mais viu os portões do mago outra vez.

– É uma história verdadeira? – perguntou Colin.

– Tem gente que jura que é. Mas, se de fato isso aconteceu, foi há tanto tempo que até os lugares onde os portões deveriam estar foram esquecidos. Eu digo que não passa de uma lenda; mas é interessante para se contar depois de uma boa refeição.

– Sim – concordou Susan –, mas meu pai sempre diz que onde há fumaça há fogo.

– Ah! O que ele diz até que faz sentido – disse Gowther, sorrindo.

Acabada a refeição, as crianças foram com Gowther levar alguns ovos para uma velha viúva que morava em uma casinha perto da fazenda. Quando estavam voltando pelo Riddings, o pequeno planalto que ficava acima de Highmost Redmanhey, Gowther apontou para um enorme pássaro negro que voava em círculos sobre a fazenda.

– Olhem! Aquele corvo ali! O que será que ele está procurando? Se aprontar alguma, vou logo buscar a minha espingarda. Não queremos nenhum deles rondando por aqui, porque são uma ameaça na época da cria.

No começo da tarde, Colin, que tinha se impressionado muito com a lenda do mago, sugeriu outro passeio pela Borda, desta vez para encontrarem os portões de ferro.

– Boa sorte então! Vocês não são os primeiros a tentar e acredito que também não serão os últimos.

– Levem agasalhos – recomendou Bess. – Lá em cima faz frio a esta hora.

Colin e Susan percorreram toda a Ponta das Tormentas e mais além, mas, com tantas pedras enormes que poderiam esconder os portões, logo se cansaram de gritar "Abracadabra" e "Abre-te Sésamo". Finalmente sentaram-se para descansar em um tufo de grama macia, na ponta da Borda, de onde podiam ver o sol se pondo no extremo da planície, lá embaixo.

– Está na hora de voltarmos, Colin – disse Susan quando restava uma pontinha do sol. – Se não chegarmos à estrada antes de escurecer, podemos nos perder.

– Tudo bem. Mas, para variar um pouquinho, vamos voltar para a Ponta das Tormentas pelo outro lado? Nós ainda não fomos lá.

Susan seguiu-o, morro acima, por entre as árvores. Quando chegaram ao cume, os dois encontraram-se em um pequeno rebaixamento de terreno cheio de brotos e pedras e cercado de rochas com fissuras e reentrâncias. À frente deles, altas faias cobriam o terreno que caía encosta abaixo e desaparecia na bruma. O ar estava parado e pesado, como antes de uma tempestade. O único som vinha do zumbido de insetos; um cheiro de mato adocicado e pesado envolvia todo o lugar.

– Eu... não estou gostando deste lugar, Colin – murmurou Susan. – Tenho a impressão de que estamos sendo observados.

Colin não riu, como faria normalmente. Ele também tinha aquela sensação de frio na espinha; podia sentir que algo se movia entre as sombras das rochas, algo que procurava ficar fora de sua visão. Por isso voltou-se para subir novamente para o atalho.

Tinham andado poucos metros para sair daquela depressão de terreno quando Colin parou.

– Olhe – disse sorrindo –, alguém está nos observando.

Empoleirado numa pedra diante deles, a cabeça inclinada para a frente, estava um pássaro, que olhava as crianças sem piscar.

– É o mesmo corvo que estava voando em volta da fazenda na hora do almoço! – exclamou Susan.

– Não diga bobagem! Como sabe que é o mesmo? Provavelmente há dúzias deles por aqui.

Mas, ao mesmo tempo, Colin não estava gostando nada do modo como o pássaro os olhava; de maneira tensa, quase ansiosa. Mas teriam de passar por ele se quisessem alcançar o atalho. O menino deu um passo para a frente e sacudiu os braços no ar.

– Xô! – gritou, mas sua voz soava débil e nada ameaçadora.

O corvo nem se mexeu.

Colin e Susan avançaram, sempre magnetizados pelo olhar do corvo. Quando chegaram ao centro do pequeno vale, o corvo deu um grasnido agudo e alto. Imediatamente outro grasnido respondeu do meio das pedras, e do meio das sombras, de cada lado das crianças, surgiram entes fantasmagóricos.

Tinham por volta de um metro de altura, forma humana, com corpos magros como caniços, membros finos, com enormes mãos e pés chatos. As cabeças eram grandes, com orelhas pontudas, olhos redondos como pires e buracos em lugar de boca, cheios de dentes. Alguns tinham nariz chato; outros, trombas finas que chegavam até o queixo. Uns tinham pele branca como de peixe; outros eram negros e não tinham cabelo. Alguns carregavam cordas escuras, enquanto, de uma caverna,

surgia um grupo trazendo uma enorme rede em forma de teia de aranha.

Por um instante as crianças estavam como que imobilizadas; mas só por um instante. Imediatamente o instinto de sobrevivência agiu sobre eles.

Correram de volta para a pequena depressão e meteram-se pelo bosque das faias. Dedos os agarravam, cordas moviam-se como cobras, mas eles escaparam, mergulhando no declive, pisando no chão fofo, numa confusão de folhas mortas.

– Pare, Sue! – gritou Colin.

Tinha percebido que a única esperança de fuga era alcançar campo aberto e o caminho que ia da Ponta das Tormentas até a estrada, onde suas pernas mais longas poderiam fazer com que se distanciassem dos perseguidores, mas mesmo isso era uma chance muito pequena.

– Pare, Sue! Nós... não devemos... descer mais! Vamos tentar... procurar... a Ponta das Tormentas... de qualquer jeito!

Enquanto falava, procurava enxergar algum ponto que pudesse reconhecer, mas, com o medo e a escuridão, tinha perdido todo o senso de direção, e tudo o que sabia era que o caminho deles teria de ser morro acima, jamais morro abaixo.

Então, através da folhagem, ele viu o que precisava. A uns três metros acima e à direita, uma pedra com o formato de dente aparecia contra o céu; sua forma tão original tinha chamado a atenção do menino quando passaram por ali, pelo caminho que vinha da Ponta das Tormentas.

– Aquela pedra! Na direção da pedra!

Susan olhou na direção que Colin apontava e concordou com um movimento de cabeça.

Começaram então a abrir caminho morro acima, com mãos e pés mergulhados até os joelhos em um mar de folhas mortas. A corrida morro abaixo os tinha levado em diagonal pelo declive e o caminho para cima levou-os a um ponto bem distante do pequeno vale. De outro modo não teriam sobrevivido.

A horda os perseguia, deslizando sobre a superfície das folhas, por isso, os perseguidores tiveram dificuldade em parar de repente, ao perceberem a mudança brusca de direção. Agora tentavam interceptar as crianças inclinados sobre o terreno, enquanto corriam.

Vagarosamente Colin e Susan ganharam altura até estarem no mesmo nível que seus perseguidores, depois acima deles, até não haver mais perigo de serem interceptados no caminho. Mas a vantagem era de menos de dez metros e diminuía rapidamente, até que Colin, tateando sob as folhas, encontrou algo sólido. Era um galho caído, ainda cheio de folhagens, que ele puxou do chão e atirou na direção dos que vinham atrás. Perdendo o equilíbrio, rolaram morro abaixo, atropelando na queda os que os seguiam, numa confusão de pés e cabeças, cordas e redes.

Isso fez com que Colin e Susan ganhassem metros e segundos preciosos, embora sua fuga ainda fosse um pesadelo, pois gravetos invisíveis arranhavam-lhes os pés e folhas secas e podres chegavam até quase seus joelhos. Finalmente conseguiram chegar ao caminho.

– Vamos, Sue! – gritou Colin. – Corra! Eles... não... estão... muito... longe!

As crianças tiravam energia do pavor que sentiam.

Sobre suas cabeças, um pássaro soltou três grasnidos agudos e, de repente, o ar foi sacudido pela batida de um gongo. O som parecia vir de longe, entretanto os envolvia poderosamente, e vibrava tanto acima como abaixo do chão.

Os meninos continuaram a correr, agora longe das árvores, na direção da Ponta das Tormentas. Mas seu alívio durou pouco. Até então, fugiam de uns vinte perseguidores; agora, confrontavam-se com centenas de criaturas que, como formigas saindo de um formigueiro, surgiam do Túmulo do Diabo.

Colin e Susan pararam; sumia a última esperança de chegarem à estrada. O caminho estava bloqueado à frente e atrás. À esquerda ficava o tenebroso bosque de faias; à direita um despenhadeiro

mergulhava entre pinheiros, na direção do vale. Mas pelo menos ali parecia não haver ameaças e, sem hesitar, as crianças mudaram de direção e fugiram, tropeçando e escorregando pelo solo arenoso até, finalmente, chegarem embaixo – apenas para se enterrarem até os joelhos na lama misturada às folhas podres do pântano, que se estendia, invisível, até o outro lado do vale.

Eles lutavam para avançar alguns passos, empurrados pelo ruído que faziam seus perseguidores, cada vez mais perto, até que de repente Susan parou e se encostou em um tronco caído.

– Não posso mais! – exclamou soluçando. – Não consigo mexer as pernas!

– Pode sim! Só mais uns metros!

Colin viu uma enorme pedra que emergia do pântano, na encosta do morro, um pouco acima de onde estavam. Se ao menos pudessem chegar até lá, estariam mais protegidos do que agora, já que não poderiam estar pior. Agarrou o braço da irmã e puxou-a através da lama até a base da rocha.

– Agora suba!

Enquanto Susan lutava para subir ao topo chato da pedra, Colin encostou as costas contra ela, como uma raposa à espreita da caça.

À beira do pântano havia uma massa de vultos. A luz da lua brilhava nos crânios lisos e refletia-se naqueles olhos enormes. Colin podia ver aquelas formas brancas espalhando-se por todos os lados e cercando a rocha. Agora não tinham mais pressa, pois sabiam que a fuga era impossível.

Colin subiu para perto da irmã. Cada músculo de seu corpo doía e ele tremia de cansaço.

Quando o círculo se fechou, as criaturas começaram a avançar, movendo-se facilmente pelo lodo com seus pés chatos. Chegavam cada vez mais perto até a rocha ficar totalmente cercada.

De repente, de todos os lados, as cordas começaram a ondear como cobras, suaves como seda, fortes como aço, agarrando-se às crianças como se tivessem cola; rapidamente Colin e Susan ficaram paralisados sob espirais grudentas; sobre eles fervilhava a horda, beliscando, cutucando, apertando, envolvendo, até que os meninos ficassem só com as cabeças de fora, como dois casulos sobre a rocha. Mas, quando estavam sendo carregados nos ombros descarnados, um milagre aconteceu. Primeiro um relâmpago e a rocha foi varrida por uma língua azul. As crianças não sentiam calor, mas seus captores caíram no pântano, gemendo e gritando, enquanto as cordas arderam e se transformaram em carvão, e tudo virou um incontrolável pandemônio.

Então, vinda da escuridão, uma voz se ouviu:

– Desde quando filhotes de homens tornaram-se tão poderosos que para enfrentar dois deles são necessários trezentos de vocês? Sumam larvas de Ymir, antes que eu perca a minha paciência!

As criaturas tinham ficado em silêncio quando a voz começara a falar e agora recuavam devagar, retorcendo-se e piscando sob a luz azul, depois deram meia-volta e fugiram.

As crianças, ainda zonzas, escutavam ruídos de passos, como em um sonho; logo se ouviram pedras rolando pelo abismo, do outro lado; depois, mais nada. A chama fria foi se apagando e morreu. A lua brilhava suavemente pelo vale silencioso.

Quando os olhos se acostumaram com a luz mais fraca, as crianças viram de pé, sobre o penhasco, um velho muito magro e mais alto do que qualquer homem que conheciam. Estava vestido com uma túnica branca, os cabelos e a barba eram brancos e tinha na mão um bastão igualmente branco. Olhava para Colin e Susan e, enquanto eles se sentavam, falou novamente, mas agora sua voz não refletia ira.

– Vamos depressa, crianças, porque vocês podem encontrar coisa pior pela frente; na verdade, eu sinto que o mal está enchendo a noite. Venham, não tenham medo de mim.

Sorriu e estendeu a mão. Colin e Susan desceram da rocha e foram ao encontro do velho. Tremiam incontrolavelmente, apesar dos agasalhos e das palavras tranquilizadoras.

– Fiquem perto de mim. Seus problemas acabaram, embora eu tema que somente por esta noite, por isso não devemos arriscar.

Depois de falar, tocou o rochedo com seu bastão.

Ouviu-se um barulho surdo e uma fenda surgiu na pedra. Através dela brilhava uma luz tênue. A fenda dilatou-se revelando um túnel que se aprofundava na terra. Estava iluminado por uma luz suave, semelhante à que havia dispersado a horda no pântano.

O velho levou Colin e Susan para dentro do túnel e, logo após terem transposto a soleira, a abertura fechou-se atrás deles, isolando a noite e seus temores.

O túnel era curto, por isso logo chegaram a uma porta. Os meninos ficaram ao lado, enquanto o velho lutava com a fechadura.

– Quando a magia superior falha, carvalho e ferro ainda dominam – resmungou ele. – Ah! Pronto! Agora entrem e descansem.

4 - AS CAVERNAS DE FUNDINDÉLFIA

Entraram em uma caverna esparsamente mobiliada, mas confortável. No centro, havia uma mesa comprida e algumas cadeiras de madeira entalhada em volta. Em um canto, amontoadas, várias peles de animais. Pelo meio da caverna corria um estreito riacho. Seu leito era cavado no chão arenoso e desaparecia numa das paredes, formando antes uma poça, onde o velho mergulhou duas canecas de bronze, que encheu de água e ofereceu a Colin e Susan.

– Descansem – disse, apontando para o monte de peles – e bebam desta água.

As crianças deitaram no monte de peles e tomaram a água gelada. Ao primeiro gole a exaustão desapareceu e uma agradável quentura espalhou-se por seus corpos; seus cérebros entorpecidos clarearam e voltou-lhes a vitalidade.

– Oh! – exclamou Susan, olhando à sua volta como se só agora estivesse enxergando onde estavam. – Isto não pode ser real! Estamos sonhando! Colin, como fazemos para acordar?

Mas Colin estava olhando para o velho e não pareceu ter escutado. À sua frente estava um velho, é verdade, mas firme e ereto como um jovem; os argutos olhos cinzentos tinham a tristeza dos sábios; a boca, embora grave, era bondosa e tinha a capacidade de sorrir. – Então a lenda é verdadeira? – perguntou Colin.

– É – confirmou o mago. – Mas eu preferiria que não fosse; hoje foi um dia de azar para mim. Bem, vamos direto ao ponto – continuou o velho. – Precisamos descobrir o que há em vocês que chamou a atenção dos svarts-alfar, aqueles que eu chamei de larvas de Ymir, pois na verdade é muito estranho que filhotes de homens tenham causado tamanha comoção.

– Oh! Por favor! – interrompeu Susan. – Isso tudo é muito assustador! O senhor pode nos explicar primeiro o que aconteceu e o que eram aquelas criaturas lá no pântano? Não sabemos nem quem é o senhor, embora eu suponha que seja o mago.

O velho sorriu.

– Desculpem-me. Preocupado como estava, esqueci que viram uma porção de coisas que desconhecem.

– Quem sou eu? – continuou ele. – Tenho tido muitos nomes entre os vários povos, através das longas eras da terra, e alguns deles não podem agora ser pronunciados, pois são estranhos à sua língua, mas podem me chamar de Cadellin, como o povo de Elthan, nos dias que estão por vir, pois acredito que nossos caminhos estarão juntos durante algum tempo. As criaturas que encontraram são os duendes do mal, os svarts-alfar, na língua deles. São um povo covarde, que gosta da noite e detesta o sol, mais propenso a atacar nas trevas e raramente se aventurando sobre o solo a não ser que tenham uma boa razão. Eles não são mágicos, por isso não representam perigo para mim, mas teriam feito mal a vocês se eu não tivesse escutado seu alerta ecoando pelos ocos do morro. Agora vocês precisam me dizer quem são vocês e o que os atraiu a tal perigo esta noite.

Colin e Susan contaram por que tinham vindo para Alderley, e tudo o que acontecera desde a chegada.

– Depois do almoço – concluiu Colin –, nós fomos passear pela Borda e voltamos para a fazenda, onde passamos toda a tarde; mais ou menos às sete e meia retornamos. Não vejo como poderíamos ter atraído a atenção de alguém.

– Hum... – resmungou Cadellin, pensativo. – Agora digam-me o que ocorreu esta noite, porque eu ainda não compreendo a razão de tudo o que aconteceu.

As crianças contaram a fuga e captura e, quando terminaram, o mago ficou calado alguns minutos.

– Na verdade tudo isso é muito confuso – disse o mago finalmente. – O corvo foi enviado para ajudar na sua captura e eu não tenho dúvidas sobre quem o enviou. Mas *por que os* morthbroods estariam preocupados com vocês? É algo com que não consigo atinar. Entretanto preciso descobrir a razão, para a segurança de vocês e também para a minha, pois o alvo deles é a minha destruição, e, de algum modo, sinto que vocês poderiam ajudá-los em seu intento. Talvez sua próxima ação vá nos esclarecer, pois logo saberão o que aconteceu aqui esta noite e ficarão muito alarmados. Mas eu darei a vocês toda a proteção que puder e encontrarão nestas florestas tanto amigos quanto inimigos.

– Mas por que o *senhor* corre perigo? – perguntou Susan. – E quem são os… como é mesmo… os morthbroods?

– Ah! É uma história comprida demais para ser contada agora e da qual eu muito me envergonho. Mas acho que vocês precisam ouvir esta também. Se já se sentem recuperados, vamos e terão parte da resposta para as suas perguntas.

Cadellin guiou as crianças para fora da caverna, por um longo túnel que serpenteava pelas profundezas, até chegarem ao coração do monte. Conforme desciam, o ar ficava mais gelado e a luz mais forte, mudando de azul para branca, até que finalmente chegaram a uma outra caverna comprida e com o teto baixo. Um barulho de ondas quebrando numa praia no verão enchia o ar de ecos; diante dos olhos das crianças, lá estavam os cavaleiros com suas armaduras prateadas, dormindo seu sono encantado e, ao lado de cada um, uma égua branca como leite, exatamente como a lenda que Gowther tinha contado; o ruído de sua respiração suave enchia a caverna com um som doce e delicado. Sobre aquelas figuras imóveis e em volta delas, chamas brancas ondulavam silenciosamente.

Bem no centro da caverna, o chão elevava-se na forma de um divã de pedra; ali estava o cavaleiro mais formoso de todos. Sua cabeça repousava sob um elmo cravado de pedras preciosas e pequenos aros dourados em cuja parte superior estava esculpido um dragão. Uma espada desembainhada jazia a seu lado e na lâmina havia a figura de duas serpentes de ouro. A lâmina brilhava tanto que era como se das cabeças das serpentes saíssem duas línguas de fogo.

– Há muitos anos – contou Cadellin –, além da memória dos livros dos homens, Nastrond, o Grande Espírito das Trevas, cavalgou pela planície em guerra. Mas contra ele levantou-se um grande rei e Nastrond foi derrotado. Então ele desvencilhou-se da forma terrena e fugiu para o Abismo de Ragnarok, deixando que os homens festejassem, pois acreditaram que o mal tinha desaparecido da terra para sempre. Entretanto o rei sabia, no fundo de seu coração, que isso nunca iria acontecer. Reuniu uma numerosa assembleia de magos e sábios e perguntou o que deveria ser feito para defender-se do retorno do inimigo. Foi profetizado que, quando o dia chegasse, Nastrond seria vitorioso, pois não haveria ninguém bastante puro para enfrentá-lo; até então ele teria posto um pouco de si mesmo no coração de cada homem. Mesmo agora, diziam, ele estava enviando, do fundo de sua toca em Ragnarok, negros pensamentos, que iriam flutuar incessantemente entre as pessoas até que os mais fortes ficassem contaminados e ele tivesse um ponto de apoio em cada mente.

– Mas havia ainda uma esperança – continuou Cadellin. – O mundo poderia ser salvo se um grupo de guerreiros, com o coração puro e destemido, pudesse desafiá-lo nessa hora e obrigá-lo a mais uma vez mergulhar no abismo. Sua força não se apoiaria em números, e sim na pureza e no valor. Então, foi arquitetado o seguinte plano: o rei escolheu os mais valorosos de seus cavaleiros e rumou com eles para Fundindélfia, o antigo castelo, onde eles foram mergulhados em um sono encantado. Isso feito, os mágicos mais poderosos daquela época puseram-se em ação, tecendo um encantamento. Dia e noite eles trabalharam juntos, sem pausa para alimentação ou sono, até que, finalmente, Fundindélfia foi protegida pela mágica mais poderosa que o mundo já conheceu, mágica que poupava os adormecidos cavaleiros de se tornarem velhos e fracos e evitava que o mal conseguisse vencer.

– O coração da mágica estava selado no interior de Fogofrio, A Pedra Encantada de Brisingamen,

e ela e os cavaleiros ficaram sob minha guarda. Aqui eu vou permanecer para sempre, mantendo vigilância, até que chegue o momento em que deverei convocar os Cavaleiros Adormecidos e enviá-los para enfrentar a maldade de Nastrond.

– Mas, Cadellin, nos tempos de hoje, como espera vencer uma batalha com apenas cento e quarenta homens a cavalo? – perguntou Susan.

– Ah – respondeu o mago –, devem lembrar-se de que ainda não soou a hora de Nastrond. A profecia diz que estes poucos poderiam levá-lo à derrota, e eu tenho fé: a roda dará uma volta completa e esse dia chegará.

Essa resposta era ambígua e dificilmente satisfatória, mas, enquanto Susan tentava encontrar algum sentido, o mago encerrava sua história:

– Mas, quando isolaram Fundindélfia, não havia senão cento e trinta e nove éguas alvas como leite, puras e adultas. Fui, portanto, obrigado a esperar por aquele animal para completar o grupo. Quando finalmente ele surgiu, eu não tinha ideia de como iria me custar caro. Bem, agora vou deixar de lado este assunto para voltar a Nastrond. O que tínhamos realizado em Fundindélfia logo chegou até ele, que ficou furioso e assustado. Mas seu negro coração não tinha poder diante da soma de nossas forças. Portanto, ele também traçou um plano.

– Numa caverna vizinha à dos Cavaleiros Adormecidos, haviam sido guardados metais preciosos e joias para uso do rei, na tentativa de corrigir as maldades do mundo, se conseguisse vencer Nastrond. Esse tesouro, guardado em Fundindélfia, estava seguro, desde que o encanto permanecesse inviolado. Embora Nastrond não pensasse no tesouro, desejava desesperadamente quebrar o encanto. Se conseguisse, os Cavaleiros Adormecidos despertariam e se tornariam homens comuns, que envelhecem e morrem, virando pó séculos antes de sua volta. Na terra não haveria mágica bastante poderosa para outra vez mantê-los jovens em Fundindélfia. Convocou então as bruxas e os bruxos do Morthbrood, uma confraria do mal, e os svarts-alfar, duendes do mal, junto com muitos de seus ministros, e enterrou a cobiça e o desejo de riquezas em seus corações, contando-lhes sobre o tesouro, que seria deles, se conseguissem pegá-lo. Desde então, eles têm se desdobrado para descobrir como quebrar o encanto. A princípio eu não tinha motivos para temer, pois toda a feitiçaria dos morthbroods, embora poderosa, e todas as vassouras e martelos dos svarts não podem vencer onde a arte de Nastrond falhou. Então, quando encontrei a última égua branca, a calamidade caiu sobre mim.

– Esta luz à nossa volta é a magia que protege tudo aqui e suas chamas são o tormento dos seguidores de Nastrond: a fonte desta magia fica na pedra Fogofrio, o fogo gelado. Enquanto Fogofrio existir e houver luz em Fundindélfia, os Cavaleiros Adormecidos estarão em segurança. Cada dia que passa receio ver as chamas tremerem e se renderem às sombras, e depois escutar os murmúrios dos homens acordando de seu sono e o relinchar dos animais. Sabem por quê? Perdi A Pedra Encantada de Brisingamen!

A voz de Cadellin tremia de raiva e vergonha; bateu o bastão no solo, com força.

– Perdeu? Não é possível! – exclamou Susan. – Mas, já que é uma pedra tão especial, seria fácil encontrá-la se estivesse por aqui, não seria?

O mago sorriu tristemente.

– Mas *não* está aqui! Pelo menos disso eu tenho certeza. Venham, eu vou lhes mostrar a prova.

Levou as crianças por uma abertura na rocha, onde havia um túnel com cerca de uns nove metros de comprimento, e, no caminho, Cadellin parou diante de um pequeno nicho de, no máximo, quinze centímetros, cavado na parede.

– Aqui é o relicário de Fogofrio – disse ele – e, como veem, está vazio.

Chegaram depois a uma caverna semelhante à anterior, onde Colin e Susan pararam maravilhados.

Ali estava o tesouro: montanhas de pedras preciosas, ouro e prata, que se estendiam até longe, como dunas de areia no deserto.

– Que lindo! – exclamou Susan. – Olhem só as cores!

– Vocês não as achariam tão belas se tivessem de fazer passar entre os dedos cada diamante, cada pérola, safira, ametista, opala, granada, granada almandina, topázio, esmeralda em toda esta imensa caverna, à procura de uma pedra que não está aqui!

– Passei cinco anos trabalhando nesta caverna e anos explorando cada galeria e caminho de Fundindélfia sem sucesso. A única coisa que posso pensar é que aquele velhaco fazendeiro era mais ambicioso do que parecia. Quando me seguia pelo túnel, quase sem poder andar de tanto ouro que carregava, viu a pedra e, sem dizer nada, traiçoeiramente a roubou. Talvez tivesse pensado que era uma bonita pedra ou, quem sabe, ele me viu recolocá-la no lugar depois que induzi a égua ao sono mágico enquanto estufava seus bolsos.

– Raramente eu venho a este lugar e demorou cem anos para voltar e dar pela falta da pedra. Primeiro procurei por aqui; depois saí à procura do fazendeiro ou de sua família. Naturalmente, àquela altura ele estava morto e eu não consegui encontrar os seus descendentes. Embora minha procura tenha sido discreta, os morthbroods acabaram sabendo alguma coisa, e não demorou muito para desconfiarem da verdade. Por toda a região eles também procuraram e foram até mesmo às desoladas terras altas do leste, para os lados de Ragnarok, mas nem eles nem seus sabujos svarts encontraram o que procuravam, nem tampouco eu encontrei.

– Se Fogofrio caísse nas mãos de Nastrond, o perigo, na verdade, seria grande, pois, embora ele seja impotente contra a magia contida em seu interior, poderia destruir a pedra, cuja mágica pereceria imediatamente.

– Fogofrio já era uma antiga pedra mágica de grande poder, antes que a presente magia fosse encerrada dentro dela, e não seria destruída com facilidade. Enquanto a luz brilhar aqui dentro, eu saberei que, em algum lugar, a pedra está intacta e existe esperança.

– Agora vocês conhecem a história de meu tormento e, acredito, têm a resposta às suas perguntas. Mas já é hora de vocês voltarem para casa, pois está ficando tarde e seus amigos devem estar preocupados. E terão motivo de sobra para se preocuparem se não descobrirmos logo os motivos dos acontecimentos desta noite.

O mago e os dois meninos fizeram o caminho de volta, passando pela Caverna dos Cavaleiros Adormecidos, dali subiram pelos compridos corredores e enormes cavernas, até chegarem a um ponto onde o caminho estava bloqueado por portões de ferro e, atrás deles, por um bloco maciço de rocha. O mago tocou neles com seu bastão e, lentamente, eles se abriram.

– Estes portões foram feitos por anões, para protegerem seus tesouros da sanha vasculhadora dos svarts, mas, sem a ajuda da magia, seriam de pouca utilidade contra quem agora quer entrar.

Enquanto falava, Cadellin encostou a mão na pedra e uma fenda escura surgiu na rocha, por onde o ar noturno, frio e úmido entrou.

Estava muito escuro lá fora e o medo recente por que tinham passado fazia com que Colin e Susan relutassem em deixar a claridade e a segurança de Fundindélfia, mas, permanecendo perto do mago, passaram pela abertura e, mais uma vez, encontraram-se sob as árvores, ao lado da encosta do morro.

Os portões se fecharam atrás deles com um estrondo que estremeceu a terra e, quando os olhos se acostumaram à luz do luar, as crianças viram que estavam além da cadeia de rochas que tinham tentado alcançar quando fugiam nas profundezas do bosque de faias com os horríveis svarts em seus calcanhares.

Ao longe, à sua esquerda, podiam divisar a forma da fileira de rochas acima do vale.

– Foi ali que os svarts nos atacaram – disse Colin, apontando.

– Não estou surpreso – comentou Cadellin, sorrindo. – Aquele tronco em forma de sela, Saddle-bole, sempre foi o refúgio onde os svarts se reúnem; um ótimo lugar vocês arrumaram para apreciar o pôr-do-sol!

Caminharam na direção da Ponta das Tormentas.

Tudo estava quieto; só havia pedras e o luar. Quando passaram pelo Túmulo do Diabo, Colin e Susan instintivamente chegaram mais perto do mago, mas nada se movia na escuridão da caverna.

– Os svarts vivem em todas as minas? – perguntou Susan.

– Vivem. Eles têm os seus próprios refúgios, mas, quando os homens começaram a cavar por aqui, eles os seguiram, esperando que Fundindélfia fosse descoberta. Quando os homens partiram, eles tomaram conta de tudo. Portanto, vocês precisam ficar longe das minas a todo custo!

Cadellin levou as crianças da Ponta das Tormentas para uma trilha comprida que passava pelo bosque e ia dar nos campos e de onde virava, repentinamente, ao longo do prado, bordejando a floresta.

– Aquele – contou o mago – era antigamente o caminho dos elfos e algo da antiga magia ainda permanece. Os svarts não põem o pé ali e os morthbroods só entrariam ali se fortemente pressionados. Mesmo assim, não conseguiriam andar lá por muito tempo.

Recomendou aos meninos que fossem por essa estrada se precisassem falar com ele, e que não se desviassem dela, pois havia trechos na floresta carregados de fluidos maléficos e muito perigosos.

– Mas isso eu acho que vocês já perceberam! – Na verdade ele pensava que o melhor mesmo seria que ficassem longe da floresta e de nenhum modo saíssem de casa depois de o sol se pôr.

A trilha terminava ao lado da taverna "O Mago".

Mal tinham andado cem metros, escutaram o ruído de cascos e, depois da curva, à sua frente, viram a silhueta de um cavalo e uma carroça com lanternas de óleo piscando de cada lado.

– É Gowther!

– Não falem sobre mim – pediu Cadellin.

– Mas... mas... - balbuciou Susan.

No minuto seguinte, eles estavam sozinhos.

– Xô! – gritou Gowther para Prince. – Olá! Não acham que é um pouco tarde para procurar magos? Já passa das onze horas, vocês sabiam?

– Oh, desculpe, Gowther – disse Colin. – Nós não queríamos nos atrasar, mas nos perdemos e caímos num pântano e levou muito tempo para encontrarmos outra vez a estrada.

Colin achou que esta meia mentira seria mais prontamente aceita do que a verdade e era óbvio que Cadellin desejava que sua presença permanecesse secreta.

– Muito bem, então é assunto encerrado. Mas tomem cuidado da próxima vez, porque existem muitos buracos de minas por aí. Bess já queria chamar a polícia e os bombeiros para procurar vocês.

– Agora – continuou ele –, se vocês andaram perto do pântano de Holywell, acho que vão precisar de um banho.

Chegando à fazenda, Colin e Susan não perderam tempo, tirando logo as roupas enlameadas e subindo para um banho quente de banheira. De lá, foram direto para a cama, e Bess, que ficara o tempo todo perto deles, como uma galinha choca com sua ninhada, trouxe-lhes leite quente com pão torrado.

Se as crianças estavam cansadas para pensar, estavam mais ainda para falar sobre a aventura; entraram meio zonzas na cama e tudo se tornou confuso e vago; era impossível ficarem despertas. Colin mergulhou em um mundo cheio de trens expressos, pássaros negros, mato, túneis, folhas mortas e podres, e cavalos.

– Puxa vida! – balbuciou ele. – O que é o quê? São magos e duendes? Nós ainda estamos em casa? Preciso perguntar a Susan sobre... sobre... oh cavaleiros... perguntar a mamãe... não acredito em

fazendeiros... não... em feiticeiros... e coisas... ah.

Colin começou a roncar mansamente.

Na crista do Riddings, vigiando a casa da fazenda banhada pelo luar, estava uma figura negra, alta e esquelética. Em seu ombro, estava empoleirado um horrível pássaro negro.

5 - A NOITE DAS BRUXAS

O dia seguinte foi frio e chuvoso. As crianças dormiram até tarde e só por volta das nove horas desceram para tomar café.

– Achei melhor deixar vocês descansarem – disse Bess. – Ontem à noite vocês estavam mortos de cansaço; e ainda estão um pouco pálidos esta manhã. Acho melhor que hoje tenham mais calma e não andem pelos lados da Borda.

– Acho que já vimos bastante da Borda por um ou dois dias – disse Susan. – Foi realmente um exagero.

Mal tinham acabado de tomar café, um caminhão chegou da estação com as malas e as bicicletas dos meninos, deixando Colin e Susan ocupados, desempacotando suas coisas.

– O que achou de ontem à noite? – perguntou Susan logo que ficaram sozinhos. – Parecia um pesadelo, não é?

– Era o que eu estava pensando na cama. Mas não pode ser. Nós dois termos imaginado a mesma coisa? O mago *está mesmo em apuros*, não está? Eu não gostaria de viver o tempo todo sozinho e estar sempre me protegendo contra coisas como aqueles svarts. Ele falou de coisas *piores* do que svarts, lembra? Eu nunca acreditaria que pudesse existir algo pior do que aquelas mãos grudentas e aqueles olhos enormes e pés chatos batendo e espirrando lodo. Estou contente por não ser um mago!

Não conversaram muito sobre a perseguição e o salvamento. Ainda eram coisas por demais recentes para que pensassem nelas sem tremer e sentir aflição. Por isso, falaram mais sobre o mago e sua história e só quase no fim da tarde acabaram de desempacotar e encontrar um lugar para cada coisa.

Colin e Susan foram tomar o chá. Gowther estava sentado à mesa, conversando com Bess.

– E uma porção de coisas estranhas aconteceram também depois do jantar! Primeiro, fui até o celeiro buscar uns sacos e, "benza Deus", o lugar estava cheio de corujas! Contei mais ou menos duas dúzias, empoleiradas nas vigas… algumas bem grandes. Elas devem estar pensando que estamos criando ratos ou coisa parecida. Eu nunca vi corujas como aquelas! E mais uma vez, há uma hora, um sujeito veio falar comigo em Front Baguley, perguntando se eu tinha emprego para ele. Não fui com a cara dele. Era anão, com barba e cabelos pretos e compridos e a pele parecia de couro. Ele falava esquisito, não era daqui, falava com sotaque de cigano, eu acho. E as roupas! Parecia que tinha dormido com elas!

– Então – continuou Gowther –, quando eu disse que não precisava de ninguém, tive a impressão de que ele ficou triste, e começou a contar sua história de falta de sorte. Pediu que eu desse uma oportunidade, mas, quando dei ordem para ele se mandar, nem discutiu, deu meia-volta e foi andando, dizendo que eu poderia me arrepender de tê-lo tratado assim e que não ia demorar para que isso acontecesse. Parecia estar furioso. Por isso, acho melhor que Scamp fique de guarda uma noite ou duas, só para prevenir.

O mago tinha pedido a Colin e Susan que mantivessem as janelas bem fechadas, não importando se os quartos ficassem quentes e abafados. Assim, o tempo frio foi bem-vindo e dormiram profundamente naquela noite.

Mas não Gowther. Os furiosos latidos de Scamp o acordaram às três da manhã. Era aquele tom agudo e contínuo que ele usava para estranhos, não os latidos abafados que costumeiramente se ouvia quando respondia a outros cães, pássaros ou mesmo ao vento. Gowther enfiou as roupas, pegou a espingarda e a lanterna que ele deixara à mão e foi para a porta.

– Eu sabia, eu sabia! O ladrãozinho está atrás de minhas galinhas. Vou dar galinhas a ele!

– Tome cuidado, homem – disse Bess. – Você é maior do que ele e por isso tem mais lugar para apanhar.

– Comigo, tudo bem! – respondeu Gowther. – Mas com ele... ele vai ver só!

Desceu a escada e saiu para o pátio.

Nuvens pesadas escondiam a lua, havia pouca brisa. Os únicos sons eram os latidos frenéticos de Scamp e o alvoroço das galinhas, assustadas.

Gowther dirigiu a luz da lanterna para dentro do galinheiro. O aramado estava perfeito e o portão, fechado. No centro do foco de luz estava Scamp. Seu pelo estava eriçado; na verdade todo o pelo ao longo das costas parecia estar em pé, as orelhas estavam coladas contra a cabeça e os olhos faiscavam amarelo, à luz da lanterna. Ele latia e rosnava, algumas vezes parecia gritar, e arranhava o chão com movimentos duros das patas. Gowther abriu o portão.

– Vá atrás dele!

Scamp saiu devagar do galinheiro, a boca terrivelmente retorcida. Gowther ficou espantado; tinha esperado que ele saísse como um foguete.

– Vamos, meu velho! Ou ele vai escapar.

O cão corria para a frente e para trás, ainda latindo; depois seguiu em direção ao portão do pasto, rosnando, o corpo próximo ao chão, e desapareceu na escuridão. Um minuto depois, o rosnado transformou-se em ganido e ele correu de volta até onde estava Gowther, mais uma vez latindo desesperadamente. Tremia incontrolavelmente. Sua fúria tinha sido evidente o tempo todo, mas Gowther agora percebia que, mais do que qualquer outra coisa, o cão estava aterrorizado.

– O que há, meu velho? O que o assustou? – perguntou Gowther carinhosamente, enquanto se ajoelhava para acalmar o animal, que tremia. Depois levantou-se, foi até o portão, a arma engatilhada, e dirigiu a luz para o campo.

Não havia nada errado, pelo que pôde observar, mas Scamp, embora mais calmo, ainda espumava, andando a seu lado. Nada errado, entretanto... havia alguma coisa... espere... ele fungou no ar... era mesmo... ? Sim! Um ar frio e grudento bateu no rosto de Gowther e com ele um cheiro tão estranho, tão desagradável, tão inesperado que um medo instintivo trouxe-lhe um frio na boca do estômago. Era cheiro de água parada e de podridão. Dilatou as narinas e o fedor foi alojar-se em seus pulmões; por um instante, Gowther teve a sensação de estar sendo puxado para baixo, para o fundo de um pântano negro, velho e cheio de maldade. Deu meia-volta, tossindo sem fôlego, os olhos arregalados, os cabelos da nuca arrepiados. Mas instantaneamente o fedor passou e ele, mais uma vez, respirou ar puro.

– Por Deus, alguma coisa está solta esta noite! Foi aqui perto, não tem dúvida. Bem, vamos dar uma olhada por aí.

Primeiro ele foi até o estábulo, onde encontrou Prince batendo nervosamente os cascos no chão, todo coberto de suor.

– Ei, cara! – disse Gowther suavemente, enquanto passava as mãos nas ancas trêmulas do cavalo. – Não precisa se assustar. Espere, que vou dar uma boa esfregada em você.

Aos poucos, Prince acalmou-se enquanto Gowther o esfregava com um pano seco. Scamp também estava mais calmo. Agora a cabeça estava erguida no pescoço mas ainda rosnava baixinho, ameaçador, em vez de assustado, como se tentasse provar que nunca sentira outra coisa a não ser raiva naquela noite.

"Ah!", pensava Gowther, "você nunca teve medo de homem ou de bicho; não estou gostando nem um pouquinho disso!"

No curral as vacas estavam impacientes, mas não tão excitadas quanto Prince, apesar dos olhos que reviravam nas órbitas e das narinas que fungavam.

– Não há nada por aqui, Scamp. Vamos dar uma olhada no celeiro.

Lá tudo parecia normal também.

– Bem, parece que tudo está em ordem – disse Gowther. – Vamos dar uma olhada em volta da casa e tomar uma caneca de chá e então já estará na hora da ordenha. Puxa vida, não tem sossego para o mal!

O céu já mostrava as primeiras e tênues luzes do dia quando atravessaram o pátio; logo mais uma manhã nasceria, afastando os temores da noite. Gowther começava a sentir-se envergonhado pelos momentos de medo e sentia-se aliviado por ninguém estar por perto para testemunhar.

"Puxa, é engraçado como sua imaginação funciona... ", pensou. De repente, estacou enquanto Scamp gania, grudado às suas pernas. Do meio da escuridão, bem acima de sua cabeça, Gowther ouviu um único pio, áspero demais para ser humano, entretanto muito mais do que animal.

Pela segunda vez naquela noite, o sangue gelou em suas veias. Então, respirando fundo, com passos firmes, caminhou rapidamente para casa, sem olhar para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo, com Scamp ainda em seus calcanhares. Com um movimento brusco levantou o trinco, atravessou a soleira, fechou a porta e puxou o ferrolho. Devagar, ele se virou e olhou para Scamp.

– Não sei de você, meu velho, mas eu vou tomar uma xícara bem forte de chá.

Acendeu a lâmpada de parafina, pôs a chaleira sobre o fogão e, enquanto esperava a água ferver, foi de quarto em quarto para ver se tudo estava em ordem, pelo menos ali. Tudo estava tranquilo. Mas, quando passou pelo quarto de Susan, uma voz sonolenta perguntou que horas eram e por que Scamp tinha feito tanto barulho. Gowther respondeu que uma raposa tinha tentado pegar as galinhas, pelo menos era o que desconfiava, mas Scamp a tinha afugentado. Contou uma história parecida para Bess.

– E ele começou a latir contra a própria sombra, estava muito excitado.

– Ah, é? Então o que fez você suar como um queijo? – perguntou Bess, desconfiada.

– Bem – respondeu Gowther, atrapalhado –, acho que é um pouco cedo para ficar zanzando, na minha idade. Mas não vou recusar uma xícara de chá... hum... vou trazer uma para você, a água já está fervendo.

Gowther refugiou-se na cozinha. Nunca fora fácil esconder alguma coisa de Bess, ela o conhecia bem demais. Mas o que poderia dizer? Que ele, um homem do campo, tinha se apavorado por causa de um cheiro e de um grasnido de um pássaro noturno? Quase corou só em pensar nisso.

Depois de ter feito o chá, se lavado e terminado de se vestir, já estava claro lá fora e era hora de tirar o leite. O sol já aparecia entre as nuvens e Gowther sentia-se muito melhor agora.

Estava no meio do pátio quando viu as penas negras e longas espalhadas sobre as pedras do chão.

6 - O CÍRCULO DE PEDRAS

Quinta-feira em Highmost Redmanhey sempre foi um dia trabalhoso, pois, além das tarefas normais, Gowther tinha de deixar as coisas preparadas para o dia seguinte, quando iria a Alderley para fazer as compras da semana e também passar na casa de velhos amigos e conhecidos, a quem supria com ovos e verduras. Assim, a maior parte da quinta-feira era dedicada a selecionar e limpar os produtos para o mercado de sexta.

Depois de todo o trabalho, Colin e Susan foram com Gowther até a oficina, na Paróquia de Mottram St. Andrew, para consertar o aro da roda da carroça. Isso os ocupou até a hora do chá. Depois Gowther perguntou a eles se queriam ir até Nether Alderley para ver se poderiam "encontrar" sua próxima refeição na Lagoa de Radnor.

Caminharam através dos campos e logo chegaram a um bosque. Ali o mato era mais denso do que na Borda e tinha muitos arbustos com espinhos. Por toda a parte, cresciam enormes rododendros. O bosque estava cheio de pássaros que cantavam nas árvores, pulavam nos arbustos e brincavam nas várias poças de águas tranquilas.

– Eu percebi uma coisa – disse Colin. – Achei a Borda estranha e agora sei por quê. É por causa…

– Dos pássaros – completou Gowther. – Lá não há nenhum. Não vale a pena comentar por quê. Insetos sim, mas pássaros, não. Sempre foi assim, que eu saiba, e não posso imaginar a razão. Você poderia pensar que, com tantas árvores, teria tantos quanto aqui, mas, considerando o tamanho do lugar, não se encontra nada de Salto do Esquilo até Daniel Hill. Muitas vezes andei por lá umas doze horas e não encontrei nada, a não ser um casal de corvos, mas já estava perto do Bosque Clockhouse. Pensando bem, é muito estranho mesmo.

No caminho passaram por um matagal com enormes rododendros. O chão era lodoso e coberto de troncos caídos; tinham de baixar as cabeças sob os ramos e saltar por cima das árvores caídas; Gowther conseguia, apesar de todas essas dificuldades, levar seu caniço e anzol sem danos. Parecia até saber por onde estavam indo. Susan pensou que devia ser muito desagradável ter de se movimentar depressa nesse terreno.

– Gowther, existem muitas minas por aqui? – perguntou a menina.

– Não, nenhuma. Estamos quase na planície e as minas ficam do outro lado do morro, atrás de nós. Por quê?

– Ah… eu estava só pensando…

Os rododendros terminavam nas margens de uma lagoa de uns oitocentos metros de comprimento por quatrocentos de largura.

– Chegamos – declarou Gowther, sentando-se em um tronco caído que avançava sobre a água. – É um pouco pantanoso, não é fácil chegar até aqui. Agora, se vocês abrirem a lata com as iscas, podemos descansar e ficar confortáveis.

Depois de ir até a ponta do tronco para jogar a isca, Gowther sentou-se com as costas contra as raízes e depois acendeu o seu cachimbo. Colin e Susan se espicharam no tronco enrugado e ficaram admirando a lagoa.

Em duas horas, tinham pescado três percas e então juntaram suas coisas e foram para casa, chegando bem antes do pôr-do-sol.

Na manhã seguinte, na Vila de Alderley, Susan foi com Bess andar pelas lojas enquanto Colin ficou para ajudar Gowther com as verduras. Encontraram-se para um lanche ao meio-dia e depois todos subiram na carroça e acompanharam Gowther em seu giro.

O dia estava quente e por volta das quatro horas Colin e Susan sentiam muita sede. Então Bess sugeriu que tomassem um sorvete e uma limonada.

– Gowther e eu temos de descer até Moss Lane – disse ela – e não estaremos aqui em cima antes de meia hora. Fiquem e refresquem-se um pouco.

Logo as crianças estavam sentadas na lanchonete da cidade, com sorvetes à sua frente. Susan brincava com seu bracelete e distraidamente tentava captar a luz para ver o coração azul de sua Lágrima.

– É sempre difícil ver – dizia. – Nunca sei quando ela... Oh! espere um pouco... Sim! Consegui! Sabe, ela me lembra da luz de Fundin.

Olhou para Colin. Ele a encarava, a boca aberta.

Ambos dirigiram o olhar para o pulso de Susan, onde a Lágrima brilhava tão inocentemente.

– Mas não pode ser! – murmurou Colin. – Ou pode... ?

– Não sei... Mas como?

– Não, é claro que não. O mago a teria reconhecido no instante em que pusesse os olhos nela, não teria?

Susan recostou-se na cadeira, soltando o ar num longo suspiro, mas um segundo depois ela empertigou-se toda, atordoada e excitada.

– Ele não poderia ter visto! Eu estava usando minha capa! Oh, Colin!!!

Tão chocado quanto a irmã, Colin não aguentou ficar sentado com essa dúvida. Era óbvio que tinham de descobrir, e rapidamente, se Susan estava usando Fogofrio ou um pedaço de cristal. Se fosse Fogofrio e tivesse sido reconhecido pelo povo errado, o ataque dos svarts poderia finalmente ter sentido.

Como a pedra tinha ido parar no pulso de Susan era uma outra história.

– Temos de encontrar Cadellin imediatamente – disse ela. – Porque, se esta pedra for Fogofrio, quanto mais depressa ele a tiver nas mãos, melhor para todos nós.

Nesse momento a carroça parou lá fora e Gowther avisou que estava na hora de voltarem para casa.

As crianças tentaram esconder seu nervosismo, mas o passo lento de Prince, ao subir a "frente" do morro, como era conhecido o lugar, deixava-os estourando de impaciência.

– Bess, tem certeza de que não se lembra de nada sobre a Pedra das Noivas? – perguntou a menina. – Eu quero descobrir tudo sobre ela.

– De jeito nenhum, Sue, contei tudo o que sabia. Minha mãe recebeu da mãe dela e sempre dizia que tinha sido passada dessa mesma maneira, não sei por quantos anos. E acredito que, se existia alguma história sobre ela, ninguém fora da família sabia, por receio de trazer sete anos de azar, mas minha mãe nunca foi dada a superstições e a esse tipo de diz-que-diz-que.

– Você sempre viveu em Alderley?

– Benza Deus, sempre! Nasci e fui criada em Suff, mas minha mãe era de Goostrey e eu acho que, antes, sua família tinha um ramo em Mobberley.

– Oh!

Colin e Susan mal podiam se conter.

– Gowther – disse Colin –, antes de irmos para casa, Sue e eu queremos ir à Ponta das Tormentas; qual é o caminho mais próximo?

– O quê? Antes de tomarem chá? – estranhou Bess.

– Sim, acho que sim. Sabe, é uma coisa muito importante e secreta, e nós precisamos ir.

– Vocês não estão pensando em descer nas minas, estão? – perguntou Gowther.

– Não, não – respondeu Colin. – Mas, por favor, temos de ir. Voltaremos logo e não se preocupem com o chá.

– Bem… o estômago é de vocês! Mas, olhe aqui, nós não queremos sair para procurar vocês à meia-noite! O melhor caminho é descerem no chalé do guarda-caça e seguirem pela trilha principal até ela se bifurcar, perto da antiga pedreira, então sigam pela esquerda; indo reto chegarão à Ponta das Tormentas.

Chegaram ao topo da Borda e, depois de uns quinhentos metros, Gowther puxou a rédea de Prince e pararam próximo a um chalé, de pedra vermelha, na beirada da floresta. Ao lado da casinha, em ângulo reto com a estrada, saía uma trilha que desaparecia entre as árvores e, segundo Gowther, era o caminho para a Ponta das Tormentas.

As crianças saltaram da carroça e correram pela trilha enquanto Gowther e Bess, continuando seu caminho, comentavam sentimentalmente como era bom ser criança.

– Não acha que devíamos seguir pelo caminho que Cadellin nos recomendou? Ele disse que era o único seguro, lembra?

– Não temos tempo de dar aquela volta toda v respondeu Colin. – Temos de mostrar a sua Lágrima o mais depressa que pudermos. De qualquer modo, Gowther disse que este é o caminho para a Ponta das Tormentas e ainda é pleno dia, portanto não vejo o que pode nos fazer mal.

– Bem, mas como vamos achar Cadellin quando chegarmos lá?

– Vamos direto até os portões de ferro e vamos chamá-lo. Como é um mago, tem de nos escutar… eu espero. De qualquer modo, temos de tentar!

Cada vez mais se perdiam na floresta e chegaram a um ponto do terreno onde o mato rareava e em seu lugar havia turfa, banhada pela luz do sol, filtrada por entre as folhas. Ali, no meio de tanta beleza, aprenderam tarde demais que as palavras dos magos raramente devem ser desprezadas e que armadilhas bem preparadas prendem fortemente sua presa.

De todos os lados saíram do chão línguas de névoa branca, que se juntaram numa neblina espessa à altura dos joelhos das crianças; dali subiram rapidamente, bloqueando a luz do sol e o mundo da vida e da claridade.

Era demais para Susan. Seus nervos falharam. Tudo o que importava era escapar daquela nuvem gelada e do que poderia haver dentro dela. Começou a correr cegamente, tropeçou, depois pisou em falso e caiu espichada no mato.

Não se machucou, mas o solavanco a trouxe de novo à razão: o solavanco… e mais uma coisa…

Ao cair, tinha estendido os braços para se proteger da queda, e, quando a cabeça voltou a funcionar, percebeu que não havia chão sob seus dedos, só o vazio. Ficou parada, sem se mexer.

– Sue, onde você está? – era a voz de Colin, falando baixinho. – Você está bem?

– Estou aqui. Tenha cuidado! Acho que estou na borda de um precipício, mas não consigo ver nada.

– Fique imóvel; vou chegar até onde você está – respondeu Colin.

Engatinhou na direção da voz de Susan, mas, mesmo àquela distância tão curta, errou um pouco de sentido e levou um bom tempo para encontrá-la; depois, deitou-se cuidadosamente a seu lado.

A turfa acabava sob seu nariz, e além só havia um mar cinzento. Colin pegou uma pedrinha, que atirou pela ribanceira. Passaram uns três segundos até escutarem bater ao fundo.

– Foi sorte você ter tropeçado, Sue! É uma boa distância até embaixo. Aqui deve ser a antiga pedreira. Fique em silêncio um pouco e escute.

Aguçaram os ouvidos para captar o menor ruído, mas não havia nada para ser ouvido. Parecia que eram os únicos seres vivos sobre a terra.

– Temos de voltar para a trilha, Sue. E precisamos fazer o mínimo barulho possível, porque o que quer que tenha feito esta neblina vai procurar nos escutar. Se não encontrarmos o caminho, podemos caminhar em círculos até a noite, supondo, é claro, que nos deixem em paz até lá.

– Vamos primeiro sair desta pedreira, não há razão para procurarmos encrenca.

Levantaram-se e, de mãos dadas, andaram devagar na direção da trilha.

Conforme os minutos passavam, Sue ia ficando ansiosa.

– Colin – disse afinal –, tenho certeza de que não dei mais do que uma dúzia de passos quando tropecei e já estamos andando há uns cinco minutos. Acha que estamos no caminho certo?

– Não, não acho. E não sei qual é o caminho certo, portanto temos de torcer para que dê certo. Vamos tentar andar em linha reta e talvez deixemos a neblina para trás.

Mas não conseguiram, ou a neblina tinha se espalhado por uma larga área, ou, como as crianças começaram a suspeitar, estava se movendo com eles. Fizeram muito pouco progresso; a cada meia dúzia de passos paravam e escutavam, mas só havia o silêncio; aquilo era tão enervante quanto o ruído de algo que eventualmente se mexesse. Também era impossível enxergar mais do que uns dois metros em qualquer direção e eles temiam cair em algum buraco de mina ou mesmo da pedreira, pois tinham perdido completamente o sentido de direção.

A trilha parecia ter sumido; mas, de fato, os meninos a tinham cruzado um pouco antes, sem perceber. Ao se aproximarem dela, a névoa tinha se acumulado bem rente ao chão, escondendo-a, até que a trilha ficasse para trás.

Depois de quinze minutos, Colin e Susan tremiam incontrolavelmente e a umidade entrava por seus ossos. De vez em quando o tronco de algum pinheiro surgia no meio da neblina, o que lhes dava a impressão de que caminhavam ao longo de um lugar com colunas sem começo nem fim.

– Estamos andando em círculos, Colin. Vamos mudar de direção em vez de tentar andar em linha reta. – Não podemos ficar mais perdidos do que já estamos.

– Vamos então tentar de outro jeito – concordou o menino.

Não podiam acreditar em sua sorte. Em meio minuto chegaram a um carvalho e depois a outro. A neblina continuava densa, mas eles sabiam que estavam caminhando em terreno novo, e isso era encorajador.

– Oh! Como gostaria que Cadellin aparecesse! – exclamou Susan.

– É uma boa ideia! Vamos gritar por socorro; ele pode nos escutar.

– Mas vamos revelar onde estamos.

– Não acredito que isso importe agora. Vamos tentar.

– Está bem!

– Um, dois, três. CA-DEL-LIN! Socorro! CA-DEL-LIN!

Era como gritar em uma cela acolchoada. Suas vozes, baixas e sem vibração, eram abafadas pelo manto cinzento.

– Não deve ter chegado muito longe – disse Colin, desanimado. – Vamos tentar outra vez. Um, dois, três. Socorro! CA-DEL-LIN! Socorro!

– Não adianta – falou Susan. – Ele nunca nos escutará. Temos de encontrar o caminho sozinhos.

– E vamos conseguir se seguirmos nosso ritmo – disse Colin. – Se a coisa quisesse ter nos atacado, já teria feito isso, não é? Não!? Queriam era nos assustar para cairmos no precipício ou algo assim. Se formos devagar, iremos nos salvar.

Ele estava enganado, mas não tinha outro plano. Nos minutos seguintes, as crianças caminharam em silêncio, Susan concentrada no chão onde pisava, Colin alerta para qualquer ruído ou qualquer visão que significasse perigo.

De repente Susan parou.

– Mas o que é isto?

A seus pés estavam duas pedras grandes e, além delas, de cada lado, uma fileira de outras do mesmo tamanho, meio escondidas pela neblina.

– O que pode ser isso? Parece que foram postas deliberadamente, não parece?

– Não importa – disse Colin. – Não podemos perder tempo, andando em volta.

E passaram no meio das pedras, somente para parar alguns passos adiante; havia desespero em seus corações, gelados como o vento leste.

A pergunta de Susan foi respondida. Estavam dentro de um círculo de pedras, e formas circundantes, baixas e escuras marcavam o limite de sua visão como se marcassem os limites do mundo.

Em frente das crianças havia duas pedras, maiores do que as outras, e numa delas sentava-se uma figura que assustaria até mesmo o mais destemido dos homens.

Por três longos segundos as crianças olharam, incapazes de pensar ou de se mover. E quando hesitaram a armadilha fechou-se sobre eles; como mil cobras, o mato dentro do círculo transformou-se devido à magia do lugar, retorcendo-se sob seus pés, prendendo-os numa teia de raízes e folhas, apertadas como um torno.

Como num pesadelo, Colin e Susan lutavam para se livrar, mas estavam presos como vespas no mel.

Lentamente a figura levantou-se e caminhou até eles. Tinha forma humana, embora não se parecesse com um ser mortal, media cerca de dois metros e meio de altura e estava vestido, da cabeça aos pés, com um manto úmido e esverdeado, que, solto, mal escondia a terrível magreza do corpo, semelhante a uma aranha.

Um capuz escondia o rosto e luvas vestiam as mãos descarnadas; nesse momento o ar era pesado, com um terrível fedor de águas podres.

A criatura parou em frente de Susan e estendeu a mão. Nenhuma palavra foi dita.

– Não! – gritou Susan. – Você não vai pegá-la, e escondeu o braço atrás das costas.

– Deixe-a em paz – berrou Colin. – Se fizer mal a ela, Cadellin vai te matar!

A cabeça encapuzada virou-se devagar para o menino, que olhou aterrorizado para o vazio lá dentro. A coragem o abandonou, seus joelhos pareciam gelatina.

Então, subitamente, a criatura esticou os braços e agarrou as duas crianças pelos ombros.

Eles não tiveram meios de lutar ou de se defender. Com uma velocidade que estrangulou o grito de angústia em suas gargantas, um gelado torpor desceu das garras que os levantavam e penetrou em seus corpos, deixando os meninos paralisados, incapazes de mover um dedo.

Rapidamente, o bracelete foi retirado do pulso de Susan e a terrível criatura deu meia-volta e penetrou na névoa.

Nesse momento, a neblina formou uma nuvem serpenteante que subiu entre as árvores e sumiu.

O sol brilhou sobre o círculo de pedras e iluminou as figuras dos meninos, imóveis, no centro.

Os raios quentes espalharam vida e sensibilidade naqueles corpos endurecidos e eles começaram a se mover.

Primeiro um braço esticado, duro como de uma boneca, depois uma cabeça que se virou, uma perna que moveu. Vagarosamente o torpor desapareceu de seus membros, o mato que os prendia afrouxou a prisão e as crianças caíram para a frente com joelhos e mãos apoiados no chão, tremendo e arfando, o sangue em suas cabeças latejando.

– Fora... do círculo – balbuciou Colin. Cambalearam para fora e quase desabaram sobre um pequeno banco na trilha.

– Vamos encontrar Cadellin. Quem sabe ele vai conseguir impedir. Acho que lá... está... a Ponta das Tormentas.

Suas pernas estavam endurecidas e cada músculo doía, mas andaram o mais rapidamente que podiam.

Alguns minutos depois deram um grito de alegria, pois a trilha realmente levava à Ponta.

Através das pedras eles correram na direção dos portões de ferro; quando chegaram à rocha, atiraram-se nela, batendo com os pulsos e gritando o nome do mago. Mas só conseguiram punhos

feridos. Nenhum portão surgiu, nenhuma caverna se abriu.

Colin estava frenético. Agarrou uma pedra no chão do tamanho de sua cabeça, e começou a bater na pedra silenciosa, gritando:

– Abra! Abra! Abra! Abra! Abra!

– Ora, isso são modos de visitar um mago! - disse uma voz acima deles.

7 - FENODYREE

Colin e Susan olharam para cima, não sabendo o que podia ser. A voz parecia amiga, mas isso era alguma garantia agora?

Em cima da rocha dois pés se balançavam e, entre eles, dois olhos negros como carvão, num rosto parecendo de couro, barbado, e com sobrancelhas revoltas.

– Rochas são velhas almas teimosas; estavam aqui antes de nós chegarmos e ficarão aqui quando formos embora. Têm todo o tempo que existe e não se apressarão.

Depois dessas palavras, o rosto desapareceu, as pernas balançaram e também sumiram, ouviu-se um barulho de algo escorregando, um ruído de queda, e detrás da rocha surgiu um homenzinho de pouco mais que um metro. Usava uma túnica cinza com cinto, com espirais verdes na barra, botas pontudas e calções ajustados por tiras de couro. Seus cabelos negros chegavam à cintura e sobre a sobrancelha havia uma argola de ouro.

– Você... é um anão? – perguntou Susan.

– É o que sou – respondeu, fazendo uma mesura. – Por nome Fenodyree, Pele de Vinho ou Nariz Chato para amigos desrespeitosos. Façam sua escolha.

Ele se endireitou e olhou-os atentamente. Seu rosto tinha as mesmas características de sabedoria e de idade que tinham encontrado em Cadellin, mas havia aqui mais alegria e um coração mais leve.

– Oh! Por favor – disse Susan. – Se puder, leve-nos até o mago. Aconteceu uma coisa terrível e ele precisa saber imediatamente, mas talvez já seja tarde demais.

– Tarde demais? – repetiu Fenodyree. – Mas cá estou eu querendo saber de fofocas quando tudo em volta está num turbilhão e necessitando de ação urgente! Vamos achar Cadellin.

Ele passou as mãos pela rocha áspera, como faz um homem acariciando seu cavalo favorito. A rocha troou poderosamente e abriu-se em dois pedaços; lá estavam os portões de ferro e a luz azulada de Fundindélfia.

– Agora os portões – disse Fenodyree vivamente. – Foi meu pai quem os fez e por isso eles me escutam, embora não tenha o poder de um mago.

Encostou a mão no metal e os portões se abriram.

– Fiquem perto, senão podem se perder no caminho – disse Fenodyree, olhando para trás.

Começou a correr túnel abaixo; Colin e Susan corriam atrás enquanto a rocha e os portões se fechavam, deixando-os mais uma vez isolados do mundo dos homens.

Entravam cada vez mais no interior da Borda, chegando afinal, depois de muitos túneis em ziguezague, à caverna onde tinham descansado depois de encontrarem Cadellin. E lá o encontraram; estava lendo à mesa, mas tinha se levantado ao escutar que alguém se aproximava.

– Minha saudação pelo dia, Cadellin Argentesta – cumprimentou Fenodyree.

– O mesmo para você, Pele de Vinho. Que más notícias me trazem, crianças? Estava à espera dessas notícias, embora não saiba do que se trata!

– Cadellin – gritou Susan –, minha Lágrima deve ser o Fogofrio e acabou de ser roubada.

– Que... Lágrima é essa?

– Minha Lágrima! A que minha mãe me deu. Ela ganhou de Bess Mossock.

E despejou toda a história, atropelando as palavras. O mago envelheceu diante de seus olhos. Afundou em sua cadeira, a face cinzenta e enrugada.

– É a pedra! É a pedra! Nenhuma outra tem seu coração de fogo. Esteve próxima de mim e eu não escutei seu chamado.

Ficou ali sentado, os olhos embaçados, um velho cansado e profundamente atormentado.

Então a ira tomou conta dele, e espalhou-se como uma língua de fogo.

Deu um salto, ficou de pé com todo o vigor de um jovem, parecendo aumentar de estatura, e sua presença dominou a caverna.

– Grimnir!!! – gritou. – Você vai ser minha ruína no fim? Rápido! Temos de enfrentá-lo em campo aberto, antes que ele chegue ao lago. Eu o matarei se for preciso!

– Não, Cadellin – disse Fenodyree. - Sangue quente não permite raciocínio frio! Já passou quase uma hora, desde que o Encapuzado tomou o rumo dos pântanos; ele deve estar longe da luz agora, e nem você ousaria segui-lo. Ele iria zombar de você. É o que você quer, meu amigo?

– Zombar de mim! Por que ele deixou essas crianças sem lhes fazer mal, se não foi por isso? Não é de seu feitio mostrar piedade por piedade! E de que maneira o desespero chegaria mais depressa até mim? Está testemunhando o seu triunfo agora, como ele desejou. Mas o que você diz agora faz sentido. Bem ou mal, ele tem a pedra. Tudo o que podemos fazer é vigiar e esperar, embora eu tema que será inútil.

Olhou para os meninos, de pé, infeliz, no meio da caverna.

– Colin e Susan, vocês testemunharam o registro de um capítulo negro no livro do mundo, e os males que isso vai trazer, ninguém sabe. Mas de maneira alguma devem se culpar pelo que aconteceu. A estrada dos elfos teria sido um frágil refúgio para apartá-los daquele que veio hoje contra vocês – Grimnir, o Encapuzado.

– Mas o que ele é? – perguntou Susan, pálida ao lembrar-se daquele encontro.

– Ele é ou foi um homem. Antes, estudou com o mais sábio dos sábios e tornou-se um grande mestre. Mas, em sua avidez por sabedoria, praticou artes proibidas e a magia negra infectou seu coração, fazendo dele um monstro. Abandonou os caminhos claros do dia e foi viver, como Grendel, sob as águas do Lago Negro, tornando-se poderoso no caminho do mal, abaixo somente das criaturas da noite, que obedecem a seu senhor em Ragnarok. E foi ele, meu arqui-inimigo, que veio contra vocês hoje.

– Ninguém jamais viu seu rosto – acrescentou Fenodyree. – Uma lenda dos anões conta que ele carrega uma grande vergonha nesse particular; grande remorso, que faz com que se lembre sempre do que é agora e o que poderia ter sido. Mas isso é somente uma velha história que nós escutamos no colo de nossas mães e não é para esta hora tão triste.

– Nem temos tempo para lendas – disse Cadellin. – Precisamos fazer o que for possível, e rapidamente. Agora me digam: quem pode ter visto a pedra e a reconhecido imediatamente?

– Ninguém... - disse Colin.

– Selina Place! Minha pedra ficou embaçada! Lembra agora, Colin? Ela deve ter visto minha Lágrima e parou para ter certeza - disse Susan.

– Ah! – exclamou Fenodyree. – A velha Trocaformas com seus truques! Nós poderíamos ter imaginado o peso da coisa se soubéssemos que ela estava por trás de tudo!

– Oh! Por que vocês não me contaram isso quando nos encontramos da primeira vez? – gritou o mago.

– Eu tinha esquecido – disse Colin. – Não parecia importante. Pensei que ela fosse fraca da cabeça.

– Importante? Doida? Ora, Selina Place, como é conhecida por vocês, é a bruxa mor dos morthbroods, a Trocaformas. Pior! Ela é Morrigana, a Terceira Praga de Logris.

Por um instante pareceu que ele fosse ter um acesso de raiva, mas em vez disso suspirou e abanou a cabeça.

– Não importa. Está feito.

Susan estava quase em lágrimas. Ela não suportava ver o pobre velho sofrendo tanto, especialmente porque se sentia responsável por isso.

– Existe alguma coisa que a gente possa fazer?

O mago ergueu os olhos para ela com um sorriso triste.

– Fazer? Minha querida, acho que pouco poderemos fazer agora. Certamente não há lugar para crianças na luta que virá. Será difícil para vocês, eu sei, mas precisam ir embora daqui e esquecer tudo o que viram e fizeram. Agora que a pedra não está mais com vocês, estarão seguros.

– Você não pode dizer isso! – exclamou Colin.

– Queremos ajudar!

– Sei que querem. Mas de agora em diante não há nada que vocês possam fazer. Magia superior e golpes baixos serão as armas deste combate e o valor de crianças ficaria perdido nesta luta. Vocês me ajudarão melhor poupando-me da preocupação que me dariam.

Sem dar aos meninos oportunidade de reação, tomou-os pelas mãos e levou-os para fora da caverna. Colin e Susan, pesarosos, logo encontraram-se acima do pântano, no lugar onde pela primeira vez tinham visto o mago, há três noites.

– Não vamos vê-lo outra vez? - perguntou Colin. Nunca se sentira tão triste.

– Acreditem em mim, tem de ser assim. Sofro também por me afastar de amigos, e posso imaginar o que deve ser ter as portas das maravilhas e encantamentos fechadas, depois de se ter uma ideia do que existe além. Mas é também um mundo de perigos e sombras, como bem viram, e em breve temo ter de passar para o mundo das sombras. Não quero levá-los comigo.

– Voltem para o seu mundo - continuou Cadellin. - Estarão mais seguros lá. Se falharmos, vocês não sofrerão, pois não será em seu tempo que Nastrond virá. Agora vão. Fenodyree os acompanhará até a estrada.

Assim falando, entrou no túnel. A rocha troou.

Ele se fora.

Colin e Susan olharam para a parede da rocha.

Estavam a ponto de chorar, e Fenodyree, com todo o fardo de seus próprios problemas, sentiu pena deles em seu desespero.

– Não pensem que ele é cruel – disse mansamente. – Acabou de sofrer uma derrota que destruiria um homem menos forte. Agora ele vai se preparar para enfrentar a morte, ou pior que isso, por causa da pedra. Eu e os outros ficaremos a seu lado, embora eu pense que iremos para o lado escuro das sombras. Disse adeus porque sabe que não haverá mais encontros para ele, deste lado de Ragnarok.

– Mas foi tudo por culpa nossa! – disse Colin, desesperado. – Nós precisamos ajudá-lo.

– Vocês ajudarão mais se não correrem perigo, como ele disse; e isso quer dizer, ficando bem longe de nós e de tudo que fazemos.

– É mesmo o melhor caminho? – perguntou Susan.

– É, sim!

– Então eu aceito. Mas vai ser muito difícil.

– Você acha que a tarefa dele é mais fácil? – perguntou Fenodyree.

Caminharam por uma trilha que dava a volta pelo morro, elevando-se gradualmente até chegar ao topo da Borda.

– Agora estarão seguros – disse Fenodyree. – Mas, se precisarem de mim, avisem as corujas do celeiro de Mossock; elas entendem o que vocês falam e irão me procurar. Mas, lembrem-se, elas são guardiãs da noite; de dia voam como elfos bêbados.

– Quer dizer que todas aquelas corujas foram enviadas por você?

– Sim, o meu povo sempre foi ligado ao mundo dos pássaros. Nós os tratamos como irmãos e eles nos auxiliam sempre que podem. Há duas noites vieram nos avisar que estavam se acumulando sobre vocês fluidos maléficos. Um pássaro, que não parecia ser um pássaro verdadeiro, trouxe à fazenda uma estranha presença que as encheu de medo, embora não pudessem ver sua forma. Agora

eu acredito que era o Encapuzado; aqui é a Rocha do Castelo, de onde se pode ver seu covil.

Tinham chegado a um lugar plano, com vegetação baixa, que parava bruscamente na beirada da escarpa, dando a impressão de que o terreno caía abruptamente até a planície, lá embaixo.

Ali perto havia um banco rústico de pedras, onde se sentaram.

Atrás deles via-se uma planície; além, ficava a estrada e o começo da subida pela "frente" do morro.

– Como eu pensei! - exclamou Fenodyree. - O Senhor Negro está em sua toca. Vejam, lá longe fica Llyn-Dhu, cercado por charcos e vis refúgios.

Colin e Susan olharam para onde Fenodyree apontava e, lá longe, na planície, viram o brilho de uma água parada e cinzenta entre as árvores.

– Os homens pensaram em drenar aquela terra e viver lá, porém maus fluidos do lugar penetravam neles e suas casas eram desoladas, descoloridas e sem alegria alguma. E tudo em volta daquele pântano se alastra, e de dentro do lodo fluem pensamentos desalmados que penetram o coração das pessoas, que se tornam parte do lugar.

– Ah! Lá está quem pode nos contar mais sobre a pedra - exclamou o anão, apontando para algo que flutuava no ar, bem acima da planície. Deu um assobio agudo. - Olá, Corta-Vento! Venha a mim!

A mancha no ar parou de flutuar, depois deu um mergulho como uma negra estrela cadente, tornando-se maior a cada segundo, e, com um bater de asas, pousou no braço esticado de Fenodyree – um magnífico gavião, feroz e altivo, cujos olhos brilhantes pousavam nas crianças.

– Companhia estranha para anões, eu sei – disse Fenodyree –, mas eles têm sido perseguidos pelos morthbroods, e assim são mais velhos que seus anos. É de Grimnir que queremos novas. Andou por aqui? Ele foi para o pântano?

O gavião encarou com firmeza o anão e deu uma série de gritos estridentes, que obviamente tinham muito mais significado para o anão do que para as crianças.

– Ah! O que eu desconfiava! – disse ele quando o pássaro se calou. – Uma névoa cruzou a planície há pouco, tão rápida quanto um cavalo a galope, e afundou no Llyn-Dhu. Bem, que seja! Agora preciso voltar para junto de Cadellin, porque temos muito que conversar e traçar nossos planos. Então adeus, meus amigos. Adiante fica a estrada; vão por ela. Lembrem-se de nós, embora Cadellin os tenha proibido, e nos desejem sorte. Adeus.

Colin e Susan estavam abalados demais para dizer alguma coisa; era um esforço falar, pois tinham as gargantas apertadas e cheias de angústia. Sabiam que Cadellin e Fenodyree não estavam sendo deliberadamente malvados em sua ânsia de livrarem-se deles, mas o sentimento de culpa pelo que tinha acontecido era mais do que podiam suportar.

Foi portanto com corações pesados que as crianças se viraram para a estrada. Não falaram nada nem olharam para trás até chegarem lá. Fenodyree, em pé no banco, pernas afastadas, e Corta-Vento no braço, era uma silhueta contra o céu. Sua voz chegou até eles, atravessando o ar parado.

– Até sempre, meus amigos.

Acenaram-lhe de volta, mas não conseguiram encontrar palavras.

Ele ficou mais um momento ali, antes de pular para o chão e sumir pelo caminho de Fundindélfia. Era como se um véu pesado tivesse tapado os olhos das crianças.

SEGUNDA PARTE

8 - NEBLINA SOBRE LLYN-DHU

Chegou o outono, e em setembro Colin e Susan começaram as aulas. O trabalho na fazenda os mantinha ocupados fora do horário da escola e não iam muito até a Borda. Algumas vezes, no fim de semana, poderiam ir até lá, mas nesses dias a floresta ficava cheia de gente que, gritando e pisando no mato, sujando tudo com restos dos embrulhos de comida e garrafas vazias, destruía completamente a atmosfera do lugar. Uma vez, Colin e Susan encontraram uma família acampada em frente aos portões de ferro. O pai, com as costas apoiadas na própria rocha, mais vermelho que seus suspensórios, esforçava-se para gritar mais alto que um radinho de pilha, chamando os filhos para o chá. As crianças estavam brincando de guerra, no Túmulo do Diabo.

Nada restara. Este lugar, onde beleza e terror tinham sido como os lados opostos da mesma moeda, era agora um lugar de recreio e barulho. Seu espírito estava morto – ou escondido. Nada havia que indicasse que svarts ou magos algum dia tivessem existido. Nada, a não ser um celeiro cheio de corujas em Highmost Redmanhey e um pulso vazio, onde uma vez tinha estado um bracelete.

A perda do bracelete foi causa de um leve mal-entendido entre os Mossock e as crianças. Bess fora a primeira a notar a falta da pedra, e Susan, sem saber o que fazer, despejou toda a história. Realmente era demais para alguém aceitar uma história como essa de uma só vez e Bess não sabia o que dizer de tudo aquilo.

Ficou aborrecida com a perda da Pedra das Noivas, é claro, mas o que mais a abalava era o fato de Susan, por medo das consequências, ter inventado um monte de coisas sem nexo para explicar a perda. Gowther, por outro lado, não tinha tanta certeza de que tudo fosse somente fantasia. Guardava para si mesmo o que pensava, mas havia pontos onde a história combinava muito com suas experiências recentes para deixá-lo despreocupado. Entretanto, o assunto foi posto de lado e ninguém mais falou nele, embora não significasse que fora esquecido.

Um pouco antes do Natal, Colin descobriu que as corujas tinham abandonado o celeiro e nos dias seguintes as crianças ficaram em grande aflição sem saber o que aquele desaparecimento significava.

– Ou Cadellin conseguiu novamente a pedra ou perdeu a batalha – comentou Colin.

– Ou talvez ele acredite que agora nós estamos fora de perigo; ou então… Não, isso não faz sentido… Oh, como eu gostaria de saber!

Embora tivessem passado dois dias inteiros examinando a floresta de ponta a ponta, não conseguiram achar pista alguma que pudesse ajudá-los. Se é que tinha havido uma batalha tão feroz como Cadellin predissera, não tinha deixado traços visíveis para eles.

Era um começo de inverno de céu sem nuvens.

As estrelas brilhavam prateadas no céu de veludo das noites frias e, durante os dias curtos, o sol enganava a terra, fingindo ser primavera.

Num domingo à tarde, no fim da primeira semana de janeiro, Colin e Sue, de volta da Vila de Alderley, subiram pelo caminho, empurrando suas bicicletas. Caminhavam devagar, pois aquele último lance era bastante íngreme. Uma vez chegados ao topo, o resto do caminho era comparativamente bom.

Não tinham percorrido cem metros quando Colin, que vinha na frente, freou tão violentamente que quase caiu da bicicleta; Susan, que vinha logo atrás, por pouco não caiu por cima dele.

– Olhe! – gritou o menino. – Olhe aquilo lá!

Só podia ser Cadellin! Sua silhueta desenhava-se contra o céu da Rocha do Castelo, bastão na mão, de frente para a planície.

Imediatamente todas as promessas foram esquecidas: as crianças largaram as bicicletas e correram.

– Cadellin! Cadellin!

O mago deu meia-volta ao ouvir as vozes e fez menção de sair dali. Mas, depois de alguns passos, parou e depois foi até o banco, onde se sentou.

– Oh, Cadellin! Pensamos que tivesse acontecido alguma coisa com você! – exclamou Sue, profundamente aliviada.

– Muitas coisas me aconteceram, mas não me sinto pior por causa disso!

Havia tristeza em seu rosto, mas também havia compreensão.

– Mas estávamos tão preocupados – contou Colin. – Quando as corujas sumiram do celeiro, nós pensamos… pensamos que você…

– Entendo – disse Cadellin, dando uma gargalhada. – Não, não, não, não devem olhar a vida com tanto medo. Chamamos os pássaros de volta porque sabíamos que vocês não correriam mais perigo com os morthbroods.

– Bem que pensamos nisso – disse Colin. – Mas não podíamos deixar de pensar também em outras coisas.

– O que aconteceu com os morthbroods? – perguntou Susan. – Ainda estão com a minha Lágrima?

– Sim e não – respondeu o mago. – Mas é em sua cupidez e falsidade que reside toda a nossa esperança atualmente. Grimnir está com a pedra. Ele deveria tê-la entregue a Nastrond, mas ele e os morthbroods desejavam usá-la sozinhos. Talvez acreditem que Fogofrio lhes dará poder. Se é assim, estão completamente enganados!

– E assim – continuou Cadellin –, nós temos engrenagens dentro de engrenagens; porque Grimnir e a Trocaformas, segundo os boatos, pretendem ficar com todas as vantagens e deixar os broods e os svarts chupando o dedo. Assim ouvi falar; e posso deduzir mais: conheço Grimnir bastante bem para saber que ele não quer dividir o poder com ninguém, e a Trocaformas, com toda a sua astúcia, não é páreo para ele. Talvez, no meio de todas essas traições, encontremos nossa chance. Por enquanto, só vigiamos e esperamos. Fogofrio não está nas mãos de Nastrond, e só por isso já estamos gratos. Pronto. Agora já sabem de tudo, e nossos caminhos precisam se afastar mais uma vez.

Colin e Susan ficaram tão aliviados por encontrar o mago são e salvo que a separação essa vez não foi tão dolorosa quanto a outra.

– Não há nada que a gente possa fazer? – perguntou Susan.

– Não mais do que têm feito todos esses meses. Vocês fizeram muito bem a sua parte (isso se esquecermos a tarde de hoje), e devem continuar assim, pois não queremos que mais uma vez sejam vítimas deles!

Depois apontou com seu bastão. As árvores através das quais o Lago Negro podia ser visto normalmente estavam agora envoltas por um manto de neblina. Os outros lugares, até onde a vista alcançava, a planície sob o pôr-do-sol estava livre de névoa enquanto Llyn-Dhu jazia sob uma nuvem pesada.

– Essa nuvem esteve ali a semana toda – disse o mago. – Não sei o que Grimnir pretende, mas meu palpite é que está tentando prender Fogofrio dentro de um círculo de mágica para evitar que seu poder alcance Fundindélfia. Não vai conseguir, e também não tem poder para destruir a pedra. Por outro lado, não tenho bastante poder para reavê-la à força, e, assim, está tudo parado, embora nós, não.

Cadellin acompanhou os meninos até a estrada, e eles se despediram com o coração leve, mais leve do que os últimos tempos.

A neblina continuava lá no dia seguinte; Colin e Susan tinham saído bem cedinho com suas

bicicletas para passarem o dia no campo. Quando chegaram ao topo pela "frente" do morro, Colin sugeriu darem uma olhada em Llyn-Dhu. Então, ali estavam eles, sentados na Rocha do Castelo, observando a névoa.

Ficaram calados por um bom tempo, e, quando Colin começou a falar, não fez mais do que pôr em palavras os pensamentos da irmã.

– Fico imaginando... – ele começou a falar devagar – ... como será... lá perto.

– Você acha que estaríamos quebrando a promessa se fôssemos até lá, só para olhar?

– Bem, nós estamos olhando agora, e estaríamos fazendo a mesma coisa, só que de bem mais perto, não é?

Isso decidia a questão. Então perceberam que não tinham a menor ideia de como poderiam chegar até o lago. Entretanto, juntando alguns marcos que já conheciam, concluíram que, se fossem até Wilmslow e daí virassem à esquerda, eles estariam indo para a direção certa. Então, sem mais delongas, Colin e Susan foram até Alderley, compraram uma garrafa de limonada para tomarem com os sanduíches, puseram no correio um cartão-postal com uma vista de Ponta das Tormentas para os pais, e, trinta minutos depois de terem tomado a decisão, estavam no centro de Wilmslow, imaginando que estrada seguir agora.

– Lá está a pessoa certa para se perguntar – disse Colin.

Ele tinha visto um carrinho parecendo um besouro, do qual estava saindo um sargento de tão grandes proporções que conseguia esconder o carro. Era incrível que ele tivesse cabido ali dentro, mesmo todo encolhido.

As crianças, em suas bicicletas, foram até onde ele estava.

– Por favor – disse Colin –, pode nos indicar o caminho para Llyn-Dhu?

– O quê? – exclamou o homem, visivelmente surpreso.

– Llyn-Dhu, o Lago Negro. Não fica longe daqui.

O sargento sorriu.

– Vocês não estão troçando de mim, estão?

– Não estamos, não – disse Susan. – Sério!

– Então alguém está troçando de vocês, porque não existe lugar nenhum por aqui com esse nome, ao menos que eu saiba, e eu estou por aqui em Wilmslow há nove anos. Parece nome galês, mais do que qualquer coisa.

Colin e Susan ficaram tão surpresos que perderam a fala.

– Mas nós vimos o lago lá da Rocha do Castelo – disse Susan, com os olhos cheios de lágrimas. – Bem, na verdade nós não vimos o lago, porque ele estava escondido pela neblina, mas sabemos que ele fica lá!

– Neblina, foi o que você disse? Ah, quem sabe agora estamos chegando a algum lugar. Tem tido neblina em Lindow Common há dias e o único lago da região fica lá. Acham que é isso o que procuram?

Llyn-Dhu, Lindow! Podia ser, tinha de ser!

– S-Sim... sim, é isso mesmo – respondeu Colin. – Nós devemos ter entendido o nome errado. É longe?

Seguiram as instruções do sargento e, depois de cerca de dois quilômetros, chegaram a um terreno úmido, coberto de capoeiras, urzes e poças.

Um pouco fora da estrada havia uma tabuleta que indicava ser ali o Parque Common, Lindow Common, e era proibido andar de bicicleta. No meio do parque havia um lago comprido com águas escuras, cor de estanho.

As crianças foram até a beirada lodosa. O ar estava pesado e o lugar era deprimente. O parque estava cercado por uma fileira de casas, como um anel de espuma rosa, como nas periferias da maior

parte de nossas cidades e vilas hoje em dia.

"Charcos e vis refúgios", estas palavras de Fenodyree vieram à memória dos meninos ao olharem aquela paisagem.

Mas, o que obviamente era estranho é que eles podiam enxergar tudo. Se estavam mesmo em Llyn-Dhu, então em uma hora qualquer traço de neblina que o tinha envolvido por dez dias tinha desaparecido.

– Você acha que é este? – perguntou Colin.

– Ah, sim! Não é possível que existam dois como este, e ele é negro mesmo! Queria saber o que aconteceu.

– Vamos embora – disse Colin –, este lugar me dá calafrios. Fizemos o que tínhamos planejado, agora vamos aproveitar o resto do dia.

Depois de uma xícara de café em Wilmslow, para afastar os fluidos de Lindow, as crianças pedalaram de volta a Alderley. Não tinham planos, mas o sol estava quente e ainda tinham à frente umas boas seis horas de dia claro.

Estavam cruzando a ponte da estação, em Alderley, quando viram aquilo. Uma leve brisa, soprando no sentido nordeste, empurrava a fumaça da vila no céu, mas, a meio caminho da encosta mais próxima da Borda, uma bola de neblina estava parada, como se estivesse pousada nas árvores. E, acima da neblina, erguia-se a chaminé e o frontão pontudo do Penhasco de Santa Maria, o lar de Selina Place.

9 - O PENHASCO DE SANTA MARIA

O aposento era comprido, com teto alto, pintado de preto. Nas paredes e janelas estavam pendurados reposteiros de veludo negro. O chão de madeira tosca era vermelho-escuro. Havia uma mesa, sobre a qual estava um bastão bifurcado na ponta e uma salva de prata contendo um monte de pó vermelho. Em um dos lados, um suporte para livros, que apoiava um enorme livro antigo e, do outro, um braseiro onde ardiam carvões. Não havia nenhum outro tipo de mobiliário.

Grimnir observava contrafeito, enquanto Selina Place, a Trocaformas, se ocupava na preparação do ritual. Ele não apreciava feitiçaria, por apoiar-se demasiadamente em espíritos grosseiros e na fermentação lenta do ódio. Preferia o raio impiedoso que amedronta e os negros poderes da mente.

Certamente essa mágica rude tinha algum poder.

Amontoava força sobre força, como uma maré montante, e subjugava sua presa com a violência surda de uma avalanche. Se ao menos fosse mais rápido!

Poderia haver pouquíssimo tempo até que Nastrond, as suspeitas crescendo, passasse à ação e então… O coração de Grimnir estremecia ante esse pensamento.

Oh! Se conseguisse curvar o poder dessa pedra à sua vontade, Nastrond veria então o verdadeiro Espírito das Trevas surgir; um Espírito a quem Ragnarok e tudo que ele encerra não passaria de uma vala povoada de criaturas barulhentas, que deveriam ser pisoteadas e desprezadas. Mas, como dominar a pedra? Ela havia aparado todos os seus golpes mais poderosos e, em certo momento, chegara quase a destruí-lo.

A única esperança agora estava concentrada na feitiçaria dessa mulher do Morthbrood, a Confraria do Mal, e ela precisava ser vigiada; não seria conveniente que a pedra se tornasse escrava dela. A mulher confiava nele, não mais do que se poderia esperar. Livrar-se dela, quando tivesse feito a sua parte no esquema, não era o mais importante no momento. A sombra de Nastrond estava cada vez maior em sua mente e somente o sucesso total interessava agora.

Com a areia preta que ela derramou de uma garrafa de couro, a Trocaformas desenhou um intrincado círculo no chão. Várias vezes parava, fazia com a mão um sinal no ar, murmurava palavras para si mesma, fazia uma reverência e retomava o derramamento. Vestia uma túnica negra, com uma cinta encarnada, e nos pés tinha sapatos pontudos.

Tão concentrada estava a Morrigana e tão imerso em seus pensamentos estava Grimnir, que nenhum deles viu os dois pares de olhos que vigiavam por uma brecha da cortina da janela.

O círculo estava completo. A Trocaformas foi até a mesa e pegou o bastão.

– Não é a hora apropriada para convocar a ajuda de que precisamos – disse ela –, mas, se o que você soube tem um grama de verdade, temos de agir imediatamente, embora desejássemos uma ação mais distinta de sua parte. – Apontou para a nuvem cinzenta que se via através do vidro, agora livre de olhares observadores. – Você pode atrair atenções não-desejadas.

Nesse instante, como uma resposta a seus temores, um clamor distante ecoou do outro lado da casa. Era o latido feroz dos cães.

– Ah! Está escutando? Eles estão indóceis… Há alguma coisa no ar. Talvez fosse mais inteligente deixar eles irem ao ataque; eles vão nos dar a pista se é alguma coisa além de suas forças… como pode muito bem ser! Porque, se até o fim do dia não tivermos Ragnarok e Fundindélfia sob nosso poder, não haverá agradecimentos para você.

Com seus passos pesados, ela deu a volta na casa e foi até uma construção, de onde vinha o barulho. Selina Place estava nervosa e zangada. Com toda sua arte, que idiota era Grimnir! Que enormes riscos tinha corrido! Quem, em seu juízo perfeito, enfrentaria tal missão? Seu poder mágico

não tinha comparação com a pedra. Sorriu sinistramente; sim, caberia à antiga bruxaria domar a pedra, e... ele sabia disso, apesar de toda aquela encenação de Llyn-Dhu.

– Pronto, pronto, estou chegando! Não precisam destruir a porta.

Atrás dela, duas sombras moveram-se para fora da neblina, esgueiraram-se pela parede e pela porta aberta.

– Agora, para onde? – sussurrou Susan. Estavam no meio de um saguão estreito e podiam escolher entre três portas que saíam dali. Uma estava entreaberta e parecia levar a um vestiário.

– Vamos entrar aqui, depois veremos em qual porta ela vai entrar.

Nem tiveram tempo de pensar muito porque os passos pesados de Selina Place se aproximavam, vindos da neblina.

– Agora vamos fazer depressa o que precisamos fazer – disse ela, para Grimnir. – Pode não haver nenhuma ameaça, mas não estaremos a salvo até sermos senhores da pedra. Dê-nos a pedra agora.

Grimnir afrouxou uma sacola em sua cintura e tirou dela o bracelete de Susan. Fogofrio estava pendurado, seu brilhante interior oculto sob um véu leitoso.

A Morrigana pegou o bracelete e colocou-o no centro do círculo, no chão. Fechou as portas e as cortinas das janelas e aproximou-se do braseiro, cujo brilho tênue dificilmente poderia dominar a escuridão. Pegou um punhado do pó da salva de prata e começou a jogá-lo sobre os carvões enquanto gritava com sua voz possante:

– *Demoriel, Carnefiel, Caspiel, Amenadiel!!!*

Uma chama sibilante elevou-se no ar, enchendo o aposento com uma luz rubra. Morrigana abriu o livro e começou a ler:

– *Vos omnes it ministri odey et destructiones et seratores discorde...*

– O que ela está fazendo? – perguntou Susan.

– Não sei, mas estou todo arrepiado.

– *eo quod est noce vose coniurase ideo vos conniro et deprecur.*

– Colin, eu .

– Shhh... Fique quieta.

– *et odid fiat mier alve...*

Sombras começaram a se juntar próximas às dobras das tapeçarias de veludo, no canto mais afastado da sala!

Durante trinta minutos Colin e Susan foram obrigados a ficar de pé em seu desagradável esconderijo, e levou metade desse tempo para que o último lampejo de entusiasmo evaporasse. Estavam onde estavam como resultado de um impulso, uma urgência interior que os tinha impelido, sem pensarem no perigo. Mas agora tinham tempo para pensar, e a imobilidade nunca é um incentivo à coragem. Provavelmente teriam se esgueirado para fora e tentado encontrar Cadellin se um assustador ruído de cães fungando e farejando, que passavam pela janela do vestiário, não tirasse deles qualquer desejo de abrir a porta de fora.

O tempo todo o canto monótono da Morrigana enchia a sala, elevando-se de tempos em tempos em agudos gritos de comando:

– Venha, Haborym! Venha, Haborym! Venha, Haborym!

Foi então que as crianças começaram a sentir um forte calor, que logo se tornou insuportável. Ele os envolvia completamente, até que o sangue começou a latejar em seus ouvidos e o quarto começou a girar sobre suas cabeças.

– Venha, Orobas! Venha, Orabas! Venha, Orabas!

Seria possível? Por três segundos as crianças escutaram o ruído de cascos na madeira nua e um selvagem relincho subir ao teto.

– Venha, Nambroth! Venha, Nambroth! Venha, Nambroth!

Um vendaval varreu a casa e tentou arrancá-la de seus alicerces de pedra. Algo moveu-se através do vento sibilante. Vozes perdidas no ar chamavam pelos aposentos vazios, e a neblina ficava cada vez mais densa e imóvel.

– *Conjuro et confirmo super vos potentes in nomi fortis, metuendissimi, infandi...*

Quando Susan pensou que ia desmaiar, o calor sufocante diminuiu um pouco, permitindo que eles ao menos respirassem; o vento acabou, e um pesado silêncio envolveu a casa.

Depois de alguns minutos de quietude, uma porta foi aberta e a voz de Selina Place chegou até as crianças em seu esconderijo no vestiário. Estava completamente sem fôlego.

– E nós dizemos que a pedra... estará... a salvo. Nada pode invadi-la... de fora... Vamos embora... Esta é uma fermentação perigosa. Se derramar... e nós estivermos ... perto dela será o nosso... fim. Depressa. A força está crescendo... não é seguro... observar.

Desconfiado, olhando para os lados, Grimnir acompanhou-a, e ambos saíram pela porta do outro lado do saguão, e logo o barulho de seus passos não era mais ouvido.

– E agora? Como vamos escapar desta enrascada? – perguntou Colin. – Parece que estamos presos aqui até que ela chame os cães de volta. Se ela vai mais uma vez fazer tudo isso que acabamos de ver, prefiro não esperar tanto.

– Colin, não podemos ir ainda! Minha Lágrima está naquela sala e nunca mais teremos outra chance!

O ar estava bem mais frio, e não havia nenhum barulho estranho ou outro qualquer. Susan sentiu aquele impulso irresistível no fundo do coração, que a tinha feito desprezar todas as promessas e toda a prudência, quando, da ponte da estação, tinha visto a neblina.

– Mas, Sue, não ouviu quando a velha Place disse que não era seguro ficar lá? Se ela tem medo de ficar, deve ser mesmo muito perigoso.

– Não me importa; tenho de tentar. Você vem? Porque, se não vier, vou sozinha.

– Está bem! Mas nós vamos desejar nunca ter saído daqui.

Pé ante pé, saíram do vestiário e, cuidadosamente, abriram a porta.

A luz fraca evitou que enxergassem muito no começo, mas podiam perceber a mesa e o apoio do livro e a coluna negra no centro do chão.

– Tudo livre! – murmurou Susan.

Entraram na sala, fecharam a porta e ficaram parados, esperando que seus olhos se acostumassem à luz do lugar. Então, eles viram.

A coluna estava viva. Subia do meio do círculo que Selina Place tinha feito tão laboriosamente, uma coluna de fumaça oleosa; e na fumaça formas estranhas se moviam. As formas eram imprecisas, mas as crianças podiam ver o bastante para desejarem estar em qualquer outro lugar.

Enquanto estavam olhando, veio o clímax. A coluna girava cada vez mais rapidamente e as formas se adensavam, enquanto o chão começou a vibrar e as cabeças das crianças ficaram cheias de vozes lamentosas, que chegavam até eles como se viessem de muito longe. Fiapos de sombras, zumbindo como moscas, dançavam nas tapeçarias e eram sugadas pela espiral fétida. Então, de repente a base da coluna ficou azul. O zumbido transformou-se num lamento enlouquecido – e parou. A massa rodopiante encolheu como se uma força irresistível a tivesse anulado, perdeu o ritmo, morreu e desabou como a ruína de uma árvore poderosa. No meio da fumaça ainda havia lampejos prateados: a coluna balançou, quebrou e caiu dentro da bola de fogo que se ergueu para envolvê-la.

Uma voz lamuriosa passou perto das crianças, na direção da porta, atrás delas. A luz azul se apagou e em seu lugar estava Fogofrio, cercado pelas sobras espalhadas do círculo mágico da Morrigana.

Colin e Susan olhavam, paralisados.

Depois, vagarosamente, como se temessem que a pedra sumisse se ela respirasse ou desviasse os

olhos, Susan avançou e pegou-a.

No meio do silêncio, abriu o bracelete e ajustou-o em seu pulso. Não acreditava no que estava fazendo! Este momento tinha assombrado seus sonhos durante tantos meses, acompanhados por tantos amargos despertares!

Num quartinho apertado, sob o beiral do telhado, Selina Place e Grimnir aguardavam. Ambos estavam presos a uma quase insuportável tensão. Sabiam muito bem o preço que pagariam se falhassem. Nem uma só vez em mil anos alguém de seu grupo tinha desafiado o poder de Nastrond, mas todos, alguma vez, tinham ficado para fora dos muros de Ragnarok e entrevisto o Abismo.

Assim, Nastrond dominava o mal sob sua vontade.

– Não deve faltar muito agora – disse a Morrigana. – Dentro de uns cinco minutos a pedra deve...

Um fio de fumaça passou por baixo da porta e flutuou pelo quartinho, e o som de um choro lacrimoso acompanhou-o.

A Morrigana deu um salto da cadeira; os olhos estavam esbugalhados e o suor cobria sua testa.

– *Non licet abire* – exclamou ela, com os braços abertos para barrar o caminho. – *Conjuro et confirmo super...*

Mas a fumaça enrolou-se nela, na altura do coração, e saltou para a boca da chaminé.

Um som de vento lamentoso filtrou-se pelas janelas, e depois tudo ficou quieto.

– Não, não! – murmurou ela, correndo para a porta; mas Grimnir já a tinha aberto e corria ao longo dos corredores para as escadas. Estava já no primeiro lance quando se ouviu barulho de vidro quebrado e viu-se uma silhueta negra bloqueando a janela. A Morrigana soltou um grito de pavor e Grimnir virou-se rápido e ameaçador como uma aranha faminta.

O barulho sacudiu Colin e Susan de seu transe.

Mais uma vez a Morrigana gritou.

– Vamos, vamos sair daqui – disse Colin, puxando a irmã para o saguão. – Logo que sairmos, corra como louca; eu estarei atrás.

Um verdadeiro pandemônio estava acontecendo lá em cima, e os sons não eram nada agradáveis; pelo menos faziam com que o outro perigo parecesse menos assustador.

Colin abriu a porta. Ouviu-se um rosnado feroz e do meio da neblina surgiu um mastim que fez as crianças voltarem para a casa; mas antes que conseguissem fechar a porta o cachorro da Morrigana entrou, revelando-se em toda a sua malignidade.

Parecia um *bull terrier;* só que media cerca de um metro e vinte na altura do ombro, e suas orelhas, ao contrário do corpo, que era branco, eram cobertas de pelo vermelho. Mas o que o tornava diferente era o fato de que, das orelhas empinadas à bocarra, sua cabeça e focinho eram vazios. Não havia olhos.

A fera parou, balançou a cabeça pontuda de um lado para outro, fungando pelas narinas úmidas e brilhantes. Quando seu faro localizou as crianças, atirou-se na direção delas como se enxergasse. Colin e Susan se enfiaram na porta mais próxima, que dava, para a cozinha, que não tinha nada mais a oferecer do que outra porta.

– Temos de arriscar – disse Susan. – Aquela coisa vai entrar aqui num segundo.

Ela não tinha nenhuma confiança no ferrolho fraco, que chacoalhava furiosamente sob o ataque das garras que arranhavam freneticamente a porta.

No momento em que falou, escutaram outro som; passos que se aproximavam rapidamente da outra porta! Então o ferrolho finalmente cedeu e o mastim estava lá.

Colin agarrou uma cadeira.

– Fique atrás de mim! – murmurou.

Ao som de sua voz a fera parou, mas só por um instante: tinha descoberto suas presas.

– Podemos alcançar uma janela? – Colin não ousava tirar os olhos do cão, que avançava para eles.

– Não!

– Há outra saída?

– Não.

Colin aparava as investidas e mordidas com a cadeira, mas ela era pesada, e seus braços doíam.

– Existe um compartimento onde se colocam vassouras ou coisa assim e a porta está aberta. – Será que vai adiantar?

– Não sei; mas Grimnir pode não nos perceber ou o cachorro pode atacá-lo ou... Oh, qualquer coisa é melhor do que isso! – É grande?

– Chega até o teto.

– Ótimo. Entre.

Susan entrou e deixou a porta aberta para Colin, que, de costas, se aproximou. O mastim mordia as pernas da cadeira e tentava derrubá-la. A madeira estava sendo triturada e lascas voavam por todos os lados. A cadeira estava escapando das mãos de Colin, mas ele já tinha entrado. Atirou a cadeira então na cabeça da fera e caiu para trás, dentro do armário. Antes de bater a porta, Susan ainda viu uma enorme língua vermelha saindo do buraco da boca e presas brancas a centímetros de seu rosto; nesse mesmo momento escutou a porta da cozinha se abrindo. Então, desmaiou.

Ou, pelo menos, pensou ter desmaiado. Seu estômago revirou, a cabeça rodou e ela sentia como se estivesse caindo num escuro poço sem fundo. Mas... tinha mesmo desmaiado? Colin caiu sobre ela, tentando se endireitar; ela sentia isso! E o fundo do armário fazia pressão contra ela. Beliscou-se. Não, não tinha desmaiado.

Colin e Susan puseram-se de pé, lado a lado, rapidamente, esperando nervosos o momento em que a porta se abriria. Mas o quarto parecia assustadoramente silencioso: não escutavam som algum.

– O que está acontecendo? – sussurrou Colin. Está quieto demais lá fora.

– Shhh...

– Não estou vendo nenhum buraco de fechadura, você está? Tem de haver um em algum lugar – disse, inclinando-se para a frente para procurar.

– Epa! – Colin soltou um grito de surpresa e aflição e, dessa vez, Susan quase desmaiou mesmo. – Sue! Não tem nenhuma porta!

– Como?

– Não tem porta! É alguma coisa que parece uma pedra lisa, passando muito depressa, e eu arranhei minha mão nela. É por isso que minhas orelhas estavam estourando! Estamos em um elevador!

Enquanto Colin falava, o chão parecia pressionar sob seus pés, um ar frio e úmido soprava em seus rostos e eles sentiam-se envolvidos em um silêncio tão profundo que escutavam seus corações batendo.

– Em que lugar estamos?

– É melhor perguntar onde, dentro da terra, nós estamos!

Susan ajoelhou-se no chão do armário e esticou a mão para onde antes havia uma porta. Nada! Baixou a mão e tocou na rocha úmida.

– Bem, existe um chão. Vamos pegar as lanternas das bicicletas e ver que lugar é este.

Pegaram suas mochilas e procuraram no meio da limonada e dos sanduíches.

Com a luz das lanternas, viram que estavam na boca de um túnel que se afundava na escuridão.

– E agora, o que fazemos?

– Não podemos voltar, nem se quiséssemos, não é?

– Não – respondeu Susan. – Mas não gosto nada da cara deste lugar.

– Nem eu. Mas não temos escolha. Vamos. Puseram as mochilas nas costas e começaram a andar pelo túnel, mas, segundos depois, um leve ruído fez com que dessem meia-volta, os corações na boca.

– Está subindo! – exclamou Colin olhando para o túnel, dentro do qual o armário estava desaparecendo.

– Vão nos pegar agora, logo, logo!

10 - A PRANCHA

As crianças iam o mais depressa que podiam, tropeçando no chão irregular e arranhando-se nas paredes. O ar tinha cheiro de mofo e logo estavam arfando, como se tivessem corrido um quilômetro, mas seguiram em frente com dois pensamentos firmes: fugir de quem os estava perseguindo e encontrar Cadellin ou Fenodyree. Se pelo menos aqui fosse Fundindélfia!

O caminho repentinamente virou e quando Susan se ergueu de repente, sem avisar, Colin não conseguiu parar e foi para cima dela, caindo os dois no chão, mas conseguindo segurar as lanternas. Não havia necessidade de fazer perguntas. O túnel terminava em um poço, que afundava além do alcance da luz de suas lanternas. Pendurada num enorme prego encravado na rocha, havia uma escada de corda. Estava molhada e coberta de um bolor, que brilhava esbranquiçado, mas parecia ser forte o bastante para aguentar o peso das crianças. A urgência matou qualquer temor: não ousariam hesitar. Eram necessárias as duas mãos e, assim, guardaram as lanternas nos abrigos e desceram para a escuridão.

A corda estava escorregadia, e era necessário grande força de vontade para descer com velocidade razoável. Conseguiram, movendo-se para baixo, degrau a degrau, juntos, Colin marcando o ritmo, contando:

– Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete.

Ele estava dez degraus acima da irmã, e a vontade de aumentar a velocidade era muito grande; tentava não pensar no que aconteceria se Grimnir chegasse ao topo da escada enquanto ainda estivessem nela.

– Cento e quarenta, e um, e dois, e três, e quatro, e cinco.

– Cheguei ao fundo – gritou Susan –, e está tudo molhado.

O fim da escada balançava alguns centímetros acima de uma ilha de areia, nos pés do buraco, e dali saíam quatro caminhos, nenhum muito atraente. Dois estavam cheios de lodo e dois com água. Colin escolheu o mais raso, ao longo do qual pedaços de rocha que eventualmente se elevavam sobre a água serviam como degraus de pedra, e assim, por alguns metros, os meninos avançaram e fizeram algum progresso sem molhar os pés. Então Colin, ao ajudar Susan em um trecho mais difícil, viu a ponta da escada balançar freneticamente no ar. Obviamente alguém estava descendo por ela.

A água escura espirrava alto, quando Colin e Susan correram, escorregando pelas rochas escondidas cheias de limo. Mas o túnel agora subia um pouco e, para seu alívio, deixaram a água para trás e corriam em terreno seco. Isso, entretanto, não foi por muito tempo uma vantagem, pois logo o túnel ficou tão baixo que precisavam correr curvados e, finalmente, apoiar-se nas mãos e nos joelhos.

"O que vai acontecer se teto e chão se encontrarem... ", pensou Susan, "e nós tivermos de voltar... ou esperar?"

O suor a cegava, os cabelos e as roupas estavam cheios de areia, as pedras a feriam e os pulmões doíam, pelo esforço de respirar naquela atmosfera saturada; mas estava com sua Lágrima e desta vez Susan ia ficar com ela, mesmo que todas as bruxas e todos os feiticeiros do mundo viessem atrás dela.

"E se não pudermos ir em frente... "

Mas de repente seus temores foram diminuídos: um raio de luz mostrava o fim do túnel mais além, embora a escuridão continuasse.

– Oh! Graças a Deus! – ela exclamou, e eles engatinharam para fora, caindo num monte de areia macia. Primeiro só puderam continuar de quatro, as cabeças pendidas para a frente, como cachorros

exaustos, respirando o ar frio, que era um pouco mais agradável que o ar do túnel; e, pela súbita falta de ressonância, calcularam que estavam em uma caverna. Cada movimento no túnel produzia um eco mais forte e oco, o que fazia com que a respiração deles agora parecesse mais suave e leve. As crianças ficaram de pé e olharam à sua volta.

Era uma caverna comum em tamanho e forma, parecida com a Caverna dos Cavaleiros Adormecidos em Fundindélfia, mas, em vez de luz, a escuridão os oprimia de todos os lados. As paredes amareladas eram raiadas com veios marrons, negros, vermelhos, azuis e verdes, de minerais que marcaram os ventos e as marés vinte milhões de anos atrás.

Colin inclinou-se e tentou escutar na boca do túnel.

– Não consigo escutar nada – disse ele –, mas é melhor nos mexermos, se pudermos.

Livrar-se de seu perseguidor era tarefa fácil. Parecia haver um intrincado sistema de cavernas, unidas por inúmeros túneis e poços. Essas cavernas eram extraordinárias. As paredes, curvadas para cima, formavam tetos altos como catedrais, tão afastadas umas das outras que, às vezes, as crianças, no centro da caverna, poderiam imaginar estar andando na areia de uma praia em uma noite sem vento e sem estrelas. A areia fofa abafava o ruído dos passos e o silêncio afetava seus nervos; além disso, ela tornava a caminhada uma tarefa difícil, e o ar ainda não era bom; dez minutos nessas condições consumiam tanta energia quanto uma hora de caminhada em solo normal.

Havia túneis entrando e saindo das cavernas, em todos os ângulos e níveis. Eles viravam, entortavam, bifurcavam-se, ramificavam-se, subiam, desciam e frequentemente levavam a nenhum lugar. As crianças poderiam entrar em uma caverna e encontrar vertiginosas saliências na rocha, que, por sua vez, se encolhiam em estreitos caminhos, ou nenhum caminho. E os buracos quadrados eram um perigo constante. Através de uns, era possível divisar os pisos de galerias inferiores, mas outros desapareciam em profundezas misteriosas. Não havia espaço para pânico. Cada canto, cada curva, cada abertura tinha de ser verificado com o maior cuidado, pelo temor de um encontro indesejável; e as cavernas eram o pior de tudo. Depois de atravessar meia dúzia delas, espiando em volta nos buracos que nada revelavam, Colin e Susan, correndo sobre o chão fofo, entraram na primeira passagem que viram, confiando cegamente que, particularmente naquela, não haveria ninguém. Nos túneis, eles ficavam pegados às paredes e aos tetos, as lanternas iluminavam bem, formando sombras; mas, nas cavernas, as crianças sentiam-se completamente perdidas, pois as luzes das lanternas somente acentuavam sua insignificância, e a sensação de estarem expostos a olhos invisíveis era muito forte.

Em algum lugar, nesse labirinto, alguém os estava caçando e nunca se sentiram tão conscientes como quando se viram desprotegidos sob um imenso domo de pedra e correram pela areia, como em um pesadelo.

Que distância tinham caminhado, e durante quanto tempo antes de terem de parar para descansar, era impossível de calcular. Tempo e distância pouco significavam sob a terra. Não conseguiram mais continuar e, escolhendo uma das passagens, parcialmente bloqueada na entrada, esgueiraram-se para dentro e jogaram-se no chão. Estavam com calor e sede e procuraram, ávidos, a limonada na mochila de Colin. Nos minutos seguintes só se ouviam no túnel barulho de goles, respiração ofegante e suspiros de alívio.

– Melhor guardar um pouco para mais tarde – disse Colin.

– Tudo bem, mas eu seria capaz de beber o mar!

As crianças relaxaram as pernas doloridas e só falavam aos cochichos.

Mas primeiro apagaram as lanternas; não interessava acrescentar a seus problemas a hora em que as baterias se descarregassem.

– Escute – sussurrou Colin –, a coisa mais importante agora é achar um meio de sair daqui sem sermos apanhados. Não acho que haja dúvidas sobre o lugar onde estamos; devem ser as minas de

cobre. E, se isso for verdade, há várias saídas. Mas, como encontrá-las?

Pensaram durante algum tempo, em silêncio: parecia não haver resposta para esse problema.

– Deve haver alguma... Espere! – exclamou Susan. – Olhe, se estamos nas minas, a saída deve estar acima de nós, não é? Quase todas as entradas estão no topo da Borda.

– É...

– Muito bem! Se nós escolhermos somente os túneis que sobem, sem dúvida estaremos na direção certa, não é? Sei que não é nenhuma ideia genial, mas pelo menos é melhor do que ficarmos andando até que Grimnir e Selina nos encontrem.

– Não é somente com aqueles dois que estou preocupado – disse Colin. – Percebeu como a areia está remexida por todos os lados? É fofa demais para deixar marcas, mas mostram que estas minas não são tão vazias como parecem. E, lembre-se do que Cadellin disse sobre evitá-las a qualquer custo, por causa dos svarts.

Susan não tinha pensado nisso. Acrescentar um perigo não poderia alterar a situação e, embora conversassem mais algum tempo, não puderam pensar em um plano melhor. Assim, foi preciso coragem para ligarem novamente as lanternas e abandonarem seu refúgio seguro pelos perigos do túnel aberto.

Assim, caminharam em desespero. Pois nenhum caminho seguia para cima por muito tempo. Cedo ou tarde o caminho ficava no nível e, depois de uma hora de sofrimento, Colin e Susan não tinham a mínima ideia de onde estavam.

Então, de repente, sentiram que estavam fazendo progressos. Tinham se esgueirado ao longo de um atalho arenoso, à beira de um penhasco de uma caverna com o teto muito alto. A areia rolava continuamente sob seus pés, caindo no vazio lá embaixo. No fim do caminho havia a entrada de um túnel e a rocha por entre seus pés. Quando lá chegaram, a alegria foi a mesma que teriam se tivessem chegado a campos verdes e céu aberto.

Este túnel era diferente; era mais comprido que os outros e menos tortuoso.

– Colin, desta vez acho que estamos na pista certa! – exclamou Susan, que estava à frente.

– Quem sabe estamos mesmo!

– Oh!

– O que foi? O túnel termina agora?

– Não, mas...

– Oh! – repetiu Colin, olhando pelos ombros da irmã.

O maior buraco de todos os que tinham encontrado estava à frente deles e, espichada sobre a negra abertura, havia uma prancha estreita. Estava molhada e bastante estragada, além do que, o apoio em cada lado não ultrapassava uns dez centímetros da rocha.

– Temos de voltar – disse Colin.

– Não, temos de atravessar. O túnel leva a algum lugar ou esta prancha não estaria aqui.

E Susan pisou na prancha.

Colin observou a irmã andar sobre o abismo; nunca pensou que ela seria capaz disso. Sempre se contentara em seguir sua liderança, raras vezes inclinada a correr riscos, por menores que fossem. Entretanto agora, a terceira vez naquele dia, ela deliberadamente enfrentava um grande perigo e com uma firmeza que exigia seu respeito embora também mexesse com seu orgulho.

Susan estava a dois terços do caminho quando a prancha inclinou-se levemente para o lado. Colin sentiu um suor gelado descendo pela espinha; mas Susan simplesmente parou para corrigir o equilíbrio, e logo chegou ao outro lado.

– Pronto! É fácil, balança um pouco no meio, mas é seguro. Ande normalmente e não olhe para baixo.

– Tudo bem! Eu sei como fazer, tão bem quanto você!

Colin começou. Não era de todo mau e estava preparado para um leve balanço na metade do caminho. Mesmo assim, quando aconteceu, pegou-o desprevenido. Sentiu a prancha escorregar; inclinou-se para um lado, os braços no ar. Deu dois passos vacilantes e a prancha parecia dançar sob seus pés, a luz da lanterna fez um arco, ele viu que seu próximo passo iria ser fora da prancha, o abismo o esperava lá embaixo e então saltou para se salvar.

– Está machucado?

Colin sentou-se e esfregou a cabeça.

– Não. Obrigado, Sue.

Colin sentiu-se mal. Por um segundo, que mais parecera um século, tinha se apoiado em um pé, na beirada do buraco, sua outra perna pendurada no ar, sem forças para dar o impulso e ir para a frente. Foi quando Susan saltou para diante, agarrou-o pelos cabelos e o arrastou para o outro lado.

– Você se importa se descansarmos um pouco?

– Podemos descansar antes de voltarmos pela prancha.

– O quê?

– Olhe você mesmo.

Colin dirigiu o facho de luz pelo túnel e deu um gemido. De onde eles estavam sentados, o chão afundava e, até onde podiam perceber, não havia mudança em seu curso.

– Para baixo, para baixo, sempre para baixo – exclamou Susan amargamente. – Será que nunca mais veremos a luz do dia?

– Vamos continuar, agora que estamos aqui – disse Colin. – Nunca se sabe, vai ver que este é o caminho da saída.

Ele não queria enfrentar a prancha novamente; se pudesse evitar…

A passagem inclinava-se de maneira alarmante. O chão era de barro vermelho e Susan chegou a se descontrolar e escorregar por alguns metros antes de conseguir parar. Aprenderam a lição e daí para a frente tomaram muito cuidado.

Para baixo, para baixo, para baixo, mais para o fundo do que jamais tinham ido antes. Então o túnel mudou de direção para a esquerda, ziguezagueou violentamente e chegou ao fim, num parapeito dando para um grande vazio. Colin deitou de bruços e examinou lá embaixo.

– Bem, nós tentamos.

Cerca de dois a três metros abaixo havia um lago com água cor de chocolate coberta por uma espuma amarelada. Alguns metros à frente havia um banco de areia, porém mais além não havia nada.

– Bem, vamos voltar para a prancha – disse Colin.

Todo o caminho de volta ele veio pensando em como poderia atravessar aquela prancha; logo estava diante dela e Susan perguntava:

– Você acha que vai conseguir?

– Claro que sim!

Colin obrigou a si mesmo a avançar. Seus ouvidos latejavam, suas pernas pareciam de borracha, o ar sibilava entre seus dentes, o coração batia forte, havia rocha debaixo dele.

– Tudo bem!

Agora Colin iluminou a prancha para Susan atravessar.

– Sim, é fácil. Ela sobe um pouco quando a gente vem deste lado – Susan estava agora no meio do caminho. - Gostaria de saber qual a profundidade deste poço. – Ela parou.

– Não, Sue! Não olhe para baixo, vai deixar você zonza! Venha, não pare!

– Estou ótima! Quero ver até aonde vai. Apontou o feixe de luz da lanterna para o buraco. Viu a rocha molhada, toda riscada e brilhante como uma monstruosa garganta, mergulhando vertiginosamente para baixo e desaparecendo na escuridão. Susan gritou. A lanterna escapou de sua

mão e foi batendo pelas paredes até ser engolida pelo buraco. Era terrivelmente profundo. Susan balançou e caiu para a frente, batendo tão violentamente na prancha, que começou a vibrar e ranger. Susan ajoelhou-se, diante do abismo, chorando de medo.

– Sue! Sue, levante! O que é? Sue!

– Olhos! Olhos olhando para mim! Embaixo, na escuridão!

Agora a prancha balançava furiosamente e um dos lados estava quase fora da rocha de apoio. Colin tentou arrumar, mas teve receio de puxar a prancha e o outro lado ficar sem apoio.

– Sue, engatinhe, não olhe para baixo. Venha, são poucos centímetros.

– Não posso. Vou cair.

– Não vai. Olhe para mim; não olhe para baixo. Venha, Sue.

– Não posso. Vou cair.

A prancha escorregou uns centímetros.

– Sue, levante a cabeça! Olhe para cima! Agora está melhor, continue olhando para mim. Engatinhe.

Susan mordeu o lábio e começou a seguir na direção de Colin. Imediatamente a prancha começou a vibrar mais do que nunca.

– Não posso! Não posso mesmo!

– Está bem, Sue. Fique aí; estou indo!

Sem hesitar um instante, Colin andou pela prancha ao encontro da irmã.

– Pronto, agora me dê sua mão. Acha que consegue ficar em pé?

Ele se inclinou, tentando não olhar nada, a não ser o rosto da irmã. Susan agarrou-lhe a mão e esticou a outra em volta dos joelhos de Colin. A prancha balançou furiosamente.

Colin lutou para manter o equilíbrio; Susan tinha perdido completamente o dela. Vagarosamente ela se levantou, sempre agarrada ao irmão, até ficar de pé, tremendo, com os braços sobre os ombros de Colin.

– Agora ande. Não, espere! Eu digo quando. Comigo! Agora! Um ... dois...

Colin andava de costas ao longo da prancha, sentindo dolorosamente cada passo atrás dele.

11 - O PRÍNCIPE DE HULDRAFOLK

– Não sei o que deu em mim – disse Susan – No começo eu não estava com medo: alguma coisa me empurrava para a frente o tempo todo. As crianças tinham se afastado do buraco e estavam sentadas, com as costas apoiadas na parede do túnel. Os dois precisavam de um bom descanso.

– Eu estava tão confiante de que estávamos no caminho certo, que tive vontade de gritar quando o túnel afundou daquele jeito. E depois, quando você disse que devíamos ir em frente, e chegamos naquela borda, minha vontade foi de pular na água!

– Isso só iria piorar tudo!

– Eu sei; mas era uma vontade incontrolável. Sabia que seria seguro e eu não estava zonza. Mas, quando vi aqueles quatro pares de olhos brilhando na escuridão do abismo, alguma coisa abalou meu raciocínio. A prancha não era segura e larga; era velha, estragada, estreita, aquele buraco ia me engolir e aqueles olhos estavam me esperando.

– Mas, como você sabe que eram olhos? Podia ser a luz refletindo em cacos de vidro, ou aquele fungo branco.

– Não, não era! Eles brilhavam e se moviam. Nunca tinha tido tanto medo antes: nem mesmo quando Grimnir nos pegou. E quando eu deixei a lanterna cair foi ainda pior! Mas não estou com medo agora – continuou Susan. – Não é estranho? No momento em que saímos da prancha eu comecei a me sentir melhor. E não era porque estivéssemos salvos; é como se um tipo especial de medo subisse pelo abismo e tentasse me fazer cair. Você acha que pode haver svarts lá embaixo?

– Não sei. Mas, onde quer que estejam, acho melhor sairmos daqui. Você está bem agora?

Eles refizeram o caminho e chegaram finalmente a uma fenda, onde havia uma escada entalhada na rocha que levava para baixo, a uma caverna.

– Vamos?

– Sim, qualquer lugar é melhor do que voltar pelo mesmo caminho.

Logo descobriram que aquele caminho não era absolutamente novo. Estavam caminhando aos pés de uma rocha, e sobre ela havia um grande monte de areia, que chegava ao teto.

– Gostaria de saber se existe um caminho melhor para chegarmos ao túnel – disse Colin. – Já está bastante ruim aqui, para fazermos coisas da maneira mais complicada.

Estavam começando a se acostumar com as condições embaixo da terra e a atmosfera não lhes parecia mais tão opressiva, pelo menos quando estavam em movimento. Mas a perda da lanterna os atrasou bastante. Ficavam de mãos dadas sempre que possível, e Colin segurava a lanterna que restara, a não ser quando estavam dentro de um túnel; então era Susan que ia na frente enquanto Colin seguia atrás numa semiobscuridade traiçoeira.

Seus períodos de descanso tornaram-se mais frequentes, e Colin decidiu que apagariam a lanterna nesses momentos. A bateria não era nova e eles não tinham nem fósforos nem velas; sem a lanterna não haveria esperança.

As crianças tentavam sempre os caminhos que subiam, mas as mudanças de direção os desconcertavam a cada volta.

– Gostaria de comer alguma coisa na próxima vez que pararmos – disse Susan.

– Tudo bem, mas temos de tomar cuidado com a comida e com a bebida. Fizemos mal em tomar tanta limonada, porque acho que a água por aqui não serve para beber.

– Ai, não mesmo!

– No próximo túnel que encontrarmos vamos parar e comer um pouco. Vamos comer um sanduíche cada um, mas não podemos beber nada.

– Colin, estou completamente seca! Parece que a minha boca está cheia de cola, e estou com tanto calor!

– Eu também. Mas temos de tomar muito cuidado, senão não conseguiremos sair daqui.

Colin estava muito preocupado com a luz da lanterna. Estava ainda forte mas, cedo ou tarde, o facho branco ficaria amarelado, vacilante, e vagarosamente apagaria. Nada disse à irmã, mas ela não era tola nem cega ao perigo.

– Aqui está bom – disse Colin.

Engatinharam para dentro e olharam à sua volta.

Sim, era bem conveniente. O túnel terminava depois de poucos metros e a estrada era quase toda fechada pela areia. Um refúgio pequeno e protegido… até perceberem que era exatamente o mesmo túnel onde tinham descansado antes. Toda aquela caminhada, para nada!

– Eu estava começando a acreditar que estávamos ganhando altura – exclamou Susan. – Somos como esquilos em uma gaiola! Oh, que desespero!

Desembrulharam os sanduíches.

– Pronto – disse Colin. – Aproveite o melhor que puder.

– Sabe, talvez nós tenhamos subido um pouco – disse Susan. – Pelo que sabemos, este túnel deve estar perto da superfície.

– É… – murmurou Colin, na escuridão. Sabia que a irmã estava tentando animá-lo de alguma forma.

Susan tossiu um pouco e depois deu um ligeiro gemido.

– O que foi? Engasgou com o pão? É o que acontece por ser gulosa! Imagino que vai ter de tomar um gole agora. Por que não tomou cuidado?

Colin pegou a lanterna e acendeu. Ele estava sozinho.

– Sue!!!

Ela sumira, com sanduíche e tudo. Colin foi até a entrada e dirigiu a luz para cima e para baixo: não havia nada lá. Ele começou a correr, desarvorado. Túneis, cavernas, túneis; uma desolação sem fim de areia e rochas.

– Sue! Sue!

De repente, Colin parou de correr. A areia prendia seus passos, ele tropeçou e caiu.

– Sue! Não! Não é este o caminho! Calma! Preciso pensar! Desligar a lanterna! Preciso encontrá-la. Mas… e se eu encontrar a saída? O que faço? Não, preciso encontrar Sue. Descansar um minuto; só um minuto.

Vagarosamente a força voltou a suas pernas. Colin apoiou-se nos cotovelos e ligou a lanterna.

Svarts! Dois deles! Estavam rastejando pelo chão e foram apanhados pelo foco da luz.

Colin pôs-se rapidamente de pé; não estava mais em perigo. Surpreendê-lo no escuro tinha sido o plano deles, arremessar-se sobre ele, agarrá-lo com suas poderosas mãos e imobilizá-lo. Mas agora recuavam, os olhos cegos pela luz. Eles coaxavam, sibilavam e cambaleavam pelas paredes, os braços cobrindo os rostos, tentando conseguir alívio para sua dor. Finalmente se atiraram para a entrada de um túnel, lutando apressados para entrarem. Ouviu-se o ruído de um último encontrão e eles sumiram.

Tudo isso aconteceu na fração de tempo gasto para contá-lo e tudo tinha terminado antes que Colin pudesse recuperar o controle; mas ainda ia acontecer mais. Um grito abafado soou ao longo do túnel e depois se ouviram ruídos de pés se arrastando. Um svart surgiu na abertura, desviou-se da lâmpada e fugiu para a caverna. Bem atrás veio mais um; parou indeciso na luz, olhou por cima dos ombros e seguiu o companheiro.

Algo brilhou intenso no ar. O svart guinchou e caiu de frente na areia. Uma espada grande, de dois gumes, o tinha transpassado. Colin ficou atônito. Então, mesmo que seu cérebro negasse a

evidência do que seus olhos viam, o svart murchou e se despedaçou como uma folha seca; tudo que restou foi um montinho de poeira que pousou no chão. Por um momento a espada ficou apoiada em sua ponta e depois caiu, com um baque surdo.

– Oh! Dyrnwyn! Eles não gostaram de sua performance! Pelas barbas do meu pai, este é na verdade um esporte muito sem graça.

A voz profunda ressoou no túnel e um anão entrou na caverna – a miniatura de um viking. Os cabelos amarelos iam até os ombros, a barba, bifurcada, até a cintura. As armas consistiam de um elmo alado e de uma cota de malha. De seus ombros pendia um manto de penas brancas de águia.

– Pelo hálito de Nighug! – berrou a criatura, protegendo os olhos da luz. – Será que eu vim até este lugar de ar imundo para ser cegado?

– Eu... eu sinto muito – gaguejou Colin, desviando a lanterna do rosto do anão.

– Você iria sentir muito mais se eu não o tivesse encontrado – e pegou a espada. – Agora venha depressa. Mais cabeças de svarts rolarão em breve e eu quero partilhar disso com meu primo.

– Mas... quem é você? Como me encontrou?

– Sou Durathror, filho de Gondemar, príncipe de huldrafolk e amigo dos lios-alfar. Não temos tempo para conversa! Venha!

A espada foi encaixada com ruído na bainha e o anão entrou no túnel.

– Espere um pouco! – exclamou Colin. – Preciso encontrar minha irmã; ela sumiu e acho que os svarts a pegaram.

– Ela está a salvo, não tema! Agora você vem, ou vai ser preciso carregá-lo?

Colin teve muita dificuldade para acompanhar o anão, pois ele começou a correr e não abrandava o passo nem nas subidas mais íngremes ou nos trechos de areia fofa. Mas não foram muito longe. Numa curva do túnel, Durathror começou a andar e, então, em uma caverna que não tinha outros túneis, sentados numa rocha, lá estavam Susan e Fenodyree, calmamente comendo sanduíches.

– Susan! Onde você estava? Pensei que nunca mais fosse ver você!

– Oh, Colin! Graças a Deus você está bem! – exclamou Susan. – Se não fosse por Fenodyree e Durathror, não sei o que teria acontecido.

– Pois eu sei – disse Fenodyree. – E afirmo que foi bom nós termos dado com vocês naquela mesma hora.

– Conosco?! – surpreendeu-se Colin. – Não estou entendendo.

Susan deu uma risada.

– Não era Grimnir ou Selina Place atrás de nós! Eram estes dois!

– O quê? Você está dizendo que... Oh! Não!

– É! – reafirmou Fenodyree. – E nós fizemos uma ótima caçada! Mas, Susan me contou como recuperou a pedra, e eu afirmo que Cadellin, o velho mago, errou quando pensou que vocês não teriam vez nesta luta. Vocês provaram que têm valor e eu os levaria conosco até o fim da aventura, se vocês concordassem e nós conseguíssemos chegar até lá.

– Primo Pele de Vinho – interrompeu Durathror –, não é à toa que dizem que, mesmo que cortassem sua língua, ainda um bom pedaço ficaria balançando! A conversa está agradável e sem dúvida há muito para dizer, mas nossa missão ainda não está terminada, e eu gostaria muito de livrar meus pulmões do fedor deste lugar.

– Mas claro! – disse Fenodyree, ficando de pé. Desculpe-me, Durathror. O caminho até a luz não é comprido e nós contaremos tudo uns para os outros em Fundindélfia em menos de uma hora.

– Espero que sim! – exclamou Durathror. – Mas vocês precisam saber que, quando eu encontrei este "jovem cão", havia svarts com ele, e um deles, que pena, ainda vive. E desconfio que nossa caminhada vai ser divertida.

– Depressa, então! – disse Fenodyree. – Não devíamos ter perdido tempo. Susan, atrás de mim;

depois Colin; Durathror protegerá a retaguarda. Ora, Colin, não fique aborrecido; Durathror não quis insultar você. Na minha língua, seu nome quer dizer "jovem cão" e é muito antigo e honrado. Agora vamos embora, a toda velocidade.

Enquanto corriam pelo caminho, Colin conseguiu descobrir com Susan o que tinha acontecido com ela. Dois svarts a tinham agarrado por trás, tentando sufocá-la com as mãos, e a levaram embora. Ela tinha escutado os gritos de Colin, cada vez mais distantes, e já estava começando a se desesperar quando ouviu um berro e os svarts a soltaram e fugiram. Sentiu alguém pular por cima dela e persegui-los. Quase morreu de susto quando a voz de Fenodyree soou bem perto dela, perguntando se estava bem. Ao longe, escutou dois guinchos, seguidos por passos que se aproximavam. E foi assim que conheceu Durathror.

– Mas não consigo entender como eles podem fazer tudo isso no escuro.

– Como uma águia pode voar? Como um peixe pode nadar? – perguntou Fenodyree, rindo por cima dos ombros.

– Sim, mas como me encontrou tão depressa? – perguntou Colin. – Foi sorte?

– Sorte? – gritou Durathror. – Só tive de encostar o meu ouvido no chão e seus berros quase estouraram a minha cabeça! Sorte mesmo foi só ter encontrado dois svarts em sua companhia!

– Shhh! – sussurrou Fenodyree, erguendo a mão. Agora temos de ir com cuidado.

Escutou, com os ouvidos colados ao chão, da mesma maneira que Durathror tinha feito.

– Os svarts estão se movimentando, mas ainda estão longe. Pode ser que não haja perigo, por enquanto.

O túnel dava numa ampla galeria; diante deles, havia uma grande rocha, que tinha o formato de uma cabeça de leão. Acima da cabeça, a galeria chegava a uma grande altura, levando a outros níveis e cavernas.

– Esta é a caverna do Conselho dos svarts e não é lugar bom para nós, em qualquer circunstância.

Mal essas palavras tinham saído da boca de Fenodyree, um som fraco chegou até eles, vindo de longe. Colin e Susan já o tinham ouvido uma vez: era do gongo que fizera os svarts-alfar saírem do Túmulo do Diabo na Ponta das Tormentas, na noite em que tinham corrido até o pântano de Holywell.

– Rah! – gritou Durathror enquanto a espada Dyrnwyn, ao ser tirada da bainha, gemeu e descreveu no ar um arco de luz.

– Agora não, agora não! – exclamou Fenodyree. – Até que seria uma boa luta, mas nós devemos ir adiante por causa da pedra. Temos de passar despercebidos.

Durathror baixou a espada com má vontade, uma expressão de descontentamento no rosto.

– Pela Vaca de Orgelmir! – resmungou. – Este seu conselho é amargo! Não esquecerei este dia. Nunca antes alguém da casa de Gondemar fugiu de uma batalha. Muito menos dessa escória! Quando todos estiverem salvos em Fundindélfia, voltarei aqui para reparar esse mal!

– Seu braço pode ainda ficar muito cansado até você enxergar luz – disse Fenodyree. – Este é o chamado para o Conselho dos svarts. Temos de nos apressar.

Subiu com agilidade nos ombros do leão e os outros o seguiram. Dos ombros subiram por uma escarpa, onde havia pequenas reentrâncias para os pés, e daí para um túnel curvo, que chegava a uma galeria de onde se via a cabeça do leão. O som de muitos passos chegava agora, cada vez mais perto. Todos os túneis estavam cheios de ruídos.

Fenodyree seguia agora por um caminho que alcançava o teto.

– Depressa! Eles estão vindo para cá e temos de encontrar um esconderijo antes que eles nos vejam.

A parede do túnel terminava, e agora estavam sobre uma plataforma larga; bem lá embaixo, ficava a caverna. Na plataforma havia uma reentrância.

– Aqui! Nada de luz!

Colin desligou a lanterna e sentiu os anões encostarem-se nele, enquanto se colocavam o mais longe possível da beirada. Susan, colada à parede, mal conseguia respirar.

Foi no último momento! Mal tinham se acomodado quando os svarts chegaram. Surgiram pelos túneis como uma maré montante. Durante um minuto inteiro Colin e Susan ouviram os ruídos dos pés chatos e os zunidos das respirações. Então a multidão invisível passou e o barulho da passagem fundiu-se com a confusão geral dos sussurros, grasnidos, pios e empurrões, que cresciam cada vez mais à medida que os svarts se despejavam na caverna, vindos de todas as direções, tornando o ar cada vez mais rançoso.

Como se tivessem recebido uma ordem, o barulho parou e um silêncio tenso caiu sobre a multidão reunida. O Conselho dos svarts tinha começado.

12 - NA CAVERNA DO CONSELHO DOS SVARTS

– Não se mexam – murmurou Fenodyree. – Durathror e eu vamos espiar o conselho. Voltaremos logo que descobrirmos o que eles pretendem.

Os anões movimentaram-se tão suavemente que, mesmo naquele silêncio, Colin e Susan nada escutaram.

Lá embaixo, alguns minutos depois, uma voz áspera e forte começou a falar. A língua era incompreensível, cheia de sons guturais e nasais, e as palavras jorravam indistintas e estridentes; o orador parecia estar num estado de extrema excitação ou ira, e a multidão deixava-se influenciar por ele. Começou com um murmúrio que logo transformou-se em gritos a cada pausa do discurso.

Colin sentiu um toque no braço.

– Venha comigo – cochichou Fenodyree. – Logo você verá. Mas fique abaixado.

Colin seguiu de gatinhas até alcançar Durathror, que estava de bruços na beirada da plataforma, resmungando para dentro da barba. Não demorou muito e Susan veio juntar-se a eles. O barulho lá embaixo era agora contínuo.

– Eles são covardes – disse Fenodyree – e precisam ser levados a um frenesi para enfrentarem nossas espadas. Ah, eu imaginei que fosse assim! Eles são impotentes diante de uma luz repentina e, assim, precisam preparar-se para a coluna de fogo. Agora chegou o Chefe.

Os gritos histéricos transformaram-se em um murmúrio de excitação. Então, tudo ficou em silêncio.

– Lá embaixo! – sussurrou Fenodyree. – Agora ele está tirando o manto.

Uma língua de fogo subiu, passou a plataforma e lambeu o teto.

– Thihi! Ahh! Hummm...! – berravam os svarts. As chamas encolheram até formarem uma coluna de cerca de seis metros de altura, que envolveu a caverna em uma luminosidade avermelhada; uma luz similar tinha queimado no Penhasco de Santa Maria naquele mesmo dia, pela manhã.

– Agora vocês podem olhar – disse Fenodyree. Colin e Susan ergueram as cabeças e a lembrança do que viram ficou para sempre em sua memória.

O chão e as paredes da caverna estavam cobertos de svarts. Eles fervilhavam como se fossem abelhas. As duas primeiras galerias estavam repletas e as crianças se sentiram aliviadas por Fenodyree ter subido tão alto. A cabeça do leão e um pequeno espaço sob suas mandíbulas formavam uma ilha num mar turbulento. No topo de uma rocha, dois svarts estavam em pé, um preto, outro branco. Tinham a estatura de um homem.

– Aqueles que estão vendo são Arthog e Slinkveal, senhores dos svarts-alfar. Slinkveal é astucioso quanto aos pensamentos dos homens, mas Arthog é o que fala e traduz os pensamentos do irmão. Seu coração é mais negro que sua pele. Vejam agora a coluna de fogo. Os olhos dos svarts podem aguentá-la sem dor, e isso os fortalece para enfrentar a luz crua do dia; daqui para a frente a luz da sua lanterna não será mais uma arma.

A chama se elevava a partir de uma tigela de pedra, cheia de sangue fumegante, que era manuseada por um pavoroso e esquelético svart sentado de pernas cruzadas na areia, sob as mandíbulas do leão. Era obviamente muito velho e sua pele flácida era malhada de branco.

– Já é tempo de irmos embora – disse Fenodyree –, temos um caminho muito difícil pela frente. Engatinhe para o túnel e não use sua lanterna até eu avisar.

Somente durante alguns metros a luz vermelha iluminou o caminho. Atrás deles o tumulto novamente crescia.

– Há uma curva mais adiante – avisou Fenodyree. – Só depois dela você poderá acender a

lanterna.

Ele os fazia andar em um passo ligeiro, e parecia muito preocupado.

Por outro lado, Durathror estava de ótimo humor, e começou a rir enquanto corria na retaguarda.

– Eu não disse que a viagem ia ser divertida? Ah! Pelo sangue de Lodur, é bem melhor do que eu tinha pensado! Então nós temos de ser localizados, não é? E vamos ser interceptados na prancha, pelo que ouvi? E, se tudo falhar, eles esperarão por nós nos portões; vamos correr para os portões, primo Nariz Chato, pois vou fazer com que esses comedores de rato se lembrem dos portões, já que poucos deles vão sobrar para contar história depois de nós passarmos.

Fenodyree suspirou e abanou a cabeça.

– Está se esquecendo da nossa missão, Durathror. Fogofrio vale mais para nós do que a vida ou a morte gloriosa: temos de engolir nosso orgulho e correr antes desses duendes. O portão não é para nós.

– Não é para nós? Então como, pergunto eu, vamos chegar lá em cima? Não há outro caminho.

– Há sim: somente um. E, a seu modo, tem mais perigos do que o portão, embora não possa ser governado pela espada. Pelo menos, se perecermos nesse caminho, Fogofrio ficará escondido por séculos sem conta; nós iremos por onde nem svart nem ser vivo algum pisará; onde apenas eu, em todo o mundo, conheço o caminho.

– Mas, Fenodyree – interpelou Susan –, o que você está dizendo? Existem dezenas de entradas!

– Não aqui. Estamos na Mina do Oeste e só existe uma saída. Mas os homens cavaram tão profundamente que tocaram em lugares secretos no interior da terra conhecidos por poucos; e, desses poucos, meu pai foi o último. Havia as primeiras minas cavadas por meu povo, séculos antes de Fundindélfia; pouco restou, se não contarmos as passagens superiores, e são lugares tenebrosos, mesmo para nosso povo. O caminho está escondido, mas meu pai me ensinou muito bem. Jamais caminhei por essas trilhas, a não ser em pesadelo, e sempre esperei ser poupado desta provação, mas agora chegou o momento.

– Eu rogo a você! Não fale mais sobre isto! – resmungou Durathror. – Não gosto!

Andaram sem descanso, falando pouco, pois Colin e Susan estavam cansados e sem muita energia e Durathror estava deprimido com o que escutara.

– Não fica longe – disse Fenodyree. – Até... oh!

À frente deles uma luz tremulava na parede. A fonte da luz estava oculta em uma curva do túnel, mas os anões não precisaram pensar muito para adivinhar o que os esperava.

– O que você acha, primo? – sussurrou Durathror, impaciente. – Vamos fugir como sombras diante desta luz ou vamos tratar de apagá-la?

A expressão de Fenodyree era sombria.

– Estamos perto demais. Não dá para voltar.

– Bom! Isto é o que vamos fazer: deixar os filhotes de homem aqui. Você vai até aquela fenda e fica escondido, com a espada preparada, até eu avisar. Vou esperar atrás dessa pedra. Coragem, Donzela da Pedra; não receie. Nenhum svart irá encostar-lhe as mãos, isso eu prometo!

Dizendo isso, desapareceram na escuridão.

A luz ficou mais forte, formando nas paredes sombras de figuras compridas, com cabeças e mãos enormes. Então, na curva os svarts surgiram. Eram dez deles, brancos, com nariz de buldogue. Cada um carregava uma tocha de madeira, que tinha sido mergulhada na chama do sangue fumegante. De uma corrente em volta da cintura pendia um machado rústico ou um martelo. A cabeça do martelo era de pedra grosseira, em forma de rim. No meio da pedra havia um buraco de onde pendia um rabo seco cheio de tiras de pele de rato.

Instintivamente Colin e Susan chegaram mais perto um do outro e a lanterna tremeu na mão do menino. Os svarts pararam; ouviu-se um suspiro fundo, vindo do bando, que vagarosamente

começou a avançar.

Apesar de saberem que Durathror estava bem perto, as crianças precisaram se controlar para não saírem correndo.

Os svarts chegaram: o último deles já tinha passado por Fenodyree. Carregavam as tochas bem alto e a outra mão estava pronta para agarrar. Colin dirigiu o facho de luz para seus olhos, mas eles somente piscaram e riram selvagemente.

As crianças recuaram um passo. Os svarts avançaram. Mas nesse momento Durathror saiu de trás da pedra, sua espada Dyrnwyn na mão, e fez uma profunda reverência diante deles, falando-lhes em sua própria língua.

– Salve, comedores de sapo! Finalmente nos encontramos!

Os svarts recuaram, bocas abertas, silvando como lagartos gigantes. Mas os que estavam na retaguarda do bando tinham mais coragem.

– Vejam! - berraram. - É ele que temos de matar! Os filhotes de homem não importam, mas nossos senhores há muito desejam a vida dele, e foi por causa dele que o conselho foi convocado!

– Não! Não! Não! – gritou outro. – Tem ainda a donzela, que nos enganou! E vejam! Ela está outra vez com a pedra!

– A pedra! A pedra! A pedra!

– A Morrigana nos enganou!

– Ou ela roubou a pedra!

– Agarrem os dois! Vamos pegar a pedra para nós!

Seus olhos brilhavam verdes e amarelos, o desejo vencendo a covardia!

– Oh! – gritou Durathror. – Então existe coragem em svarts-alfar! Hoje é o dia das maravilhas, isto é certo! Venham para que minha espada teste o vigor dos seus ossos!

– Nós vamos! Nós vamos! – exclamaram, atirando-se em cima do anão.

– Gondemar! – berrou Durathror, levantando a espada com as duas mãos sobre sua cabeça. Dois svarts morreram com o golpe. Caíram de joelhos e viraram poeira. – Gondemar!

Centelhas espoucavam, quando o aço se chocava contra a pedra, mas agora havia seis svarts no túnel, e quatro tochas se apagando na areia. Seis a um: muito poucos para enfrentar, por maior que fosse o prêmio. Os svarts deram meia-volta e correram. Durathror apoiou-se na espada.

– Primo, parece que Dyrnwyn é muito amarga para o gosto deles; deixem que experimentem a Fazedora de Viúvas.

Fenodyree saiu do esconderijo e os svarts pararam, em pânico.

– Ele é o cão de guarda de Cadellin, o Branco. O que está fazendo aqui? É uma armadilha!

Um dos svarts virou e correu na direção de Durathror, mas, vendo que estava só nessa empreitada, recuou para perto de seus camaradas, que a essa altura estavam muito assustados. Fenodyree estava parado, em silêncio. Não sentia a mesma alegria que Durathror na batalha; para ele, essas criaturas estavam entre ele e sua missão e deviam ser eliminadas; e isso era tudo. Ele não tinha nascido para lutar.

O barulho foi diminuindo cada vez mais. O elmo redondo de Fenodyree caiu no chão e sua cota de malha rangia com os golpes; mas não por muito tempo. Bem depressa os dois anões olharam um para o outro através dos despojos de tochas e machados de pedras.

– Vejo que a Fazedora de Viúvas foi um nome bem dado! – exclamou Durathror, rindo. – Ela me venceu por duas cabeças, nesta luta; agora só estou na sua frente com um svart. Ah! Eu preciso achar mais svarts para mim.

– Eu rogo, primo, vamos embora! Não podemos nos desviar do caminho nem descansar, até ficarmos fora do seu alcance!

Colin abaixou-se para pegar um martelo. Era pesado, mas fácil de ser manuseado.

– Será que não devemos levar alguns? Poderão nos ser úteis.

– Eles o arrastariam para a morte, aonde estamos indo – disse Fenodyree. – Deixe aí, não precisamos dessas coisas corrompidas.

– Durathror! – chamou Susan enquanto caminhavam. – Para onde vão os svarts quando desaparecem?

– Para o pó, Donzela da Pedra, para o pó. Eles não suportam o contato com o ferro, que tem a propriedade de dissolver suas carnes. Bem que eu gostaria que todas as criaturas de Nastrond fossem como eles!

– Aqui temos nosso primeiro desafio – disse Fenodyree –, mas não é nada que uma cabeça fria não consiga vencer.

Diante deles o túnel terminava de repente; estavam no teto de uma caverna, e do outro lado do vazio estava o outro túnel. Uma beirada meio destruída, com não mais que alguns centímetros de largura, subia e corria ao longo da parede escarpada.

– Existem lugares para agarrar com as mãos – explicou Fenodyree. – Dê-me a lanterna, para que possam ver e ter as duas mãos livres.

Parecia fácil quando o observaram caminhando como um caranguejo ao longo da parede. Ele se movia suavemente e com segurança e em segundos estava do outro lado.

– Agora, Susan, vamos. Se seus dedos precisarem de descanso, existe, no meio do caminho, uma estaca de ferro para agarrar; é bem firme. Eu vou iluminar para você.

Foi mais fácil do que Susan pensara, fora o fato de a lanterna não poder iluminar mãos e pés ao mesmo tempo, o que ocasionalmente era inquietante. E também nunca imaginara o quanto um cravo de ferro poderia ser confortante. Quando sua mão fechou-se sobre ele, foi como se chegasse a um canteiro em uma rua movimentada. Susan lamentou ter de abandonar aquela estaca. Esticou o braço à procura do próximo suporte, encontrou-o, e estava transferindo seu peso quando alguma coisa bateu na parede, perto de sua cabeça, e lascas de pedras caíram no seu rosto. Ela foi apanhada de surpresa e, por dois terríveis segundos, ficou pendurada por uma das mãos na estaca. O facho de luz não a deixou e a voz calma de Fenodyree acalmou seu pânico.

– Um pé à direita, Susan. Mais! Mais! Aí! Agora, endireite os pés; mais um pouquinho. Bom! Você está em segurança. Venha devagar, não tenha medo.

Além de Fenodyree, Colin tinha visto o machado de pedra voltear à luz da lanterna e bater contra a rocha. Ao mesmo tempo, tinha escutado atrás dele uma espada sendo manejada.

– Atravesse o mais depressa que puder – sussurrou Durathror em seus ouvidos. – Não fique comigo. Agora vou ensinar boas maneiras a essas lesmas de caverna.

Com um berro atordoante, Durathror atirou-se no espaço vazio. Quando mergulhou além da luz, seu manto envolveu-o de uma maneira intrigante.

– Pronto? – perguntou Fenodyree.

Colin olhou para o outro lado e viu a irmã e Fenodyree juntos.

– Sim, estou pronto, mas... e Durathror?

– Ele sabe tomar conta de si. Não vai demorar muito.

Não demorou mesmo. Mal Colin tinha conseguido chegar em segurança à boca do túnel, escutou a voz do anão atrás dele.

– Agora eu vou na frente, primo. Lá embaixo havia três deles escondidos. Ouviram nossos passos e esconderam as tochas. Morreram suavemente.

Estava um pouco sem fôlego ou talvez a indignação o tivesse dominado, pois era a primeira vez que caía numa emboscada.

– Mas como fez isso? - perguntou Colin. – Eu vi você pular da pedra. Não se machucou?

Durathror jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

– Muitíssimo! – exclamou.

Estendeu a mão que segurava a espada: a junta do seu dedo mindinho estava arranhada.

– Não brinque com eles – disse Fenodyree, sorrindo. – Eles não estão há muito tempo conosco e ainda há muita coisa que não sabem.

Caminharam ao longo do túnel. Fenodyree agora andava devagar e quando falou sua voz estava grave.

– Escutem-me agora. Estamos saindo da Mina do Oeste. Se ficássemos, na certa morreríamos, embora levássemos conosco duas vezes quatrocentos svarts, mas A Pedra Encantada de Brisingamen se perderia. Ainda poderemos morrer; o temor que sinto é o maior que já senti. Digo isso agora porque, quando eu guiar vocês para algo que pareça loucura, quero que saibam que não estarei agindo com crueldade e, se o fizer, será porque não existe outra maneira. Devemos agora passar através das galerias superiores do Monte Earldelving, que se ligam a outra mina, parecida com esta, mas menor. As trilhas nunca foram largas ou altas e a terra foi muitas vezes mexida em seu sono, desde que foi cavada: o caminho pode não estar lá onde me ensinaram e poderemos nos perder para sempre. Mas é nossa única chance, se é que existe alguma chance, e temos de aceitá-la. Aqui é a entrada. Uma vez além dela, poderemos descansar um pouco.

Chegaram a um canto de uma outra caverna. Duas das três paredes que podiam ver eram iguais a qualquer outra da mina, ásperas e rugosas. Mas a terceira, bem à direita, era tenebrosamente diferente. Sua face era lisa e cinzenta e caía quase que verticalmente, como uma lâmina de aço, até o chão, ou melhor, onde o chão deveria estar. Pois, aos pés do anão havia um poço, uma chaminé de pedras em declive. E era para dentro disso que Fenodyree estava apontando.

13 - ONDE SVART ALGUM JAMAIS PISARÁ

Durathror grunhiu e apanhou uma pedra, que atirou no buraco. Ela chocou-se com um penhasco liso e depois uma saliência na rocha escondeu-a da vista dos viajantes. Por um século escutaram o ruído ecoando no precipício, depois o silêncio. E quando todos, menos Fenodyree, pensavam que a trajetória da pedra já tinha terminado, ouviu-se um único e surdo baque.

– Temos de descer lá? – perguntou Susan.

– E, antes que a coragem nos falte, Durathror, será que Valham, seu manto, vai nos ajudar aqui?

– Não, primo; a mágica é só minha; e eu não poderia levá-los comigo, pois ele foi feito para elfos e já acha meu peso exagerado, uma terrível provação.

– Foi o que pensei. Então você fica aqui, para evitar que os svarts atirem pedras em nossas cabeças.

– Isso eu posso fazer, e farei.

– Ótimo! Colin, Susan, sigam-me. Pisem onde eu pisar; sem pressa. Assim chegaremos ao fundo, sãos e salvos.

Fenodyree começou a descer o primeiro lance oblíquo do precipício, apoiando-se no ângulo formado pelas duas faces da caverna. Pedras soltas caíam ruidosamente diante dele, mas somente as maiores faziam barulho quando chegavam ao fundo.

– Há espaço para os dois por aqui – avisou Fenodyree. – Um de cada vez, Colin primeiro.

Colin desceu, indo para baixo da plataforma, e encontrou o caminho, ficando a cerca de um metro de Fenodyree.

– Está perto o suficiente – disse o anão. – Susan!

– Sim.

– Pare quando ficar tão próxima de seu irmão quanto ele está de mim; não devemos atrapalhar uns aos outros.

– Certo.

Era desagradável ficar ali, desamparada, enquanto um rio de pedras desabava sobre sua cabeça, ombros e mãos; mas Susan não se deixou abalar.

– Este é o problema – disse Fenodyree quando o matraquear das pedras caindo parou. – Este poço tem a forma de um joelho dobrado e nós estamos na curva, portanto o caminho para baixo que precisamos seguir está do lado oposto ao nosso. É também mais íngreme. Mas acho que encontrei um meio. Do outro lado, mais ou menos um metro e meio para baixo, há uma plataforma. Se saltarmos daqui e a agarrarmos, será perfeito para nós.

– Se não conseguirmos, também será – comentou Susan.

– O ato nada significa. É o pensamento que alimenta o medo; e não ganhamos nada adiando.

Então Fenodyree saltou. Seus dedos estenderam-se para a rocha e a agarraram. Permaneceu junto à parede, sem se mover ou falar. A princípio, as crianças pensaram que ele estava inconsciente, mas logo descobriram, por experiência própria, como era fácil abalar-se numa queda assim.

– Muito bem – disse Fenodyree. Afastou-se um pouco da beirada e encontrou uma posição segura, com as pernas abertas, em um canto do poço.

– Atire a lanterna para mim.

– E se você deixar cair? – perguntou Colin.

– Não vou deixar cair.

Colin atirou a lanterna e o anão segurou-a com as duas mãos.

– Agora pule. Você não vai errar.

"Será que não?", pensou Colin.

Teve uma breve visão da escuridão abaixo e, depois, da plataforma subindo para ele, antes de o ar ser expulso dos pulmões pelo forte impacto contra a pedra. Estrelas azuis e vermelhas explodiram em seu cérebro e um vácuo formou-se onde seus pulmões deveriam estar. Mas a mão firme de Fenodyree já estava em suas costas; quando seus sentidos se aclararam, Colin percebeu que seus dedos tinham se cerrado na plataforma e a estavam segurando, embora estivesse entorpecido dos cotovelos para baixo.

Quando as crianças e Fenodyree já tinham se recuperado dos efeitos do salto, examinaram a próxima etapa de sua jornada. Colin estava empoleirado um pouco abaixo de Fenodyree, enquanto Susan tinha subido na plataforma e só pensava em poder soltar uma das mãos para massagear as costelas doloridas. Tinha a impressão de que cada osso em seu corpo havia ficado solto em virtude da queda.

– Não há mais ângulos como esse por enquanto – disse Fenodyree –, mas se existe uma passagem segura, isso eu não sei.

A fossa, em forma de "V", continuou por uns dez metros e eles conseguiram um bom avanço. Fenodyree segurava a lanterna, para que Colin e Susan ficassem com as mãos livres. Mas luz era ainda um problema, pois, quando Fenodyree estava acima das crianças, suas sombras escondiam a rocha abaixo, fazendo com que tivessem de tatear cegamente para encontrar apoio. E quando estava abaixo era difícil dirigir a luz sem o perigo de ofuscá-los. Entretanto, ele podia orientar seus pés para apoios que já tinha testado e, assim, decidiram descer nessa ordem.

No fundo do poço três lados do buraco se abriam como a parte dilatada de uma garrafa, deixando o lado remanescente, a rocha perpendicular, dentro do alcance deles.

– Não podemos descer! – exclamou Colin, desapontado. – É escorregadio como gelo!

– Os olhos dos homens são cegos – disse Fenodyree. – Será que não consegue enxergar frestas e saliências?

As crianças examinaram o poço, mas ele ainda lhes parecia intransponível.

– Ah! Muito bem. Vocês vão ter de depositar toda sua confiança em mim. Vamos descansar um pouco aqui, pois não haverá repouso depois disso, até estarmos perto do fim.

Depois gritou para cima.

– Tudo calmo por aí, primo?

– Tudo, embora o frio deste lugar seja além de qualquer imaginação. Ainda bem que tenho o meu manto. Os svarts estão mais perto, mas movimentam-se devagar. Espero que não cheguem a tempo.

– Estão prontos? – perguntou Fenodyree para as crianças.

– O mais que pude – foi a resposta de Susan.

– Ótimo. Colin, você está bem colocado, portanto sua irmã vai antes. Vou limpar caminho para vocês, o máximo que puder. Tenham paciência e descansem um pouco enquanto eu estiver fora, porque o caminho será difícil.

Fenodyree abaixou-se em toda a extensão dos seus braços, arrastou os pés em torno, até encontrar e limpar uma saliência; depois, procurou um pouco abaixo um lugar para apoiar os dedos, e dessa maneira foi descendo lentamente. A rocha não era tão lisa quanto Colin e Susan tinham pensado, mas a areia acumulada durante anos fazia as projeções tornarem-se invisíveis aos olhos das crianças.

Minutos ou horas mais tarde (pois no vácuo daquele lugar parecia uma eternidade) escutaram Fenodyree retomando. Colin acendeu a lanterna e o rosto do anão, vincado e pálido pelo esforço, ficou visível.

– Está... tudo... livre... ou... quase. Nós... não... podemos... nos atrasar... agora.

Colin entregou-lhe a lanterna e Fenodyree desceu para a primeira etapa, de onde guiou Susan pela superfície da rocha. Assim que ela ficou imediatamente acima dele, desceu mais um pouco, e logo

Colin ficou sozinho, entregue a seus pensamentos.

Susan e Fenodyree moviam-se rapidamente, porque os apoios eram precários, dando espaço a não mais que um dedo da mão e do pé, e algumas vezes nem isso. Permanecer mais que alguns segundos era correr sério risco de cair. Entretanto, o ritmo era difícil de manter e Susan, mais de uma vez, chegou perto de perder o controle de sua velocidade. Mas, com a ajuda de Fenodyree, ela conseguiu o equilíbrio entre os dois extremos fatais.

Colin não tinha nada a fazer, a não ser evitar ter cãibras e observar o facho oblongo e oscilante da luz e a silhueta cada vez menor de sua irmã. Conforme olhava, gradualmente foi tomando consciência de uma ilusão de óptica. Estando ele próprio mergulhado em total escuridão, nada via do buraco, a não ser a pequena área iluminada pela lanterna na mão de Fenodyree; e, como se afastava sempre mais, seu senso de perspectiva e distância tinha sumido, dando-lhe a sensação de observar um quadro que flutuava no ar, um camafeu em movimento, que encolhia mas não recuava. Ficou tão fascinado por esse fenômeno que mal sentia o frio ou a tensão de ficar imobilizado numa mesma posição.

O feixe de luz diminuiu até dar a impressão de não ser maior que uma caixa de fósforos. Colin estava imaginando a profundidade do abismo, quando repentinamente a luz se apagou. Antes de ficar seriamente preocupado, escutou a voz de Fenodyree, embora não tivesse a menor ideia do que estava dizendo, pois a distância reduzia tudo a uma imprecisa mensagem, da qual nem uma só palavra era compreensível. Mas pelo tom da voz concluiu que não era nada urgente e que provavelmente Susan já estava no fundo e Fenodyree subia de volta. Era de fato o que o anão queria que ele entendesse e Colin não teve de esperar muito até a luz brilhar um metro abaixo de onde ele estava sentado. .

– Oh! - exclamou Fenodyree. – Estou cansado… deste buraco… – Durathror!

– O quê?

– Quando estivermos… lá embaixo… eu… aviso. Que… aconteceu… com os… svarts?

– Foram por outro caminho. Outros estão seguindo. A rocha onde Susan descansava ficava aos pés da muralha. Nesse lugar havia uma dobra na pedra, com o formato de um tubo de descarga, e Fenodyree dissera que o fundo do poço não ficava muito abaixo. Susan flexionou os dedos dos pés e das mãos. A dificuldade da descida não tinha sido muito grande, uma vez que imprimiu um certo ritmo e seus nervos estavam controlados, mas os últimos vinte metros da parede eram perpendiculares e o esforço de seus dedos fora demasiado; em três ocasiões, somente a reação imediata de Fenodyree tinha evitado que ela despencasse da rocha.

A voz do anão afastou Susan de seus pensamentos e ela viu que Colin estava começando a etapa final, os cruciais vinte metros. Ele ia descendo abaixo da saliência pontuda que marcava o fim do trecho inclinado e parecia estar sofrendo tanto quanto a irmã; sentiria os ferimentos durante muitos dias.

Era incrível como Fenodyree conseguia se locomover apenas com uma mão. Estava chegando ao fim de sua terceira viagem para cima e para baixo e lá estava ele, aguentando o peso de Colin nas costas e guiando-o para o próximo apoio.

– Mais seis metros e chegaremos lá, Colin! Ponha sua mão esquerda para baixo, na altura do joelho direito. Sua outra mão também cabe lá. Firme! Agora abaixe até onde seus braços chegarem. Há lugar para seu pé esquerdo. Mão direita à altura de seus ombros; não tão longe! Aí! Vinte centímetros para baixo com seu pé direito. – Fenodyree saltou na plataforma. – Agora sua mão esquerda, na altura de seus quadris…

Um minuto depois Colin estava ao lado de Susan.

– Nós ainda não estamos no fundo. Veja o que nos aguarda.

Guiou-os para descerem a plataforma até a boca da parte inferior do poço. A plataforma inclinava-se fortemente e era muito lisa. Não havia apoios.

– O que fazemos agora? – perguntou Susan, aflita.

– Escorregamos. Oh! Não temam, não é um longo caminho, embaixo existe areia para atenuar a queda.

As crianças estavam apreensivas, mas Fenodyree insistiu que não havia perigo e, para provar, sentou-se no topo da plataforma e deu impulso com as mãos. Ouviram um som sibilante, depois silêncio, e finalmente um leve baque.

– É como eu disse – gritou Fenodyree, dirigindo o facho de luz para cima.

– Tudo bem – disse Susan –, mas... oh!!!

A queda foi bem mais suave do que esperava e, baixando a guarda, deslizou sem freios pelo ar, aterrissando aos pés do anão, o estômago na boca, atordoada pela segunda vez no espaço de uma hora. Não era consolo saber que Colin sentiria a mesma coisa. Fenodyree não mentira: havia areia, mas estava molhada e, consequentemente, dura.

Enquanto as crianças resmungavam, Fenodyree pôs as mãos em concha sobre a boca e gritou:

– Du-ra-thror!

Uma voz ecoou em resposta no poço.

– Vamos descansar aqui – disse Fenodyree –, mas não podemos ficar muito tempo, porque, se não conseguirmos sair do Earldelving até o pôr-do-sol, não teremos escolha senão ficar aqui até a madrugada, e isso seria lamentável.

– Então vamos adiar este descanso – propôs Durathror.

Ele estava em pé, na plataforma, aos pés da grande muralha.

– Mas... Mas como você... ?

– Caí! – gritou Durathror, alegremente. – Vejam!

Então saltou, para se juntar às crianças e a Fenodyree. Seu manto flutuava à sua volta e ele aterrissou tranquilamente, de pé, como se tivesse acabado de descer uma escada.

O fundo do buraco dava para uma pequena câmara com pouco mais de um metro de altura que estava alagada, salvo por uma pirâmide de areia no meio.

Fenodyree pediu que todos se acomodassem da melhor maneira possível, mas não era fácil ficar seco e ao mesmo tempo fora do caminho das pedras que os svarts poderiam atirar a qualquer momento.

Colin e Susan dividiram o resto da comida e da bebida entre os quatro. Enquanto comiam, os anões juntaram as peças dos acontecimentos que os tinham feito chegar, tão inesperadamente, a tempo de salvar Susan e causar um terremoto entre os svarts.

Esta foi a história: Durathror e Fenodyree estavam andando perto da Rocha do Castelo quando o gavião Corta-Vento veio contar que Grimnir tinha emergido do lago e entrado no Penhasco de Santa Maria. Os anões sabiam que, onde quer que Grimnir estivesse, estaria também Fogofrio e que esta seria uma boa oportunidade para eles. Cadellin estava andando pelos montes próximos a Ragnarok, tentando descobrir se a notícia da pedra tinha se espalhado, pois estava tão ansioso quanto Grimnir em manter o segredo de seu atual paradeiro. Não tinha, pois, condições de vir. Então, os anões decidiram atacar sozinhos, e sem perda de tempo Fenodyree pegou suas armas e ambos puseram-se a caminho.

Souberam da chegada das crianças pelo gavião, e combinaram de se encontrar com ele no jardim próximo ao Penhasco de Santa Maria. Grimnir e a Morrigana estavam em um quarto no andar de cima. Coisas muito desagradáveis podiam ser vistas através das cortinas, na sala de baixo. Os mastins estavam soltos.

– Você espera no saguão da entrada – disse Durathror. – Corta-Vento vai me levar aonde esses morthbroods se esconderam e eu vou atormentá-los. Com a ajuda da minha Dyrnwyn vou arrancar de suas cabeças qualquer pretensão a Fogofrio. Espere um pouco. Depois que escutar eu cair em cima

deles, procure a pedra na sala de baixo, pois acho que está lá; daí vá para Fundindélfia, onde vou me encontrar com você, se puder.

Então Durathror foi com o gavião até um lugar sob o beiral do telhado. Era como Colin e Susan já suspeitavam: ele tinha o poder de voar. Conseguia isso por causa de seu manto de penas de águia, uma herança dos antigos tempos e um símbolo de grande amizade.

Quando chegou sua hora, Fenodyree correu para a porta; para sua surpresa, estava aberta, e ele entrou com cuidado. Ao encontrar a sala encortinada vazia, ficou perplexo, mas não teve tempo para mais nada, pois, quando ia tentar a porta da cozinha, ela se abriu de um golpe e Durathror deu de cara com ele. Havia alegria feroz estampada em seu rosto quando empurrou Fenodyree para o vestiário onde as crianças tinham se escondido antes e fechou a porta. Alguns segundos depois Grimnir entrou pela cozinha, seguido pela Morrigana, a Trocaformas.

Encontraram a sala vazia e a porta aberta.

– O anão roubou a pedra! – berrou a Trocaformas, e ambos correram para a neblina.

– Você tem a pedra? – sussurrou Fenodyree, incrédulo.

– Não, mas está em boas mãos!

Saíram do vestiário: a neblina tinha sumido. Ao longe um cachorro ladrava.

– Eu não podia matar os filhos do mal, pois sua mágica é mais poderosa que minha espada, mas eles sentirão seu peso por algum tempo – Durathror riu. – Vim ao seu encontro, mas quando entrei no último quarto vi duas coisas que me fizeram parar: um armário na parede e um cão da Morrigana, que fazia um barulhão em frente a ele. A porta estava fechada e eu vi quem fechou: uma mãozinha branca, primo, com Fogofrio no pulso! Matei a fera; o resto já sabem.

Fenodyree entrou na cozinha.

– Podem sair, crianças! Colin! Susan! – chamou, segurando a maçaneta do armário. – Vocês serão lembrados quando… – olhou para o poço e viu um quadrado de madeira crescer rapidamente, enquanto subia em sua direção, vindo das profundezas longínquas.

– E foi pura sorte encontrarmos vocês quando já tínhamos quase perdido as esperanças – disse Durathror.

– Se nós soubéssemos! – exclamou Susan.

– É mesmo – concordou Fenodyree. – Se soubessem, nós estaríamos agora em Fundindélfia.

As crianças contaram sua história e, quando chegaram ao episódio da prancha, os anões ficaram impressionados.

– Pelos cabelos do Cão da Lua! – berrou Durathror. – E não foram adiante?

– Oh, sim – disse Colin –, mas o túnel terminava em um lago.

Durathror pôs as mãos na cabeça e grunhiu, de puro desespero.

– Se vocês soubessem! – exclamou Fenodyree. A água tem uns vinte centímetros de profundidade e o caminho dali leva diretamente aos portões, uns quinhentos metros adiante.

Depois dessa revelação, as crianças perderam o ânimo para falar.

Eles se encolheram, mergulhados em seus pensamentos, que eram os mesmos. Ali estavam, no fundo de um buraco, no fim do mundo: tinham conseguido A Pedra Encantada de Brisingamen, mas aquilo era só o começo, não o fim do perigo, e até onde os poderia levar, eles nem ousavam pensar.

– Temos de ir agora – disse Fenodyree. Quando acenderam a lanterna, Colin e Susan puderam observar melhor o lugar pela primeira vez, e a terrível verdade mostrou-se a eles. Não havia uma saída aparente daquela câmara. Dois túneis conduziam a direções opostas, mas ambos estavam inundados e o teto caía abruptamente sobre uma água esverdeada.

– Fenodyree! Como vamos sair daqui?

– Ah, primo – disse Durathror –, desde que cheguei aqui estou procurando uma saída, mas não encontrei.

Fenodyree indicou com a cabeça o túnel menor.

– Eu não avisei que o caminho seria difícil? Colin, o acondicionamento da sua comida é à prova de água?

– Acho que sim.

– Então, quando partirmos, embrulhe com ele a lanterna. Terão de contar somente com meus olhos durante algum tempo.

– E será que posso guardar Valham, meu manto, em sua mochila? – perguntou Durathror a Susan.

Soltou o fecho do manto de penas e enrolou-o bem para caber na mochila de Susan. O pacote parecia não pesar nada.

– Apague a luz – comandou Fenodyree – e tenham coragem!

14 - O MONTE EARLDELVING

A água estava tão fria que lhes tirou o fôlego. Nem mesmo Durathror pôde abafar o grito que lhe escapou dos lábios ao primeiro choque. Andaram com extrema dificuldade ao longo do túnel, antes de precisarem nadar, e não tinham avançado muito quando Fenodyree parou e pediu aos outros que esperassem enquanto ele ia na frente. Respirou fundo, depois ouviu-se um alvoroço na água, seguido de um baque.

– Aonde ele foi? - perguntou Susan.

– O teto e a água se encontram onde ele nos deixou – explicou Durathror.

Dois minutos tinham se passado quando Fenodyree surgiu na superfície, e passou-se um bom tempo antes que conseguisse falar.

– Não fica longe – disse ele, quando sua respiração voltou ao normal. – Lá o ar é fresco mas o teto é baixo alguns metros, assim teremos de nadar de costas.

Outro mergulho e ele se foi.

– Vou esperar um pouco – disse Susan.

Ela estava mais assustada do que queria admitir, mas esperava que Colin e Durathror pensassem que seus dentes estavam batendo somente por causa do frio.

– Ela tem grande coragem – comentou Durathror – e esconde seu medo melhor do que qualquer um de nós.

– Você também está com medo? – perguntou Colin.

– Mortal! Uso minhas habilidades e minha espada contra tudo que apareça e tenho alegria nisso. Mas isso não é coragem. A coragem é governada pelo medo, e em batalha eu nada receio. Aqui, no entanto, o inimigo não tem astúcia a ser enfrentada, nem substância a ser vencida. Vitória ou derrota nada significam para ele. Ganhar ou perder só a nós afetará. Somos desafiados só por sua presença e a verdadeira batalha é travada sem nós. Portanto, estou com medo e não estou sentindo coragem.

– Ah! – exclamou Colin, que agora se sentia menos isolado, menos mergulhado em seus medos. – É melhor eu ir agora.

– Boa sorte! – disse Durathror.

Colin manteve-se dentro da água o máximo que conseguiu, mas a baixa temperatura comprimia seus pulmões e logo teve necessidade de ar.

Subiu para onde achava que era a superfície, mas suas mãos e cabeça bateram no teto. Perturbado, deu um mergulho raso, o estômago apertado, a cabeça querendo estourar. Desta vez não!!! Novamente bateu no teto. Fenodyree tinha dito… ah! Lembrou-se! Nadem de costas, o teto é baixo. Era isso! Colin deu uma volta, frenético. A mochila em seus ombros pesou e começou a virá-lo de cabeça para baixo; usou os braços e conseguiu endireitar-se. Então, seus lábios encontraram a superfície. O ar escapou dos pulmões e Colin imediatamente afundou, bebendo um bocado de água. Deu um impulso tão violento no fundo do túnel que quase se chocou com o teto, mas dominou o pânico e, nadando de costas, conseguiu respirar e beber um pouco de água, uma coisa de cada vez.

O teto era mesmo baixo; para manter a boca fora da água, ele precisava apertar o nariz contra a rocha do teto, o que tornava seu progresso tão doloroso quanto difícil.

Depois de uns vinte metros, Colin ficou aliviado ao perceber que a distância entre a superfície e o teto estava aumentando, e logo pôde virar de bruços e nadar mais naturalmente. Mas onde estariam os outros? Ele já podia andar na água.

– Olá! Oi! Sue!

– Aqui!

Era a voz de Susan, e não estava longe dali.

A água logo ficou rasa, fazendo-o afundar até os joelhos na lama, mas os braços de Fenodyree o ampararam.

– Eu preciso me sentar!

Durathror logo juntou-se a ele, mas estava muito aborrecido.

– Nariz Chato! – exclamou ele, ofegante. – Já estive perto da morte muitas vezes, mas nunca ela chegou tão próximo ou pareceu tão assustadora!

Colin desembrulhou a lanterna, para verificar se havia resistido à travessia. Estava perfeita, e, com ela, as crianças puderam ver que estavam num banco de barro vermelho, macio e pegajoso. Adiante havia um túnel, mas era completamente diferente dos da Mina Oeste. O teto era perpendicular às paredes e não tinha mais do que um metro de altura. As cores eram surpreendentes: as paredes eram de uma pedra vermelho-escura e o teto tinha uma camada de minério de cobre e cor de esmeralda.

Mesmo sem a lama, a caminhada estava sendo difícil. Não tanto para os anões, mas Colin e Susan começaram logo a sentir fortes dores nas costas e no pescoço. Os túneis não eram nunca retos e dividiam-se cinco vezes em cinco metros. Havia poucas cavernas, raramente maiores do que um quarto médio. Água havia por toda parte e os buracos estavam inundados mas eram facilmente transponíveis.

Depois de cerca de um quilômetro, as passagens relativamente abertas ficaram para trás e agora até mesmo os anões precisavam engatinhar o tempo todo. O rebaixamento dos tetos foi ficando mais frequente também e passar por eles tornou-se muito difícil. As crianças não se cansavam de surpreender como conseguiam passar por buracos e fendas que davam a impressão de serem estreitos até mesmo para um gatinho; mas descobriram que, não importa o quanto uma abertura parecesse impraticável, se uma cabeça e um braço pudessem ser enfiados por ela, o resto do corpo fatalmente também passaria.

De vez em quando chegavam a um lugar onde a água tinha desenhado uma delicada cortina. Isso acontecia quando um veio de minério ficava exatamente acima do teto. A água, escorrendo pelo cobre através dos anos, espalhava uma camada de cor, que ia do turquesa mais suave até o mais profundo verde-mar.

Os túneis agora estavam mais apertados e envolventes. O que mais desagradava Susan era ter de se arrastar em duas curvas de uma só vez; ela lembrou-se da gravura de Alice na casa do coelho branco, com um braço para fora da janela e um pé na chaminé.

– É exatamente como aqui – ela resmungou –, só que este teto é mais baixo.

Fenodyree mandou que todos parassem para descansar em uma caverna onde eles cabiam como se fossem gomos de uma laranja. Mas podiam ficar parcialmente de pé, o que dava algum alívio.

– Nós já deixamos para trás a maior parte do caminho – disse Fenodyree –, mas é daqui para frente que estão nossos maiores perigos. Entre os pés de Durathror está a passagem que nos levará para a luz.

– O quê! – berrou Susan. – Mas isso é uma toca de coelho!

– Mesmo que fosse o fundo de uma agulha, ainda assim teríamos de passar por ela para chegarmos ao mundo lá de cima. Mas não se desesperem; não somos os primeiros a passar por aqui, embora desconfie que seremos os últimos. Meu pai viajou pelo Monte Earldelving sete vezes e era considerado um anão grande para nossos padrões. Agora – continuou Fenodyree – prestem atenção a tudo que eu disser, porque esta é a última oportunidade de falarmos até ficarmos em segurança, e não há espaço para erros.

Seguindo as instruções do anão, Colin e Susan tiraram suas mochilas, uma manobra complicada naquele espaço, e as prenderam na canela com uma tira. A mochila de Susan levava o manto de

Durathror e Colin ainda carregava a garrafa de limonada, que resolveu abandonar ali. Fenodyree aconselhou-o a deixar a lanterna de lado, pois, como disse, as mãos iriam ser mais úteis do que os olhos.

Pediu a Durathror que tirasse a espada da cinta.

– Fique com ela sempre à sua frente – disse ele – e, dessa maneira, nem o filho de Gondemar nem Dyrnwin se perderão.

Depois desprendeu a própria espada e empurrou-a pela abertura.

Durathror ficou sozinho, no silêncio do mundo subterrâneo. Pegou a garrafa vazia que Colin havia abandonado e a pôs de pé no meio do chão. Um sorriso irônico entreabriu seus lábios ao olhar para ela.

As duas crianças tiveram muita dificuldade para entrar no túnel. Descia por cerca de um metro, para um pouco adiante subir; não abruptamente, mas o bastante para causar um desconforto muito grande. A areia que inicialmente estrangulava a abertura foi sendo substituída por um limo que quase impossibilitava as crianças de se mexerem. Mantinham-se deitados, paredes, chão e teto tão próximos, como se fosse uma segunda pele. Deixavam a cabeça virada para o lado, pois em qualquer outra posição o teto pressionava a boca para a areia, e eles não podiam respirar. A única maneira de avançar era puxar com as pontas dos dedos e empurrar com os pés, pois era impossível flexionar as pernas e qualquer flexão dos braços ameaçava prendê-los definitivamente sob os corpos.

O túnel era diferente de todos os que eles tinham encontrado no Monte Earldelving, pois, embora não fosse reto, não tinha bifurcações. Isso e o fechamento do túnel pelos quatro corpos significavam que o líder era o único que conseguia respirar bem. O calor estava insuportável. A areia entrava em cada dobra da pele, pela boca, pelo nariz, pelas orelhas.

Colin sentiu que precisava descansar cada vez mais a intervalos menores. Começou a pensar nas centenas de metros de rocha acima e de milhares de metros de rocha abaixo e nele entalado num buraco de alguns centímetros.

"Sou um fóssil vivo – pensou Colin. – Imagine se eu ficar preso aqui! É isso que os arqueologistas vivem procurando."

À frente Fenodyree estava enfrentando uma nova dificuldade. Tinha chegado a um ponto onde o túnel se inclinava abruptamente sobre si mesmo, à maneira de um grampo de cabelo. Empurrar sua espada com seu aço rígido pelo ângulo, com o braço esticado, não era tarefa simples. Nervos e músculos estressados não são ajuda para um raciocínio claro. Afinal conseguiu, mas demorou algum tempo para que tivesse condições de seguir sua Fazedora de Viúvas. Fenodyree estava chegando ao limite de sua última reserva de energia.

Susan sentiu o obstáculo com temor. Não era possível! Onde estava Fenodyree? Ele devia ter encontrado uma maneira de passar por ali; talvez, como tantos obstáculos que já tinham vencido, não fosse tão difícil como parecia. De qualquer modo ficar parada pensando sobre isso não adiantaria nada e, assim, baixou a cabeça e mergulhou no buraco. Era terrivelmente desagradável, especialmente quando seus calcanhares bateram no teto, mas seu peso a levou para baixo e logo conseguiu terminar esse trecho.

Colin estava poucos centímetros acima da irmã e isso foi desastroso. Seus calcanhares se entalaram no teto e ele não conseguia ir nem para frente nem para trás; um pedaço saliente de rocha entrou em cheio no queixo, causando-lhe uma dor tão insuportável que ele gritava, mas não conseguia se mexer.

Durathror, que estava logo atrás, percebeu imediatamente a situação.

– Pode me escutar? – gritou, aos pés de Colin.

– Sim.

A resposta era dificilmente audível.

– Tente virar para o lado! Depois de bruços. Eu... vou girar... seus pés! Está pronto?

– Sim.

A espada de Durathror estava ao lado dos pés de Colin e, embora estivesse na bainha, as coisas não melhorariam nada se ela ficasse entalada entre as pernas do menino, que estavam sendo empurradas ferozmente.

Colin foi escorregando e conseguiu dar a volta.

Realmente isso não era possível, mas o desespero comandava as ações e uma vez de lado, com os joelhos seguindo a dobra do túnel, havia possibilidade de Durathror forçar as pernas de Colin pelo ângulo. Dali em diante foi ele quem ficou em melhor posição do que todos os outros, porque eles estavam deitados de costas e desse modo o movimento era exaustivo e desagradável.

Fenodyree retomou o caminho com renovado vigor, pois essa virada era o último grande obstáculo, de acordo com suas informações.

Imagine então seu horror quando sua espada bateu na água. Virou a cabeça para todos os lados. Não enxergava, mas suas mãos traziam-lhe más notícias. O túnel afundava e estava inundado até o teto. Não era assim no tempo de seu pai, mas que importavam agora os velhos tempos?

Não era ainda o fim do túnel. Qual seria a profundidade da água? Centímetros? Metros? Ele teria de ir adiante, segurando o fôlego (e ele já estava ofegando), na esperança de chegar a um lugar onde houvesse ar. Voltar era impossível nas circunstâncias atuais. Isso o convenceu. Melhor um caminho rápido para o vazio do que uma morte lenta. Mas era preciso ter nervos de aço para avançar para a água e, finalmente, mergulhar.

Esse momento foi vivido três vezes mais, quando Susan, Colin e Durathror fizeram a escolha, que na verdade não era uma escolha. Mas, uma vez tomada a decisão, o terror não durou: a água tinha se acumulado em uma dobra rasa em forma de "U" com menos de dois metros e todos emergiram do outro lado antes que seus pulmões estivessem sem ar. Riram e choraram, cada um de acordo com seu temperamento, mas, de qualquer maneira, o barulho que faziam era o mesmo.

Não muito longe o chão começou a se distanciar do teto e já era possível engatinhar apoiando-se em mãos e joelhos. As crianças lutavam com os tecidos enlameados de suas mochilas. Mas falavam alto sobre os perigos que tinham enfrentado e de como era bom poder se mover livremente outra vez.

– Pesando prós e contras – comentou Fenodyree – Earldelving não nos tratou tão mal: temi que fosse pior. Daqui em diante correremos menos perigos, desde que fiquemos atentos aos pequenos riscos.

Andavam depressa agora, pois teriam pouco menos de uma hora até o pôr-do-sol e a perspectiva de passarem a noite com as roupas molhadas, com lama servindo de leito, não era de modo algum agradável.

Depois de algum tempo, Susan pensou ter visto uma luz cinza muito fraca à frente deles, por cima dos ombros de Fenodyree. Apagou a lanterna.

– Sue! O que você está fazendo?

– Olhe! Luz do dia!

Era mesmo, e logo eles a alcançaram. Estavam no fim do túnel e no fundo de um poço. Seus lados úmidos, brilhantes e convergentes subiam até formar um minúsculo quadrado azul que aparecia distante deles um mundo inteiro.

– Não vamos ter de escalar este poço, vamos? – perguntou Colin.

– Não – respondeu Fenodyree, rindo. – Estaríamos em maus lençóis se eu pedisse isso para vocês! Nosso caminho é muito mais fácil.

Limpou o terreno com os pés, por trás de uma pilha de destroços no fundo do buraco.

– Está em algum lugar... Ah! Achei! – exclamou. Afastou para o lado alguns galhos apodrecidos e

apareceu um buraco no chão. – Aqui é a saída do Earldelving. Uma vez passando por este lado, não há volta.

Era uma continuação em rampa do buraco, embora metade de sua largura fosse feita de argila firme que brilhava sem fissuras ou saliências.

– É um caminho agradável – disse Fenodyree, sentando na beirada e sorrindo para Susan.

Examinou com cuidado o caminho entre os pés, aprovou com um movimento de cabeça e partiu. Um som longínquo de água espirrando marcou o fim de sua descida, e sua voz soou alegre, apesar da distância.

Susan entrou com muito cuidado, mas a beira do buraco escapou de suas mãos e mais uma vez ela desapareceu de vista como se fosse a bala de um revólver. Desceu através da superfície escorregadia, cada vez mais depressa, e aterrissou afundando até a cintura numa mistura de água e lama, o que atenuou sua queda.

– Oh!

– Se você estender a mão à esquerda – disse Fenodyree atrás dela –, vai encontrar a ponta de uma rocha; segure nela para sair. Ótimo. Agora ache seu caminho para o túnel. Logo estaremos fora daqui.

O túnel estava inundado numa altura de aproximadamente um metro, e cheio de lama. Mas era alto e não muito comprido. Chegando quase na parte final, havia uma rampa que não oferecia problemas, pois era composta de uma série de lances inclinados, ligados por largos blocos, fazendo parecer que estavam subindo uma gigantesca escada e não escalando o lado de um buraco. Somente os últimos cinco metros eram perigosos: ali a rocha era vertical, mas havia muitos apoios, o que fez com que chegassem em cima sem dificuldades. Dali, uma pequena passagem levava a uma caverna circular e… para a luz do dia: luz real, generosa. Um tronco de árvore apoiado contra uma parede levou Fenodyree e os outros atrás dele até uma garganta que dominava a caverna. A garganta transformou-se numa ravina e logo eles saíram para céu aberto. Um ar revigorante e seco encheu seus pulmões.

O lado da ravina era cheio de buracos e saliências, e as crianças e os anões quase caíram uns sobre os outros, quando transpuseram o último obstáculo de pedras, livres dos silêncios eternos, de volta para a luz, para a vida, para os largos horizontes, onde havia grama sob seus pés e brisa nos seus rostos.

15 - O CANTO DE STROMKARL

Além da ravina serpenteava o caminho dos elfos, e os anões não perderam tempo, apressando Colin e Susan para chegarem até lá; então, ficaram mais tranquilos, pois, como explicou Durathror, enquanto aí estivessem estariam protegidos de olhos inimigos.

Formavam um quadro bizarro, com seus agasalhos de lama vermelha incrustados de areia amarela, que poupava somente a parte do rosto que se mexia, e, mesmo assim, as dobras estavam emplastradas de vermelho, como uma pintura de guerra. Mas nada disso importava agora que estavam a caminho de Fundindélfia, e seus músculos doloridos só esperavam o alívio do descanso. Depois do que tinham enfrentado nas cavernas estéreis, essa paisagem de beleza, a luz cintilando no meio dos pinheiros perfumados, era quase irreal.

– É como um sonho! – disse Susan. – Como um sonho! Estou até sentindo música no ar!

– Eu também! – exclamou Colin. – Como se fosse uma harpa. O que será?

– Uma harpa – disse Fenodyree, sorrindo. – Vejam, na Pedra Dourada um stromkarl está tocando.

Tinham chegado a uma bifurcação do caminho, onde, à direita, havia uma rocha, sem nada de dourado, pelo que as crianças podiam ver. Era como qualquer outra pedra gasta, a não ser pelo fato de ter sido rudemente trabalhada por homens mortos havia muito tempo para ter a forma oblonga, ninguém sabe com que propósito.

No alto da pedra, um jovem dedilhava as cordas de uma harpa. Não tinha nem um metro de altura; sua pele era acetinada como uma pérola; seus cabelos iam até a cintura, em ondas verdes. A triste melodia escorria entre seus dedos como a água de um riacho correndo no meio do cascalho:

Quando o verão chegar durante o inverno,
Então haverá perigo de guerra.
Um corvo sentará no topo de uma cruz-sem-cabeça
E beberá livremente o sangue puro dos nobres
Entre nove e treze toda tristeza acontecerá.
O lobo vindo do leste certamente virá ansioso
Para uma elevação dentro da floresta.
Ao lado de uma cruz-sem-cabeça de pedra,
E lá a águia morrerá.

– Por que você canta as antigas profecias? – perguntou Durathror. – Elas irão realizar-se agora?

– Quem sabe? Eu canto sobre o verão que chegou no inverno. Essa sua estrada leva a Fundindélfia?

Ao mesmo tempo que o stromkarl falava, seus dedos vibravam as cordas prateadas e o tom de sua voz era como sino, contra o fundo musical, era também música. Ele não olhou nem uma vez para as crianças ou para os anões, e o tempo todo concentrava-se em sua harpa ou olhava para os montes à sua frente.

– Leva, sim – respondeu Fenodyree. – E levamos conosco A Pedra Encantada de Brisingamen.

– Fico satisfeito – disse o stromkarl. – Mas vocês não irão a Fundindélfia.

– O que está nos dizendo? Por que não iremos?

– O Encapuzado está de tocaia em Holywell e a Trocaformas vigia os portões: toda a Confraria do Mal trabalha para eles. Os svarts-alfar lá chegarão ao pôr-do-sol e com a chegada da noite outros virão. Pássaros não voarão a não ser os olhos da Morrigana. Escurecerá dentro de uma hora; tomem

cuidado para não estarem sob o céu àquela hora.

– Nossas espadas estarão sempre a seu serviço – disse Durathror. – Você fez mais do que salvar nossas vidas.

O stromkarl baixou a cabeça.

– Meu povo os ajudará no que puder. Vão em paz! Depois, pulou para o outro lado da Pedra Dourada e eles não mais o viram.

– Nunca me passou pela cabeça que eles fossem fazer isso, por mais óbvio que seja – disse Fenodyree.

– Não – contestou Durathror. – Sua sabedoria nos serviu nobremente no dia de hoje. Mas o que vamos fazer agora?

– Não sei.

– Não podemos chegar à fazenda antes de escurecer? – perguntou Colin.

– Isso é uma ótima ideia – disse Fenodyree, juntando as mãos. – Com sorte, os morthbroods não saberão de vocês até os svarts-alfar chegarem, e pode ser que se atrasem se ainda estiverem à nossa procura na Mina do Oeste. Nós conseguiremos chegar à fazenda, mas se vamos estar seguros eu não posso saber.

– E a pedra? – perguntou Durathror.

– Temos de encontrar Cadellin – disse Fenodyree. – Em suas mãos ela estará segura, e ele poderá apoiar-se em seu poder para nos proteger.

– Ora, então me dê a pedra! Ele a terá, e vocês poderão ir para a fazenda.

– Está vendo aquilo? – perguntou Fenodyree, apontando para os campos.

– Estou vendo sim, mas não tem nada de estranho. Corvos sempre vão para seus ninhos a esta hora do dia, e em maior número.

– Você não escutou o stromkarl dizer que nenhum pássaro voará hoje? Aqueles não são corvos: você seria trucidado no mesmo instante. Eles sabem tanto quanto eu onde está Cadellin e que nós precisamos encontrá-lo.

– Então, como faremos isso?

– Temos de ir com cuidado, a pé, e procurá-lo nos montes.

Colin olhou para a silhueta maciça dos Peninos, onde as primeiras sombras da noite começavam a pousar.

– Mas como encontrá-lo lá, e como poderemos nos mover sem sermos vistos? É quase tudo campo aberto.

– Caminharemos de dia, quando os olhos deles são mais fracos e, não estando "protegidos" por eles, existe mais chance de vermos o povo do mal de longe. Quanto a Cadellin devo me encontrar com ele lá no alto do Shuttlingslow, na madrugada do quarto dia, a partir de hoje. Há pouca esperança de encontrá-lo antes. Nossa maior tarefa será evitar os morthbroods por tanto tempo.

Procurando abrigo sempre que podiam, correram para a fazenda embora os caminhos estivessem desertos àquela hora. Somente alguns empregados de fazendas em suas bicicletas atrapalhavam seu progresso, pois os anões insistiam que se escondessem ao menor sinal de estranhos.

– Os morthbroods usam muitos disfarces – explicou Durathror.

Chegaram ao Riddings quando as primeiras estrelas brilhavam no céu, e viram a figura sólida de Gowther com Scamp em seus calcanhares, fazendo a ronda dos redis e dos estábulos para trancá-los à noite. Os sons isolados no crepúsculo, o tilintar de uma corrente, a batida de uma porta, o retinir das botas nas pedras, tudo era levado para longe pelo ar da noite.

Gowther estava entrando em sua casa, quando os dois meninos, exaustos, entraram no pátio.

– Olá! – disse ele, examinando-os de alto a baixo. – O que há com vocês? Parece que entraram em cada buraco daqui até Wornish Nook! Ei, mas onde estão suas bicicletas?

– É uma longa história fazendeiro Mossock – disse Fenodyree –, mas eu gostaria de ter um teto sobre a minha cabeça antes de contar tudo.

– O quê?! – exclamou Gowther e olhou espantado para Durathror. – Espere um pouco! Eu conheço você! Você é o cara que me ameaçou há alguns meses, não é? Bem, tenho um bom corretivo para você. E gostaria também de saber em que tipo de encrenca meteu essas crianças!

Ele avançou para o anão e estava a ponto de agarrá-lo, mas a Fazedora de Viúva saiu da bainha como um raio e a ponta da enorme espada encostou no peito de Gowther.

– Não quero lhe fazer mal, fazendeiro Mossock, e peço sua ajuda; mas cada minuto que passamos aqui, à mercê de olhares maldosos, aumenta nosso perigo. Vamos resolver nossas diferenças a portas fechadas.

– Você *precisa* confiar nele, Gowther!

– Precisa mesmo —exclamou Susan. — Hoje ele salvou nossas vidas muitas vezes!

– E é *muito* perigoso ficar aqui fora!

– Você vai entender quando explicarmos.

Gowther olhou para os rostos angustiados das crianças e depois para a espada.

– Está certo – disse afinal. – Você pode entrar, mas não vai dar um passo para dentro da casa enquanto estiver com essa coisa na mão! E fique sabendo: quero uma explicação, e ela tem de ser muito boa!

Fenodyree guardou a espada e sorriu.

– Será *muito interessante*, fazendeiro Mossock.

– Muito bem! Isso é a coisa mais louca que já escutei! O que você acha, Bess?

Bess estava passando a túnica de Fenodyree, que tinha sido rapidamente lavada, e apontou seu ferro para os dois anões, aconchegados junto à lareira, embrulhados em cobertores.

– Não adianta dizer que porcos não voam quando você os vê caçando andorinhas! Mas eu não gosto nada de toda essa história! E vocês dizem que vão ter de levar nossa Pedra das Noivas até o topo de Shuttlingslow sexta-feira de manhã? Bem, isso não é difícil. Vocês podem ficar aqui, se quiserem, e pegar um ônibus de Macclesfield para Wildboarclough e, depois, tudo que precisam é subir o morro e encontrar o mago.

– Não podemos correr riscos – disse Fenodyree. – Esse seria um caminho muito perigoso; iremos a pé.

– Bem, eu não vejo dessa maneira – disse Bess torcendo o nariz.

– Quando partimos? - perguntou Susan.

– Amanhã de madrugada. Não ousamos ficar muito tempo em um mesmo lugar.

– Como "nós"?! – exclamou Bess. – Ah, não! Se vocês pensam que podem arrastar estas duas crianças, estão enganados!

– Mas, Bess...

– Está muito bem dizer "Mas, Bess... "! O que sua mãe faria se soubesse das coisas que estão acontecendo? Ela já se preocupa bastante com vocês. E olhem só o estado em que chegaram aqui esta tarde! Vocês não podem correr riscos como esses e escapar deles todas as vezes!

– Senhora Mossock – disse Durathror –, a Donzela da Pedra e seu irmão são crianças, mas possuem alma de guerreiros. Eles merecem tomar parte nessa cruzada.

– Pode até ser. Mas o que diriam a seus pais se eles saíssem daqui pela manhã e jamais voltassem? Nós somos responsáveis por eles, vocês sabem.

– Se Colin e Susan não levarem isso até o fim na companhia de quem tem condições de ajudá-los – disse Fenodyree –, suas chances de algum dia rever seus pais ou sua casa serão mínimas. Eles afrontaram o mal no dia de hoje, e será uma questão de honra tanto para os bruxos quanto para os

svarts conseguir uma revanche. Seria loucura deixá-los aqui sem proteção.

– Ah, eu entendo o que vocês pensam, se tudo isso é verdade – disse Gowther. – Vocês têm razão. Mas ainda assim nós somos responsáveis.

Ele se levantou e bateu seu cachimbo nas barras da grelha.

– Eu vou com vocês amanhã.

Logo que os anões se vestiram, embrulharam-se nos cobertores e disseram que iriam dormir algumas horas, mas que deveriam ser acordados ao menor sinal de problemas. Já tinham feito com que todas as camas fossem trazidas para a cozinha, porque insistiram em que todos deveriam ficar juntos, no mesmo aposento, naquela noite, com bastante alimento, luz e combustível.

Às nove da noite Durathror acordou e disse que iria lá fora ver como estavam as coisas.

Atravessou o pátio e subiu até o topo do Riddings. O suave vento noroeste, que soprara nos últimos dias, tinha virado para o norte, e estava bem mais forte. A lua cheia erguia-se no céu claro, exceto ao norte. Ali, nuvens estavam se adensando no horizonte e Durathror ficou preocupado. Cheirou o ar e com desconfiança olhou à sua volta.

– O vento está forte, não é? – disse Gowther quando o anão voltou.

– Está, e não é um vento bom; tenho minhas dúvidas.

Colin e Susan adormeceram logo, e por volta das onze horas Gowther e Bess estavam cabeceando nas cadeiras.

Pouco depois da meia-noite Scamp começou a rosnar. No começo era um ruído surdo, vindo do fundo do peito, e transformou-se num rosnado feroz. A boca se contorceu, os pelos se eriçaram. Durathror e Fenodyree silenciosamente desembainharam as espadas e tomaram posição, um de cada lado da porta. Scamp latia, mas Gowther ralhou com ele e mandou que fosse para baixo da mesa; mas mesmo assim ele gania, ladrava e revirava os olhos. Todos os ouvidos estavam atentos ao menor ruído, mas nenhum som se ouvia.

– Quem sabe é uma raposa – sussurrou Gowther.

Fenodyree sacudiu a cabeça.

– Alguma coisa está vindo; eu posso sentir.

– Mossock! - chamou uma voz do outro lado da porta. – Mossock, você está aí?

– É aquela mulher, Selina Place – falou Durathror baixinho para Gowther.

– Sim, estou aqui. O que você quer?

– Você sabe o que queremos. Entregue a nós as crianças, os anões... e a pedra, e você nada sofrerá.

– E se minha resposta for para que você vá embora e se jogue no Bollin?

– Não banque o bobo conosco, Mossock. Tem um minuto para abrir esta porta, antes que nós a arrombemos, destruindo você também. Sua casa ruirá e durante séculos nesta terra só crescerão ervas daninhas. Depressa! Não é sempre que somos tão indulgentes. Não procure barulho!

– Não dê atenção, ela está blefando – disse Fenodyree. – Eles não podem passar uma soleira sem permissão. É um antigo encantamento, mais forte do que qualquer um que eles possam inventar.

– Ah! Muito bem! Escutou, senhora Place! Trocando em miúdos, a coisa é curta e grossa: vocês não podem entrar!

Houve um momento de silêncio antes que a Morrigana falasse novamente e agora a voz era macia e mais ameaçadora do que antes:

– Não esperávamos que fosse muito fácil. Mas não se enganem pensando que, porque não podemos entrar, vocês estão seguros. Onde quer que estejam e qualquer coisa que façam, não há fuga possível, pois já chamamos alguém a quem tais encantamentos não atingem e amanhã à noite elas virão encontrá-los. Escutem, anões! Vocês conseguem ouvi-las? As maras estão agitadas, logo elas despertarão.

16 - A FLORESTA DE RADNOR

No topo do Riddings os morthbroods observavam a Trocaformas subir penosamente desde a fazenda. Grimnir sentava-se um pouco afastado dos broods, enquanto, além do topo, numa antiga pedreira, estavam reunidos os svarts-alfar.

– Estão todos lá – contou a Morrigana –, e não sairão. Embora pensemos que a ameaça da mara vai fazer com que saiam logo que a noite se vá. Enquanto estiverem caminhando, nós os teremos à nossa mercê. Mas vamos ter de levantar o fimbulwinter ao raiar da aurora.

– Slinkveal está aqui? Ótimo. Os svarts-alfar permanecerão na pedreira até a madrugada. Você não será necessária, ou melhor, talvez até seja.

– Os vigias já foram escolhidos e sabem o que fazer. Grimnir vai nos acompanhar para começar nossos trabalhos.

Durathror e Fenodyree revezaram-se na vigilância a noite toda e às seis horas despertaram os outros; por volta das sete, estavam todos prontos para partir. O dia estava clareando e havia um cerrado nevoeiro.

Colin, Susan e Gowther levavam uma muda de roupa, comida para todos e lonas. De uma velha lona Fenodyree tinha feito uma capa para si.

Estavam colocando sua bagagem às costas quando se ouviu uma leve batida na porta.

– Quem é? - perguntou Gowther.

– Sou eu, senhor Mossock. Já está de pé?

– Espere um pouco, Sam. Já vou falar com você.

Gowther esperou que os anões se escondessem no quarto ao lado antes de abrir os ferrolhos e cadeados e destrancar a porta.

– Pronto. Entre, rapaz. Tinha esperança de que você chegasse antes de eu sair.

– Vi que as cortinas estão fechadas – disse Sam Harlbutt – e que os estábulos estão trancados, então desconfiei de que tem alguma coisa errada.

– Não, não tem nada errado. Mas... hum... me chamaram... Foi de repente, e Colin e Susan vão comigo. Devemos estar de volta no sábado. Será que dá conta sozinho? Posso chamar John Carter para lhe dar uma mão, se quiser.

– Oh, não, senhor Mossock, eu cuido de tudo. Ele não mostrou a menor surpresa. Mas eu vou precisar correr com a ordenha, não é? Dick Thornicroft vai chegar aqui com o caminhão dentro de meia hora.

– Ah, sim! É... é melhor que você se apresse agora.

Gowther sentiu a crítica muda de Sam, mas não conseguiu inventar uma desculpa. Era hábito dividir o trabalho da ordenha: Gowther ordenhava de manhã e Sam à tarde. As vacas já deviam ter sido ordenhadas há uma hora, mas Fenodyree não permitiu que Gowther fosse lá fora enquanto ainda estava escuro.

– Sam, se Dick chegar antes de você terminar, diga-lhe que volte depois de ir até o Barber.

– Entendido, senhor Mossock.

Sam Harlbun era imperturbável como somente um homem de Cheshire pode ser.

Esperaram até terem certeza de que Sam estava trabalhando, antes de se esgueirarem silenciosamente para a alameda.

– Para onde? – perguntou Gowther.

– Vamos primeiro seguir a estrada passando por trás deste morro – disse Durathror. – De lá

podemos ver muita coisa interessante para nós.

O caminho passava pela entrada da pedreira atrás do Riddings e Gowther ficou perplexo quando Durathror sugeriu que começassem a viagem dando uma olhada ali dentro.

– Não é nada mais do que um velho buraco. Não devemos perder tempo olhando aí.

– Não vamos demorar – disse o anão. – Quero só… Ah! Como pensei! Os svarts estiveram aqui durante a noite, mas não acho que tivesse mais alguém com eles. Venham comigo até o alto do morro.

Ele correu para um lado e para outro do Riddings, como um cachorro farejando a caça.

– Nem tinha nada pior do que os morthbroods por aqui. Isso é bom. Porém mais adiante tem uma coisa de que não gosto. Primo Fenodyree, o que acha daquelas nuvens escuras ao norte? Por que não mudaram a forma desde quando eu as vi ontem, à luz da lua? O vento já devia tê-las carregado para cá há muito tempo.

– Hum… – respondeu o anão. – Fimbulwinter?

– Isso! Eles não admitem perder. Primeiro tentam nos pegar com a ameaça da mara. Nós não ousamos ficar. Depois eles nos vigiam durante o dia e, quando estivermos em um lugar deserto, nos envolvem com o fimbulwinter até chegar a noite, e então eles nos agarram como querem.

– Espere aí – disse Gowther que história é essa de "fimbulwinter"? E vocês ainda não nos disseram…

– Eu sei – interrompeu Fenodyree –, mas há certas coisas que é melhor não dizer. Vamos ter muito tempo para temer as maras quando nós as virmos; e espero que isso não aconteça. Enquanto isso, vocês ficarão felizes, na ignorância.

– Isso me deixa realmente muito calmo!

Fenodyree sorriu e inclinou a cabeça, educadamente.

– Você é um camarada muito arrogante quando quer, não é? – disse Gowther, irritado.

Ele era um homem direto e sincero, que gostava de tudo claramente definido. Não conseguia tolerar coisas obscuras e incertezas. Ainda não tinha vencido a natural desconfiança do homem do campo por estranhos – e principalmente esses estranhos!

– Eu não quero ofendê-lo – disse o anão –, mas preciso pedir que confie em nós nesta aventura. Agora você está no nosso mundo, e sem nós não conseguirá voltar ao seu, mesmo que ele esteja a seus pés.

Gowther olhou lá embaixo, para Highmost Redmanhey, e depois para o anão. Ficou calado um bom tempo.

– Ah, eu falei sem pensar. Você está certo e eu, errado. Sinto muito.

– Não se preocupe – disse Fenodyree.

– Olhem lá! – exclamou Colin, ansioso para mudar de assunto. – Não somos os únicos a sair cedo de casa esta manhã. Existem dois excursionistas lá embaixo, perto da casa do senhor Carter. Estão vendo?

No caminho abaixo, um homem e uma mulher, ambos com mochilas e vestindo blusões acolchoados, calças de esqui e pesadas botas, estavam debruçados sobre uma porteira, aparentemente absortos, estudando um mapa.

– Existem mais dois atrás de nós no Monte Clinton – disse Susan.

Na verdade, a uns quinhentos metros de distância, não muito acima de onde eles estavam, dois excursionistas observavam a extensa planície e suas fronteiras, cercadas de morros.

– Quem sabe é uma competição… – comentou Gowther.

– Ah! Com certeza! – disse Durathror, dando uma risada. – Aqueles são bruxas e bruxos, ou eu não sou filho do meu pai!

– O quê?! – exclamou Colin – Eles são os morthbroods?

– É aí onde está o perigo – explicou Fenodyree. Eles se misturam com as pessoas e passam despercebidos, só podendo ser descobertos por certos sinais, e nem sempre isso acontece. Por essa razão, temos de evitar contato com gente. Os lugares ermos são perigosos, mas estar cercado por gente é um risco maior.

Gowther sacudiu a cabeça e apontou sua bengala de madeira para os "excursionistas".

– Está me dizendo que temos de fugir de gente como eles? Eu estava pensando em vassouras voadoras e enormes chapéus.

Os Peninos, com seus montes lembrando dorsos de baleia, dividem-se ao sul, em elevações separadas que vão se unir aos charcos de Staffordshire, e da planície de Cheshire duas elevações erguem-se acima de todas. Uma é o Bosley Cloud, com a face norte íngreme e ao sul uma caída suave até os pés do Celeiro do Velho, mas, apesar disso, é uma montanha enorme e sinistra, sempre dando a impressão de estar mudando de forma, quando vista das alamedas sinuosas de Cheshire.

A outra é o Shuttlingslow. Tem a forma de um cone, mas com a ponta cortada, que deixa o topo chato e estreito. Dali a três dias, naquele lugar, a treze quilômetros de onde agora estavam, Fogofrio seria entregue em mãos seguras se os morthbroods pudessem ser mantidos afastados.

– Ei – disse Gowther. – Mais uma coisa: o que vamos fazer até sexta-feira? Daqui até Shuttlingslow não leva mais do que meio dia batido.

– Shhhh... – fez Fenodyree. – Há ouvidos atentos por toda a parte. Onde e quando, são tudo o que eles não podem saber. Se conseguirmos despistar essa matilha sanguinária e ficarmos escondidos até chegar a hora, chegaremos até o monte. Árvores e riachos nos protegerão melhor; e, para começar, precisamos despistar os espiões dos morthbroods na floresta, que ficam na orla da Lagoa de Radnor. Vamos continuar neste caminho até chegarmos perto do meio da floresta; lá nos embrenharemos, e com sorte vamos sair sozinhos do outro lado.

– Vamos precisar de muita sorte para ficarmos sozinhos – disse Durathror –, pois temo que muito pouco escapa dos olhos deles.

Acima de suas cabeças havia uma nuvem de pássaros escabrosos. Por toda a planície outros bandos estavam voando naquilo que, visto dali de cima do Riddings, dava a impressão de um padrão muito definido, uma rede tão bem distribuída e eficiente que qualquer quadrado de chão de, digamos, um quilômetro quadrado raramente ficava sem vigilância de algum bando, por mais de um minuto de cada vez. Voavam em silêncio, as únicas coisas vivas no céu. Os excursionistas continuavam a estudar o mapa e a admirar a vista.

Fenodyree levou-os por um antigo caminho protegido, onde a velha estrada de Macclesfield, a Alameda Hocker, seguia à esquerda para Highmost Redmanhey e à direita para Nether Alderley. Foram para Alderley e viajaram sob a proteção do Monte Clinton. Lá embaixo, além dos campos, ficava a Floresta de Radnor.

– Vou lhe dizer uma coisa – disse Gowther. – Assim como nós, Tom Henshaw parece estar até o pescoço com esses pássaros. Ele tem espantalhos por todos os lados.

– É? – perguntou Durathror. – E pode me explicar, fazendeiro Mossock, por que ele precisaria deles em pastagens?

Era como Durathror falara. Cada campo, visto dali, tinha uma figura com os braços abertos, mesmo embaixo de árvores ou ao lado de vacas.

– Agora, eu gostaria de saber o que acontece com o velho Tom! Bem que ele disse que estão acontecendo coisas, desde antes do Natal, mas isso é...

– Sem tempo para conversas – disse Fenodyree. – Você vai atrapalhar nossos companheiros.

Olharam em torno e viram que os dois excursionistas que tinham estado apoiados na porteira de John Carter estavam agora caminhando tranquilamente, aparentemente sem outra preocupação mais sinistra do que amassar folhas secas com suas bengalas. Um bando de treze pássaros aproximou-se e

começou a voar em círculos sobre suas cabeças.

– Aqueles são *corvos*? – perguntou Colin, enquanto continuavam a andar pela alameda.

– A maioria – respondeu Fenodyree. – Mas todos são olhos para a Confraria do Mal.

Gradualmente o caminho convergia para a Floresta de Radnor, até que caminho e floresta corriam lado a lado, com um muro baixo de pedras a separá-los. Numa curva da estradinha Fenodyree avisou:

– Quando os excursionistas virarem aquela curva, nós temos de estar escondidos. Agora! Pulem o muro!

Do outro lado, arbustos espinhentos os esperavam, mas conseguiram esquivar-se e correram o mais rapidamente possível através do mato e sob a vegetação emaranhada da floresta, atrás de Fenodyree, que se movimentava agilmente naquele terreno irregular, na direção do trecho mais compacto à vista.

Imediatamente os pássaros começaram a fazer uma grande balbúrdia, mas Durathror, que, como sempre, ia na retaguarda, não viu os excursionistas antes que a folhagem se fechasse atrás dele.

À sombra das faias, o chão era mais desimpedido e podiam andar mais rapidamente, ziguezagueando através dos espaços entre as árvores e as massas de rododendros. Por um curto espaço de tempo, os pássaros grasnavam por cima de suas cabeças e depois mergulhavam nos ramos mais altos, circulando entre as árvores, chamando uns aos outros como se trocassem informações. Fenodyree diminuiu o ritmo dos passos, para uma caminhada firme.

– Não há necessidade de pressa – disse resignadamente. – Eu tinha esperança de encontrar um abrigo enquanto eles deliberavam. Em outros tempos esta floresta não favorecia a confraria e eu achei que a lembrança disso os afastaria o bastante para...

Suas palavras foram abafadas por uma enorme algazarra sobre suas cabeças. Instintivamente aproximaram-se uns dos outros, costas contra costas, e as mãos dos anões procuraram suas espadas. Era como se os pássaros estivessem se atirando em direção ao chão; por uns segundos, parecia estar chovendo corvos. Depois a floresta ficou em silêncio.

Gowther abaixou-se para apanhar uma massa de penas negras que caíra a seus pés, mas Durathror impediu-o.

– Não toque nisso! – gritou. – Eles são malditos, mesmo na morte.

Virou o pássaro com a ponta da espada. Enterrada em seu coração, estava uma pequena flecha de penas brancas; ao vê-la o rosto de Durathror ficou pálido.

– Os *lios-alfar* – murmurou. – *Os lios-alfar*! – Tremendo, afastou a espada e olhou para o céu. – Endil! Atlendor! Sou eu, Durathror! Que belo encontro!

– Paz! - disse Fenodyree. – Eles não estão aqui.

– Não estão? - gritou Durathror. – Oh! Pois eu lhe afirmo, primo Pele de Vinho, que nossa viagem será mais feliz de agora em diante. Se os *lios-alfar* voltaram do exílio, há muito pouco a temer até a madrugada de sexta-feira, você não vê? Atlendor! Bem-vindo! Airmid! Grannos! – Entretanto, por mais que Durathror chamasse, nada aconteceu. Ia de um lado para o outro gritando, gritando, mas o eco e a voz cava do vento norte foram sua única resposta.

– Thrurin! Skandar!

Fenodyree sacudiu tristemente a cabeça.

– Vamos! Os *lios-alfar* foram embora da grande Floresta de Radnor há duzentos anos! Eles não retornarão. Venha! Eles não estão aqui; nada, a não ser a confraria, responderá a seus chamados.

Durathror voltou lentamente para perto dos outros.

– Mas só podem ter sido os *lios-alfar*! – havia completo desnorteamento em sua voz. – Por que eles não me reconheceram?

Fenodyree abaixou-se para examinar melhor a flecha.

– Bem – disse Gowther –, quem quer que tenha atirado a flecha não pode ser grande. Ela tem no máximo vinte e cinco centímetros. Que tamanho de corpo poderia usar um arco para atirar estas flechas?

– Os elfos da luz - disse Fenodyree -, os *lios-alfar*. Esta é uma flecha de elfos. Ainda assim, não acredito que eles estejam entre nós. É mais provável que isso seja trabalho dos stromkarls.

– Stromkarls? – gritou Durathror. – Já soube alguma vez que o povo-do-rio tenha pegado em armas? São os *lios-alfar*!

– O que é aquilo, lá em cima? – perguntou Gowther, apontando para o alto.

Algo branco moveu-se entre os galhos, embora nem mesmo Gowther pudesse dizer de onde teria vindo. Caiu lentamente na direção deles, planando para frente e para trás, em movimentos graciosos e ondulantes, aterrissando aos pés de Durathror. Uma pena branca de águia!

O anão agarrou-a e esfregou no nariz do primo.

– Veja! Um sinal! E de um manto de elfo! O que me diz agora?

Fenodyree olhou bem para a pena e depois para Durathror.

– São os lios-alfar – disse afinal.

Fenodyree insistiu em que aumentassem a velocidade para compensar o atraso. Nenhum outro sinal dos elfos, se é que eram mesmo elfos, foi detectado e Durathror foi convencido a diminuir sua ansiedade e concentrar-se nos problemas imediatos.

– Mas é difícil – confidenciou a Colin, um pouco mais tarde naquele dia, quando dividiam a mesma lona, na tentativa de permanecerem vivos. – É difícil perder a convivência dos elfos. E se um deles foi mais querido, mais do que alguém de seu próprio sangue, um irmão de quem temos lembranças desde a infância, a perda torna-se irreparável. Quando Atlendor levou seu povo para o norte, pensei em renegar minha herança e ir junto, mas ele não permitiu. "Você tem um dever a cumprir, de grande importância", disse ele. Os olhos dos *lios-alfar* não enxergam somente o presente. Nós nos despedimos perto da Pedra Dourada e ele me deu este manto, Valham, e eu dei a ele Tarnhelm, o maior tesouro dos huldrafolk.

Durathror fez uma pausa e sorriu tristemente antes de continuar.

– Eu troquei o poder de ficar invisível pelo de voar e Gondemar, meu pai, me expulsou, em sua ira. Assim, tenho vagado todos esses anos, barrado por meu povo e pelos elfos. Se Cadellin não tivesse se apiedado de mim e me aberto os portões de Fundindélfia, minha sina teria sido desoladora.

Mas toda essa conversa aconteceu mais tarde, naquele dia, e no momento as crianças e Gowther foram deixados a pensar sozinhos no sentido que teriam aqueles pássaros mortos e o delírio de Durathror.

Não que houvesse tempo para pensar. Estavam abrindo caminho por uma trilha quase fechada, o chão coberto por folhas apodrecidas, no meio de rododendros tão grandes que alguns galhos fechavam-se sobre suas cabeças, assim como impediam o caminho, quando Fenodyree levantou a mão. Pararam. E escutaram.

– Passos! No mato!

Saíram da trilha brilhante de folhas e se meteram por trás dos galhos emaranhados das plantas.

– Fiquem exatamente onde estão, e não se movam! – sussurrou Durathror. – Eles estão perto!

Era difícil enxergar através da vegetação, naquela luz imprecisa. Escutaram alguém se aproximando e viram rapidamente uma roupa escura. Quem quer que fosse respirava pesadamente. Então, quando chegou perto de onde eles estavam, parou. Colin, Susan e Gowther rezavam para que as batidas de seus corações não fossem tão altas quanto pensavam ser. Durathror e Fenodyree trocaram olhares.

– Ah! Que a velha Selina Place se dane! – praguejou uma voz grave, e depois o dono da voz

sentou-se em um tronco caído no caminho. Naquela posição o rosto podia ser visto. Era o senhor Hodgkins, um negociante local.

Todas as manhãs durante a semana, entre oito e nove horas, ele era encontrado, com outros como ele, na plataforma da estação da Borda de Alderley, carregando sua pasta e o jornal muito bem dobrado. Mas agora, em vez do colarinho branco e das roupas formais da cidade, James Henry Hodgkins estava vestido com pesadas calças de esqui e um abrigo com capuz, sobre uma blusa preta de gola alta. Um gorro escondia os cabelos escassos; pendurado ao pescoço magro, óculos para neve, e presas ao pulso grossas luvas de couro amarradas por cadarços. As botas com pregos nas solas dificultavam a caminhada e pelo rosto enrugado e doentio escorria o suor. Apoiou as costas nas raízes da árvore caída e começou a enxugar o rosto.

Cinco pares de olhos o vigiavam, agoniados. Nem os meninos nem Gowther nem os anões tinham tido tempo para se acomodarem entre os galhos, se é que isso seria possível, mas estavam imóveis, nas posições mais desagradáveis, com cãibras, precariamente equilibrados. Qualquer movimento faria com que as folhas das extremidades dos galhos se mexessem. Era como se tivessem de escapar de um alarme contra ladrões. Entretanto James Henry não era de perder tempo inutilmente e, logo que a temperatura do corpo baixou um pouco, seguiu seu caminho, praguejando contra a mochila que lhe pesava nas costas e que, a cada instante, enroscava-se nos galhos das plantas.

– Então! – exclamou Gowther. – O velho Hodgkins! Foi meu freguês durante dez anos! Isso só mostra que nunca se pode confiar!

– Eu não respirei nem uma vez, durante todo o tempo! – disse Susan.

– Eu não consegui! – acrescentou Colin. – Tinha um galho me cutucando o pescoço e quase me estrangulou. Ainda não estou me sentindo bem. É seguro continuar agora, Fenodyree?

– Sim, se conseguirmos.

Ele lutava para soltar uma das pernas, que estava entalada numa bifurcação de um galho. Mas a cada puxão o galho balançava e Fenodyree estava lentamente sendo levado para trás e perdendo o equilíbrio. Ele parecia tão ridículo, seus joelhos à altura da orelha, que os outros teriam rido se não se encontrassem, eles também, em dificuldades para se mover.

Eram plantas velhas e por baixo das folhas verdes e brilhantes havia restos acumulados durante centenas de anos; galhos tortos e grossos, ligados a outros, finos como arame; ramagens entrelaçadas que se quebravam ao toque e que formavam lanças pontudas que picavam e arranhavam a pele; e por toda a parte a poeira escura e fina das cascas das árvores, com um cheiro acre que queimava a garganta e as narinas e entrava pelos olhos como areia fina.

– É... tão... ruim É como... andar... num velho colchão ... de molas – disse Colin.

Tinham de subir nos galhos mais grossos para evitar as ciladas do chão e, uma vez fora do chão, ficavam indefesos. As plantas ditavam o caminho a seguir e a movimentação não era nada fácil. Galhos quebravam sob seus pés e depois saltavam como molas, batendo nas pernas e nos braços e fazendo com que até Gowther, com todo o seu peso, andasse desamparado, tentando apoiar-se no galho mais próximo, o que invariavelmente não era a melhor escolha. E sempre eram forçados a subir, até que ficaram a meio metro do chão.

O senso de direção os abandonara; seguiam o caminho de menor resistência, mas perceberam com crescente preocupação que a terra, ou o que podiam ver, estava se tornando cada vez menos terra e cada vez mais água. Poças cobertas de gelo eram frequentes, muito frequentes, mais extensas, mais fundas, ligavam-se umas às outras e, afinal, havia mais água do que terra. Nessa altura a vegetação já não era tão densa e Fenodyree, com entusiasmo renovado, mergulhava, balançava, rolava e se retorcia, a cabeça livre do caos reinante. À frente, dos lados, embaixo, estava Radnor. Os rododendros espalhavam-se por muitos metros sobre o charco e as raízes penetravam profundamente na lama. No ponto onde eles se espalhavam mais para dentro da água quatro rostos balançavam entre

as folhas como se fossem flores excêntricas.

– Acontece que eu estou sujo, mas não tenho nenhuma vontade de dar um mergulho agora – ironizou Gowther. – Estou farto de andar nessa lama. E agora, chefe, que vamos fazer?

– Não pergunte para mim, meu amigo – respondeu Durathror. – Não consigo raciocinar!

– Temos de voltar – disse Fenodyree. – Primo, acho que vamos ter espaço aqui para sacarmos nossas espadas. Se pudermos fazer isso, abriremos um caminho melhor até a estrada.

Dyrnwyn e a Fazedora de Viúvas, depois de muito esforço, foram retiradas das bainhas e, inclinando-se para trás sobre a água, os anões conseguiram espaço para os primeiros e mais difíceis golpes. Depois disso, em comparação com o que acontecera, o progresso foi bem acentuado. Os galhos secos e os tentáculos de onde saíam folhas iam caindo aos golpes das lâminas afiadas, que deixavam somente os galhos mais grossos; esses não eram mais os obstáculos que tinham sido, quando os galhos menores lá estavam para ajudá-los. O perigo real era um risco que tinham de correr, já que os anões estavam criando um caminho que não podia deixar de ser visto do ar.

– Agora temos de nos apressar – disse Fenodyree, quando, acalorados e cansados, cheios de centenas de arranhões, chegaram à estrada. – Porque a Confraria do Mal sabe onde estamos!

Somente depois de percorrerem uma boa distância, Fenodyree permitiu alguns momentos de descanso.

– Estamos indo para algum lugar em particular? – perguntou Colin.

– Não, por enquanto – disse Fenodyree. – Eu tenho um lugar na cabeça que poderá ser nossa salvação se conseguirmos alcançá-lo. Mas não direi qual é, enquanto existir o risco de ouvidos ocultos.

– Primo – disse Durathror –, está ouvindo? Ficaram em silêncio, tensos, escutando.

– Sim, é um machado.

Agora todos podiam ouvir. O barulho claro e ritmado de um machado batendo em um tronco.

Gowther acalmou-se.

– Eu sei quem é – disse. –- Deve ser Harry Wardle, de Parkhouse. Ele é legal. Eu o conheço desde quando éramos garotos. Se alguém passou por aqui, neste fim de floresta, é muito provável que ele tenha visto. Vamos perguntar.

– Hum... – resmungou Durathror. – Prefiro não encontrar com homens por enquanto. Não confio em ninguém.

– Mas Harry e eu fomos à escola juntos! Ele é um bom sujeito.

– Ele pode ser tudo isso que você acha – disse Fenodyree. – E, se for, poderá nos ajudar. Fale com ele. Durathror e eu vamos observar. Se ele for da confraria, vai dar algum alarme.

Pararam à beira da clareira. Um homem de meia-idade, magro e musculoso, com cabelos grisalhos e espetados, estava de costas para eles, segurando o longo cabo de um machado.

– Olá, Harry – gritou Gowther. Harry Wardle virou-se e sorriu.

– Olá, Gowther! O que o traz aqui?

– Ah! Estou tirando o dia para passear com Colin e Susan.

– Vocês, fazendeiros! Bem que eu gostaria de tirar uma folga, quando quisesse! Como vai indo a fazenda?

– Razoável para esta época do ano, você sabe.

– Podia ser pior. – E Bess?

– Vai muito bem, obrigado. Manhã agitada, não, Harry?

– Um pouco. Mais umas duas árvores para derrubar antes de comer. Mas vou tomar um lanche depois desta daqui. Está servido?

Mostrou uma garrafa e sanduíches em cima de um tronco.

– Não, obrigado, Harry. Temos de ir.

– Como quiser. Vão muito longe?

– Não sei. Vamos continuar mais um pouco, eu acho. Muita gente por aqui, Harry?

– Nem uma alma até vocês chegarem.

– Bem, se passar alguém e perguntar, não diga que nos viu, certo?

Um leve sorriso entreabriu os lábios de Harry.

– Eu nunca pus os olhos em você, Gowther. O que está havendo? Está querendo atirar em um ou dois faisões? Porque, se estiver, dê uma olhada na Borda de Painter. Mas não vá dizer aos outros que lhe contei.

Gowther deu uma piscadela.

– Até logo, Harry.

– Até logo.

Deram adeus e o deixaram. Um momento depois, o som de seu machado ecoou atrás deles, através das árvores.

– Bem – disse Gowther –, o que foi que eu disse?

– Ele não é bruxo – disse Fenodyree. – Mas existe alguma coisa nele que me incomoda; teria sido mais inteligente ter passado por ele sem parar.

– Shhh! – exclamou Durathror. – Escutem!

– Não estou escutando nada – disse Colin.

– Nem eu – disse Gowther.

– Mas vocês deveriam escutar. – gritou Fenodyree. – Por que o machado de seu amigo se calou?

– Hein? O quê? – exclamou Gowther, repentinamente assustado. – Vamos escutar um pouco mais. Mas Durathror e Fenodyree já corriam desabalados para a clareira, puxando as espadas.

A clareira estava deserta. Harry Wardle, o machado, a garrafa, os sanduíches tinham desaparecido.

– Mas – balbuciou Gowther, o rosto vermelho. – Mas não é... não Harry! Ele deve ter voltado por alguma razão para Parkhouse. É isso!

– Se fosse isso – disse Fenodyree –, ele teria nos encontrado, pois estamos no caminho de Parkhouse, não estamos?

– É, acho que sim – Gowther estava atordoado. Durathror, que tinha entrado pelo caminho do outro lado da clareira, voltara sacudindo a cabeça.

– Como você diz, fazendeiro Mossock – caçoou Fenodyree –, nunca se sabe...

17 - AS MARAS

– Não devemos agir precipitadamente – disse Fenodyree. – O medo é o maior aliado de nossos inimigos.

– Certo – disse Gowther –, mas vamos andando, está bem? Não me incomodo de confessar que sofri um grande choque, e ficar aqui parado, conversando, sem saber o que está se preparando para nos atacar, não vai melhorar as coisas.

– Mas, que caminho devemos tomar agora, que seja menos perigoso? – perguntou Fenodyree. – É o que precisamos decidir. Eu não acredito em fuga cega e, embora o tempo seja precioso, um pouco dele deve ser gasto em conversa. Lembre-se de que seu amigo Harry terá de andar uma boa distância para dar seu aviso.

– Bem, ele agora sabe a direção que estamos tomando, concordam? – falou Colin. – E eu não acho que Harry Wardle imagine que nós o desmascaramos, portanto que tal voltarmos por onde viemos?

– Boa ideia – respondeu Durathror. – As lebres vão para o norte enquanto os cães farejadores vão para o sul.

– Eu acho… não… – disse Fenodyree. É um bom plano em muitos aspectos, mas nós temos um encargo importante demais para corrermos risco. Pensem! Provavelmente todo o grupo da Confraria do Mal está em nosso encalço. Eles virão na direção sul por essa floresta e ao longo de seus flancos. Se nos escondermos no meio do mato e eles passarem, a vantagem será nossa. Mas, se formos descobertos, longe de qualquer ajuda e incapazes de manejar a espada, no meio de folhagens, que necessidade eles terão de fimbulwinter ou das maras? E se nós ultrapassarmos suas linhas sem sermos percebidos, nosso caminho se tornará mais perigoso. Ao norte há um vilarejo: homens demais. Para o sul é terra aberta por uns quinze quilômetros ou mais. Não estamos longe do limite desta floresta; vamos para o sul. Se sairmos de Radnor antes que o alarme se espalhe, a Confraria do Mal poderá perder tempo, decidindo onde poderemos ser atacados.

Ficou portanto decidido; andaram rápida e cuidadosamente, todos juntos, as espadas preparadas.

Durathror não deixava de olhar para cima, para as nesgas de céu azul. Estava preocupado. Começou a cheirar o ar.

– Está perto, primo? – perguntou Fenodyree.

– Está. Uma, duas horas, não mais.

– Yon, o bruxo, com suas vestes de neve, afastou qualquer dúvida – disse Fenodyree para Gowther e os meninos. – A confraria convocou Rimthur para ajudá-los e o hálito gelado do gigante, o fimbulwinter, está atrás de nós. Vamos enfrentá-lo, se pudermos.

A rudeza do tom revelou mais do que as palavras.

Estava pálido sob a pele curtida, cor de avelã, e mesmo Gowther não precisou de maiores explicações.

Depois de passarem Parkhouse e suas construções, a floresta transformou-se em bosques com árvores dispersas, e no último bloco de árvores os anões pararam para planejar o próximo passo. À direita ficava a estrada para Congleton, ladeada por uma alta parede de pedras. Ao lado do paredão uma faixa de árvores seguia a estrada, e, entre o lugar em que estavam e o abrigo aonde queriam chegar, havia um campo, esparsamente povoado de árvores. Um bando de pássaros voejava pelo lugar. Não se via gente e o único ruído, além do vento, vinha do tráfego de veículos.

– Aonde este caminho poderá nos levar? – perguntou Durathror.

– Para mim é exposto demais – comentou Gowther. – Se formos em frente, vamos chegar ao

Campo do Monge, o que é pior. Mas, esperem um pouco, vamos olhar em volta. Faz um bocado de tempo que não ando por aqui. Eu gostaria que esses pássaros dessem um pouco de descanso!

Olhou cuidadosamente o terreno diante deles.

– Seria melhor se a gente pudesse alcançar as árvores perto da parede de pedra; acho que por ali será o melhor caminho. Vejam! Elas ficam bem perto do muro e chegam até a plantação Dumville. Depois esse caminho vai nos levar através do Campo do Monge até o Riacho Bag. Dali, nós podemos, ou melhor, nós tentaremos, atravessar, protegidos pelo Campo Marl, em Capesthorne. São esses próximos duzentos metros o maior desafio. Acontece que, se ficarmos com os olhos atentos para esses pássaros, poderemos conseguir nos esconder até chegarmos lá.

E foi isso que fizeram. Escolhendo um instante em que o céu estava limpo, correram desabaladamente para a estrada, como formigas frenéticas, passando de árvore em árvore com tal velocidade, que até surpreendeu Gowther. Ele não corria assim há uns bons trinta anos, mas alcançaram a faixa de árvores antes de a próxima patrulha voar pelo céu.

As árvores deixavam a estrada em ângulo reto e continuaram através dos campos que Gowther tinha chamado de plantação Dumville. Na maior parte de sua extensão, era uma faixa muito estreita de vegetação que em alguns pontos não ultrapassava um metro, mas dava uma esplêndida proteção, quando vista de cima.

Depois de uns oitocentos metros, a faixa de árvores virava à direita e tomava rumo sul, mais uma vez. Uma curva chegava até uma plataforma em um pequeno outeiro, e de lá era possível se ter uma boa vista da região ao redor.

– De qualquer forma é bem arborizado – comentou Susan.

– Mas parecerá vazio a vocês, durante a maior parte do tempo – caçoou Fenodyree. – As coisas não são mais como eram. Se fosse como antigamente, nossa tarefa seria fácil. Naquela época havia verdadeiras florestas.

– Eu quero saber quem está na Corcova do Soldado – disse Gowther.

Todos olharam. Dois quilômetros à frente, acima das encruzilhadas do Campo do Monge, uma elevação coberta de densa vegetação surgia sobre a terra. Parecia um Shuttlingslow, só que menor – ou um sepulcro! Tinha o ar misterioso de um sepulcro e era sutilmente diferente do resto dos campos que o cercavam. E uma atmosfera diferente do campo onde tinha suas raízes. E essa estranha sensação era acentuada por causa de alguns finos pinheiros que coroavam seu topo. Eles se inclinavam uns para os outros, como se estivessem cochichando segredos.

A silhueta de um homem a cavalo estava recortada entre as árvores. Àquela distância, não era possível ver detalhes, mas as crianças achavam que estava com uma capa, e possivelmente um chapéu. Ele estava imóvel.

– Eu... não sei dizer quem é ele – disse Durathror, depois de olhar com cuidado. – Há alguma coisa nele que bate no fundo de minha memória. O que acha, primo?

Fenodyree sacudiu a cabeça.

– Pode ser ou não alguém que conheço. Mas é estranho que ele esteja por aqui. É mais certo ser um bruxo vigiando a encruzilhada.

Pouco tempo depois os anões ficaram calados e pensativos.

As árvores chegavam até a estrada de Macclesfield, no vale onde ela cruzava com o Riacho Bag. Dividindo a atenção entre os pássaros e o tráfego, Fenodyree ficou ocupado por uns bons dez minutos, enquanto guiava os outros para o lado oposto da estrada, sob o arco da ponte. Cumprida essa etapa, os anões, pela primeira vez desde o desaparecimento de Harry Wardle, largaram suas espadas.

– Começo a ter esperanças nesta missão – comentou Fenodyree. – Já ultrapassamos Radnor e acho que a Confraria do Mal perdeu a nossa pista.

– Espero que a gente não tenha de ficar embaixo desta ponte o dia todo – disse Gowther. – Esta terra é fria demais, não acham?

– Vamos seguir em frente já – disse Fenodyree. – O caminho que vamos tentar é o seguinte: ao norte de Shuttlingslow fica a Floresta de Macclesfield, uma região tão desabitada quanto qualquer dos morros. Mas os homens cobriram a maior parte dela com abetos e pinheiros. Você sabia?

– Sim – respondeu Gowther. – Começa acima do açude de Langley. Não gosto muito disso: quilômetros e quilômetros de árvores em fila! Não é natural.

– Este é o lugar, uma prisão de árvores. Mas suas fileiras tristes crescem bem e há pouca chance de achar quem se esconde lá dentro. A floresta nos protegerá até a madrugada de sexta-feira, quando passaremos os últimos quilômetros de charco para chegarmos a Shuttlingslow.

– Tão fácil assim? – perguntou Gowther.

– *Se conseguirmos* chegar até a floresta – disse Durathror.

O plano de Fenodyree era andar rumo ao sul por alguns quilômetros antes de seguir para leste e viajar, sempre que possível, dentro de florestas. As faixas de terreno sem proteção, ele esperava atravessar seguindo riachos. Ignorando o desconforto, as vantagens deste plano eram muitas. Ao longo dos riachos, era quase certo encontrarem salgueiros e amieiros, além de plantas mais baixas, como juncos, caniços e outras. Mover-se mais baixo que os campos adjacentes daria uma maior proteção, pois não haveria o perigo de terem suas silhuetas recortadas contra o céu. Em último caso, seria possível deitar por baixo da vegetação se os pássaros se aproximassem. Além disso, a água corrente apaga o cheiro da pista, o que poderia ser importante, pois havia ainda os dois mastins da Morrigana.

Fenodyree explicou tudo isso e seu plano foi aceito sem discussão; agora começavam a parte mais difícil da viagem, entrando em um ritmo que iria levá-los por vagarosos e exaustivos quilômetros. Tinham de manter-se muito próximos uns dos outros, como um só corpo, e, ao mesmo tempo, agir como indivíduos, cada um responsável por achar abrigos e chegar a eles, antes que os pássaros estivessem sobre suas cabeças, e por se adiantar no instante em que o céu estivesse limpo. Escaladas desesperadas, longos períodos de inatividade, lama, areia, água, gelo, arbustos espinhentos. Um quilômetro e meio por hora era uma boa média.

O Riacho Bag levou-os na direção sudoeste, para a esquerda da Corcova do Soldado, obrigando-os a passar por baixo da estrada Congleton, o que não agradou a nenhum deles. Quando estavam a poucos metros da ponte, um afluente juntava-se ao riacho. Corria em ângulo agudo, vindo da esquerda, do pavilhão de caça de Capesthorne. Isso significava que estavam voltando quase pelo mesmo caminho, mas prometia ser uma rota tão tranquila que ninguém reclamou a perda de tempo e as energias gastas: como era bom estar viajando em linha reta, uma experiência que ficaria cada vez mais rara. Não muito tempo depois de terem seguido por esse riacho menor, viram os primeiros excursionistas à beira da plantação Dumville.

O riacho vinha de um vale de arbustos de bétulas e folhagem em decomposição. Era um progresso em relação a campos vazios, porém mais para a frente havia um bosque de coníferas e o rastejar parecia sem fim.

– Pelas rendas de Frimla! – praguejou Durathror, quando passavam por baixo dos ramos entrelaçados. – Vai ser bom abandonar este jeito covarde de andar e poder caminhar erguido, sobre as duas pernas!

– Eu só espero que os pássaros sejam surdos – exclamou Susan.

O chão era forrado por folhas e ramos mortos com uns quinze centímetros de espessura. Era impossível não pisar neles. Humanos e anões, cinco pares de pés se movimentando, e o barulho lembrava um fogo distante, na floresta.

Saindo do bosque de bétulas, atravessaram uma pequena área de plantação de pinheiros,

espécimes das desprezadas "árvores em fila" de Gowther. Mas essas árvores eram altas e tinham poucos galhos baixos. O chão era silencioso e o sol não atravessava a abóbada verde. Aqui, o crepúsculo existia ao meio-dia. Todos se sentiam mais à vontade desde a partida de Highmost Redmanhey.

– É um luxo não pensar que olhos estão vigiando suas costas, não é? – comentou Gowther.

– E estar fora da luz do sol – disse Colin. – Era como se tivéssemos um holofote sobre nós.

– A luz aqui é certamente mais suave – acrescentou Susan. – Só agora os meus olhos se acostumaram à mudança.

– Acho que ainda estou meio confuso, porque a impressão que tenho é que fica cada vez mais escuro, em vez de mais claro – disse Gowther.

– Isso mesmo – concordou Fenodyree.

A floresta terminou aos pés de uma pequena elevação e agora era possível eles verem: o céu azul e o sol brilhante tinham desaparecido! De horizonte a horizonte, o ar estava escuro e amarelado, todo coberto de nuvens.

– Isto é só o começo – disse Durathror. – Vamos ficar aqui, onde temos abrigo, ou vamos seguir em frente?

– Em frente – respondeu Fenodyree. – Enquanto podemos!

Uma trilha os levou por um caminho protegido, passando por várias lagoas verdes; numa plataforma, que chegava a uma trincheira, a proteção terminava.

Diante deles havia um campo, e o bosque mais próximo ficava a uns quinhentos metros de campo aberto, sem a menor possibilidade de proteção.

– Bem, então é isso – disse Gowther. – O que fazemos agora? Esperamos a noite?

Fenodyree sacudiu a cabeça.

– Não devemos viajar à noite, não ainda quando estamos tão longe de ajuda. Vamos em frente logo. A tempestade está chegando, e quando chegar ao auge vai banir do céu até mesmo os entes do mal. Então, nós atravessaremos!

Não precisaram esperar muito. As primeiras rajadas de neve caíram no instante em que Fenodyree acabava de falar e, no instante seguinte, o mundo tinha encolhido para um círculo de cinco metros, bombardeado por gelo em pó e limitado por uma parede e um teto cinza, que não parava de se movimentar.

– Ninguém será capaz de nos achar no meio disso – gritou Fenodyree, tentando se fazer ouvir no meio do barulho do vento. – Agora é a nossa chance!

Uma vez fora da proteção da floresta, a força total da tempestade caiu sobre eles. Susan, Colin e os anões foram levantados e arremessados ao chão, enquanto Gowther balançava, como se estivesse atordoado. Tentaram enfrentar juntos o caminho; deram-se os braços, com Gowther no meio, como âncora, e o vento os empurrava, com enorme violência, diretamente para seu destino.

O vale não era profundo. Saltaram por cima da cerca e foram engolfados pela tempestade ao transporem o limite. Próximo ao lugar onde caíram, havia uma árvore derrubada pelo vento com as raízes para cima; o buraco que ficara era um escudo natural contra o vento.

– Não vamos conseguir nada melhor do que isso – disse Fenodyree – e não podemos enfrentar uma tempestade dessas. É melhor nos arranjarmos por aqui mesmo.

A princípio era bom estar livre da tempestade; a neve passava zunindo, mas pouco caía sobre eles. O ar estava gélido. Atrás das raízes havia pouco espaço para cinco pessoas se mexerem, assim eles se acocoravam e ficavam de pé por turnos. O ar gelava seus lábios e os cílios estavam duros de gelo.

As crianças vestiram por cima toda a roupa que tinham na sacola e amontoaram-se para dividir os mantos dos anões. Gowther passou o pior pedaço. Teve de enfiar os pés nas mochilas das crianças e se embrulhar nas lonas viscosas e cheirando a borracha.

Foi nessa hora que Durathror falou sobre os *lios-alfar* e de sua amizade com Atlendor.

– Mas por que os elfos foram embora daqui e para onde foram? – perguntou Colin, quando a história chegou ao fim.

– Os *lios-alfar* – explicou Durathror – são os elfos da luz, criaturas do ar, bebedores de orvalho. Para eles, a beleza é alimento e vida, e a sujeira e a feiura são morte. Quando os homens se afastaram do sol e da terra e corromperam os ares com fornalhas, aquilo era veneno para os *lios-alfar*. A crosta de tijolos e pedra que se espalhou por estas terras definhou seus corações. Eles tinham de partir, ou morreriam. Onde quer que os homens estivessem, havia ruído e fuligem; somente nos lugares desabitados havia paz. Alguns deles fugiram para as montanhas de Sinadon, outros para a ilha de Iwerdon, através da Água do Oeste, e outros para os abismos do Dinsel, ao sul. Mas a maior parte foi para o norte com Atlendor, para a distante Prydein, bem além de Minith Bannawg, e lá vivem nos altos montes. Agora alguns finalmente vieram para o sul, para que eu não sei, nem por que se esconderam de mim. Mas não há maldade nisso, tenho certeza!

Durante a tarde o vento amainou e as raízes não serviam de abrigo contra a neve. Agora nevava fortemente, monotonamente, e para as figuras enregeladas atrás da árvore era como se estivessem em uma plataforma que se movia para cima, através de uma cortina branca de contas. Realidade, espaço e tempo fundiam-se num mundo imóvel. Somente uma rajada ocasional movimentava a cortina por um ou dois segundos e destruía a ilusão hipnótica.

A noite estava caindo quando Fenodyree tomou uma decisão. Desde que o vento tinha cessado de obrigá-los a se protegerem nas raízes da árvore, ele pesava as vantagens e desvantagens de seguirem em frente, Como estavam as coisas, era mais provável que se perdessem, além disso estavam perigosamente perto de Alderleye da Borda. Não, esse era um risco que ele não queria correr. Por outro lado, era óbvio que não sobreviveriam a uma noite ao relento. Já estavam começando a sofrer a fatal e quente sonolência da exposição ao frio. O torpor da neve estava minando sua resistência ao perigo. Tanto Gowther como Colin tiveram de ser despertados mais de uma vez.

– Temos de continuar – disse Fenodyree. – Se não encontrarmos um teto para nossas cabeças, não vamos mais precisar de um amanhã cedo. Vou verificar se existe um abrigo melhor, seguindo o riacho. Quanto menos rastros deixarmos na neve, mais seguro será para nós, mas acho que não é bom ir sozinho. Fazendeiro Mossock, quer ir comigo?

– Com certeza – respondeu Gowther. – Não aguento mais este lugar!

Fenodyree e Gowther sumiram no meio da neve. Seguiram pelo vale por uns quinhentos metros e encontraram as marcas das rodas de uma carroça, próximo de onde o vale se unia com a estrada de Congleton, à direita.

– Ei – chamou Gowther –, sei onde estamos! Bem em frente está a Redesmere, e existem belos bosques por lá; a maior parte é de rododendros, mas acho que poderemos nos virar. É o melhor que vamos encontrar por esses lados.

– Pode ser melhor do que pensa, meu amigo! – exclamou o anão, com os olhos brilhantes – Eu não tinha me lembrado de Redesmere!

Refizeram o caminho de volta. O tempo todo Gowther tivera o cuidado de colocar os pés exatamente sobre as pegadas de Fenodyree, assim suas botas apagavam as marcas menores do anão. Voltando, todos pisaram nas mesmas pegadas, como Gowther tinha feito, e o resultado daria muito o que pensar a qualquer caçador.

A neve chegava agora a uns trinta centímetros de altura e mais ainda onde ficara acumulada.

– Vamos cortar alguns galhos para fazer uma cabana, se não encontrarmos nada em Redesmere – disse Fenodyree. – Mas não podemos perder um só minuto, porque o sol já se pôs e há perigo, mesmo antes de a noite chegar. Se nós tivermos de… Ah!

– O quê?

– Shhh... Olhe!

Logo que passaram por aquele lugar em direção a Redesmere, alguma coisa atravessou sua trilha, deixando rastros como jamais Gowther vira semelhantes em toda sua vida! Um sulco raso, de dois metros de largura, varrera a neve e, no centro do sulco, marcas de pés descalços. Cada pé era composto de um enorme dedo pontudo, dividido por uma fenda na cunha única onde deveria haver outros quatro dedos. As pegadas eram regularmente espaçadas: três metros entre cada uma!

– Depressa – gritou Fenodyree. – Talvez a gente chegue a tempo!

Ele nem fez menção de usar a espada.

– Estou com uma louca sede de neve – disse Susan. – Mais do que qualquer outra coisa, adoraria um garrafão de leite.

– Ah, não! – exclamou Colin. – Um garrafão só daria para molhar a minha boca!

A água do riacho estava gelada demais para beber; entorpecia as gargantas e fazia os dentes doerem. Suas bocas estavam secas e adocicadas pela exaustão.

Conversaram pouco, pois o assunto tinha acabado há muito tempo; exigia esforço demais. Mexiam-se somente quando as cãibras exigiam.

Uns vinte minutos depois de Gowther e Fenodyree terem partido, Susan, sentindo alfinetadas pelo corpo, ergueu-se para bater os pés e esticar os braços. Estava a ponto de se agachar outra vez quando escutou um leve silvo, como se alguém estivesse deslizando pela neve. Pensando que eram os amigos, ela se pôs na ponta dos pés para espiar o vale. Isso a colocou um pouco acima do nível do chão e nesse instante um golpe de vento afastou o véu de neve. Um segundo depois o vento passou e o véu voltou novamente; mas, naqueles segundos, os olhos de Susan registraram todos os detalhes da coisa que estava passando a uns dez metros de onde ela estava.

Parecia uma mulher, uma mulher malproporcionada, com seis metros de altura e toda verde. O corpo comprido e maciço estava apoiado em pernas grossas, com coxas curvas e inchadas. Os braços eram curtos demais, musculosos na altura dos ombros, diminuindo até chegar às mãos, franzinas e indefinidas. A cabeça, muito pequena e elíptica, era pouco maior que o pescoço que a apoiava. Não havia cabelos; a boca era uma linha incerta. O nariz saía repentinamente na altura das sobrancelhas, entre os olhos, que não passavam de manchas escuras. Aquilo usava uma única vestimenta: uma túnica solta que chegava ao chão e que se agarrava ao corpo como pano molhado. A pele tinha um brilho baço e a túnica, da mesma cor e textura, poderia ser feita da mesma substância. Era como uma estátua de malaquita polida, mas uma estátua que se movia.

Susan ia começar a gritar, mas, antes que o som chegasse a seus lábios, uma mão rude tapou-lhe a boca e Durathror puxou-a para baixo, na neve.

– Fique imóvel!

Por algum tempo, acima das batidas de seu coração, ela sentia a terra tremer sob os passos pesados que se afastavam.

– Você também viu? – sussurrou ela.

– Vi. Tenho de encontrar meu primo. Da próxima vez, nossa sorte pode não ser a mesma.

– O que foi? O que aconteceu? – perguntou Colin, no fundo do buraco. Mas, no instante em que falava, Fenodyree, com Gowther em seus calcanhares, surgiu da obscuridade e segurou Durathror pelo braço.

– Mara!

– Passou agora mesmo – disse Durathror.

– Não nos viu. Ainda tem muita luz.

– Então perdeu mesmo a nossa pista.

– Venham! Encontramos um abrigo.

– Então por que perdermos tempo?

Caminharam pelo vale, tão depressa quanto podiam.

– Sua curiosidade está satisfeita agora, fazendeiro Mossock? – perguntou Fenodyree, quando Susan terminou, ofegante, a descrição do que tinha visto.

– Ah! É isso. Mas, afinal de contas, o que elas são?

– Mulheres das Cavernas ou mulheres-troll; são oriundas das rochas e às rochas voltarão se o sol as encontrar em cima da terra. Mas à noite são indestrutíveis, poderosíssimas. Somente nossa inteligência poderá nos salvar, e temos de ser gratos, porque somos mais inteligentes do que elas; o cérebro de uma mara é tão fraco quanto é imensa a força.

Mal as palavras tinham saído de sua boca quando um grito agudo, uma voz lamentosa de algum pássaro da noite, ao mesmo tempo frio e impiedoso como dos animais da montanha, soou atrás deles.

– Corram! Ela descobriu nosso rastro!

Haviam acabado de cruzar o caminho por onde Fenodyree tinha voltado e estavam abrindo uma trilha na vegetação, quando a mara apareceu uma segunda vez, e agora bem perto.

– Fiquem espertos! – disse Fenodyree. – Não podemos nos separar aqui!

Os arbustos não eram impenetráveis, mas bastante próximos uns dos outros para tornar mais difícil a movimentação de cinco pessoas ao mesmo tempo. A neve não estava mais caindo; era quase noite.

Novamente o grito!

– Parem! – ordenou Durathror.

Todos escutaram. Não era um eco. Era uma resposta, e vinha da frente!

Imediatamente mais um grito à direita e o barulho de galhos sendo quebrados e o estalar de mato e folhagens sendo pisoteadas. Cercados por todos os lados, pelo menos eles foram poupados da angústia de uma decisão. Viraram para a esquerda. As vozes eram agora contínuas.

Durathror corria na frente. Susan vinha em seguida, tentando acompanhar seu ritmo, e quando chegaram a um arbusto mais espinhento Durathror esticou os braços para proteger os olhos e tentar forçar a passagem. A corrida de Susan atrás dele foi interrompida por um grito abafado de Durathror e um barulho de queda na água.

– O que foi?

– Onde estamos?

– O que aconteceu?

– Vocês estão bem?

Susan enfiou a cabeça no espaço aberto e olhou através do aparentemente ilimitado lençol de água. Na crescente escuridão, não via terra. Abaixo dela estava Durathror, mergulhado na água até a cintura, tentando subir de volta, no meio das plantas e do fundo lodoso, para a terra. A essa altura, todos já tinham chegado.

– Redesmere! – exclamou Gowther. – Eu devia ter pensado nisso!

– Voltar! – resmungou Durathror.

– Mas não podemos!

– Não temos escolha – disse Fenodyree –, e temos muito pouco tempo. Quem sabe furamos a teia, quem sabe!

Sem uma palavra, Colin deu meia-volta e os outros o seguiram.

– Colin, espere! Deixe que eu vá na frente – disse Fenodyree.

– Tudo bem. Oh!

– Colin!

– Todo mundo parado! – gritou Colin. – Aqui também tem água!

– O quê? Não pode ser! – falou Gowther.

– Esperem um pouco!

Gowther virou para a esquerda e mergulhou no mato; logo depois estava de volta, para outra vez desaparecer na direção oposta, sem falar.

Quando voltou, andava muito devagar.

– Não vou pedir que acreditem em mim, mas estamos em uma ilha!

18 - ANGHARAD MÃO-DE-OURO

– E não é grande, também – disse Gowther.

– Mas... mas... não pode ser uma ilha! – exclamou Susan.

– Sei que não, mas é!

– Não é possível! – insistiu Colin.

– Concordo!

– Mas...

Uma risada geral resultou daquela confusão e perceberam que os anões estavam sentados na neve, cada um com as costas apoiadas numa árvore, muito tranquilos e mostrando bom humor.

– É realmente uma ilha – explicou Durathror.

– E, pela espada de Osla, eu não poderia imaginar um fim tão bom para um dia como este!

– Quietos! – disse Fenodyree. – Por enquanto, fiquem abaixados.

A margem mais próxima, a uns cinquenta metros dali, três maras estavam aflitas, tentando recuperar o faro perdido da trilha. Elas lamentavam, gritavam e procuravam no chão, arrancando arbustos e derrubando árvores. Gowther enterrou-se um pouco mais na neve. Estavam em perigo, era óbvio! Não demoraria muito até que as maras somassem dois e dois e vadeassem para a ilha, e então...

Tendo destroçado tudo à sua volta, os três vultos ficaram à beira do lago, olhando através da água.

"É agora", pensou Susan. "Será que vou conseguir nadar com todas estas roupas?" Mas as maras não se mexeram; agora, seus corpos confundiam-se com as sombras. Tudo ficou silencioso. E então elas se viraram e desapareceram na floresta. Novamente os gritos ecoaram, cada vez mais longínquos, e se perderam na distância.

Gowther ficou de pé e sacudiu a neve das roupas.

– Elas devem ser muito obtusas – comentou Colin. – Por que não nos acharam? Qualquer um com meio olho podia ter imaginado onde estávamos, nossas pegadas devem terminar na água.

– Mas as maras não têm nem meio cérebro – explicou Fenodyree. – Nossas pegadas eram tudo o que elas tinham de seguir e, quando terminaram, a pista foi perdida. Nada se mexia no lago, não havia pegadas, portanto não havia nada para achar. É assim que suas mentes funcionam. Agora elas vão procurar até amanhecer e vamos esperar que não haja muitos homens fora de casa esta noite.

– Sim, mas elas sabiam que nós estávamos perto, em algum lugar - disse Susan. – Por que não tentaram esta ilha?

– Ah! Mas elas não sabiam! Elas nunca nos viram. Tudo o que viram foram pegadas que acabavam na água. Para as maras, isto não é um enigma; suas mentes não enxergam além do que seus olhos conseguem ver, eu acho que para seus olhos esta ilha está escondida.

– Está agora? – perguntou Gowther, sério. – Vocês não me surpreendem mais com coisa nenhuma. Quem sabe vocês vão poder nos explicar também como estamos aqui sem termos molhado os pés e como vamos voltar novamente à terra.

– Eu não duvido de que vamos sair andando daqui ao amanhecer – disse Fenodyree. – Por enquanto durmam bem e em segurança. Esta é a ilha de Angharad Mão-de-Ouro, a Dama do Lago, e é uma das ilhas flutuantes de Logris. Estava alojada na margem, quando Angharad guiou nossos passos para cá. Aqui, nenhum mal nos alcançará. Por uma noite, poderemos dormir em paz, e a Dama do Lago nos protegerá.

– Muito confortador – disse Gowther. A neve derretida escorria para dentro de seu colarinho, e

ele estava muito cansado. – Mas onde está essa senhora? Eu não vejo nada a não ser neve e árvores e duvido que com isso eu consiga arrumar uma cama quente.

– Ela está aqui, embora não a vejamos, e estamos sob sua proteção. Agora precisamos comer e dormir.

Um naco de pão e um pouco de queijo, lavados com neve, foi a ceia. Faminta, úmida, gelada, e com sede além da conta, Susan acomodou-se nas raízes de uma árvore. A lona no chão era mais uma aflição do que um conforto. Uma longa noite de sofrimento a esperava; não acreditava que conseguisse dormir. Mas o sono veio e surpreendentemente depressa. Um quente langor espalhou-se por seus membros; seu cérebro aconselhou-a a resistir, mas não conseguiu. "É assim que a gente gela até morrer. Bem, mas não há nada que se possa fazer agora... E é a... primeira... vez... que me sinto... quente por anos... e... anos... "

A neve que batia contra seu rosto era agora um travesseiro de penas. Os resmungos de Gowther e Colin em sua exaustão e desconforto foram levados para muito longe. Susan adormeceu...

Era um sonho curioso. Parecia não ser nada mais do que uma mistura de seus pensamentos e desejos quando acordada, sem tempo definido, desalinhavados e tão difíceis de entender quanto imagens na água cheia de ondulações. E então, por longos períodos, as pessoas, as vozes e os episódios, flutuando em seu cérebro, se encaixavam nos lugares certos e se tornavam tão vívidos, tão concretos, que parecia não haver nada de sonho neles. Mas sempre, depois de algum tempo, o padrão se desmanchava. Era um quadro onde os traços do pincel ficavam separados da tela e flutuavam como trapos isolados de cor, para somente mais adiante se reunir e mostrar a paisagem um pouco mais adiantada no tempo. Mas este era o fio principal do sonho de Susan: ela estava sentada com as pernas cruzadas, em companhia de Colin, Gowther e os anões, sob as árvores da ilha. Diante deles havia pratos de ouro, cheios de carnes, especiarias, frutas e saladas verdes. Redesmere, sob o sol de verão, brilhava azulada. Stromkarls riam e brincavam nas águas, enquanto outros escutavam a voz musical de Angharad Mão-de-Ouro. Ela estava sentada entre os meninos e vestia uma túnica branca. Era alta, esguia e linda; seus longos cabelos trançados eram como ouro vermelho. Na testa, usava uma faixa de ouro.

Parecia que, de suas aventuras, nada era desconhecido para ela, que também tinha muito o que contar. Os *lios-alfar* do oeste eram menos numerosos a cada ano. Somente além de Minith Bannawg havia um número maior deles. Eles tinham escutado rumores sobre a captura de Fogofrio por Grimnir e a Morrigana, e o elfo-mor, Atlendor, filho de Naf, tinha vindo para o sul para descobrir o que havia de verdade em tudo isso. Mas ficou doente por causa da fuligem e, quando chegou à ilha, Angharad cuidou dele até curá-lo. Então, quando o stromkarl veio da Pedra Dourada na noite anterior, Atlendor decidiu voltar para seu povo, pois as notícias sobre Fogofrio eram boas e não seria necessária a sua presença em Prydein. Partira naquela manhã, ansioso por se ver livre do ar impuro, e não ousou ficar para conversar quando liquidou os espiões na Floresta de Radnor.

O sonho continuava em clima de risadas alegres.

Os stromkarls trouxeram para Fenodyree e para as crianças capas de cabelo vermelho, tecidas com fios de barbas de gigantes e enfeitadas com pelos brancos de sátiros, e havia ainda quatro mantos, costurados juntos, para cobrir os ombros de Gowther.

– E para você – disse Angharad Mão-de-Ouro –, para quem o perigo é real, o meu bracelete. Ele a protegerá em sua jornada e, quando o outro bracelete estiver nas mãos de Cadellin Argentesta, pense que foi uma troca justa, pois ele possui muitas virtudes.

Depois dessas palavras, retirou de seu pulso um bracelete de metal branco e colocou-o em Susan.

– Que os Cavaleiros Adormecidos de Fundindélfia fiquem em segurança!

– Obrigada, muito obrigada! – Susan sentiu-se comovida com tal generosidade; normalmente teria se sentido constrangida, mas não poderia ficar encabulada diante do caloroso sorriso de

Angharad.

O quadro mais uma vez desapareceu, mas aqueles olhos dourados, cheios da luz do sol, permaneceram através das várias cores de seu sonho.

– Obrigada – disse Susan.

Os olhos dourados sumiram.

– Obrigada. obrigada!

Sua voz ecoava na cabeça. O caleidoscópio transformou-se num quadro branco da consciência, no meio do qual suas palavras caíam com uma curiosa falta de ressonância. Susan sabia que estava quase acordada para um mundo de neve, fome e fadiga e também de grande perigo. Desesperadamente tentou forçar o caminho de volta à "outra" realidade, mas a barreira era forte demais. Um a um seus sentidos retornaram. Sentiu o ar entrando nos pulmões como lâminas de gelo e, quando um floco de neve pousou de leve em sua face, ela gemeu e escondeu o rosto na curva do braço. Instantaneamente, Susan abriu os olhos e se esforçou para que recuperassem o foco; mas o sono era ainda forte demais e ela levou mais algum tempo para saber, fora de qualquer dúvida, que sua face não se enganara.

Susan estava embrulhada numa capa de cabelo vermelho-bronze, ornada de lã.

Algo estava em seu pulso, algo que não estivera ali antes. Libertou o braço do manto para ver o que era. Um bracelete de prata!

Os outros estavam acordados agora. Colin e Gowther apontavam para seus mantos, atordoados. Uma lua pálida brilhava no céu claro de geada.

– Mas era um sonho... !

– E os stromkarls...

– Não pode ter acontecido!

– Vocês viram... ?

– Eu também!

– E também era verão!

– ... e toda aquela comida!

– Vocês estão com fome?

– Não!

– Só ficaram nossas pegadas na neve e nada mais!

– O que acham disso? – perguntou Susan.

– Oh, mas é um presente precioso! – exclamou Durathror.

Eles tinham se esquecido dos anões, em seu encantamento.

– Oh, viva! – disse Gowther. – Estou contente porque alguém por aqui sabe o que significa tudo isso. Bruxas, espectros, monstros verdes, tive de lidar com tudo isso num só dia, e depois, eu não fico inclinado a duvidar do que vocês dizem, mas quando chegamos a ponto de eu não saber se estou dormindo ou acordado, começo a pensar se tudo não passa de um sonho!

– Sonhos, mágicas não são fáceis de definir – disse Fenodyree –, e os homens sempre acreditaram que os sonhos não são realidade. A Dama do Lago é uma hábil criadora de encantamento. Ela sabia que, sem auxílio, nós não sobreviveríamos esta noite. Agora, com os mantos às nossas costas, não precisamos temer o frio do fimbulwinter, o hálito gelado do gigante, mesmo que os próprios gigantes do gelo venham do sul. E este presente pode valer mais do que tudo!

Ele apontou para o bracelete. Parecia ser antigo.

Na parte externa havia gravações pintadas com esmalte negro, mas muitas delas estavam apagadas. Em uma das metades estava gravada uma folha simples, flanqueada por dois desenhos oblongos, entrelaçados, em forma de losango, com quatro pintas dentro de cada um. Na outra metade, entre mais dois losangos, havia uma inscrição em letras quadradas, que Susan não entendia.

– Sim, mas por que esta pulseira vale tanto?

– Não sei dizer. Mas Angharad não a usaria somente como ornamento.

– Ela bem que podia me dizer por que me deu.

– Talvez não fosse conveniente que você conhecesse todo o segredo de uma só vez; o poder súbito pode ser uma coisa maléfica e perigosa para qualquer pessoa. Use-a sempre, guarde-a como fez com a pedra e eu sei que ela não falhará quando você precisar. E, acima de tudo, lembre-se de quem nos deu abrigo e ajude aqueles cuja desgraça traria um enorme peso ao seu coração.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Colin.

– Não compreendo. Ela está do nosso lado, não está?

– Sim, mas vocês precisam saber: Angharad Mão-de-Ouro é esposa de um dos cavaleiros que estão adormecidos em Fundindélfia, um grande comandante. Estavam casados havia uma semana quando o rei convocou seus cavaleiros para irem para o fundo da terra. Sete dias de felicidade para perdurar todos esses anos. Vê agora como ela foi generosa? Nós fomos salvos, alimentados e agasalhados e vamos seguir nosso caminho mais bem equipados para nossa tarefa. Entretanto, se vencermos, Angharad Mão-de-Ouro não poderá receber seu amor por muitas centenas de anos.

19 - GABERLUNZIE

O sol havia nascido, mas as maras já estavam bem longe de seu alcance, reclinadas no chão, sob a cabeça de leão, na caverna do Conselho. Arthog, Slinkveal e também os outros svarts estavam presentes, assim como mais de cinquenta entes da Confraria do Mal, pendurados pelas paredes. Num canto, o que dava a impressão de ser um monte de trapos, de paus enrolados em pergaminhos, de botas velhas, se contorcia e se contraía em movimentos bruscos. Em cima da cabeça, estavam a Trocaformas e Grimnir; a caverna era iluminada pelo brilho vermelho da coluna de fogo, acomodada no colo do svart idoso e malhado, sentado sob as mandíbulas do leão. Selina Place falava na Língua Comunitária.

– ... e um regimento inteiro de nossas irmãs foi morto pelos elfos e mesmo assim vocês nada viram! Mossock e as crianças alcançaram a ponta extrema de Radnor e, mais uma vez, vocês nada viram! *Eles têm de ter passado* por vocês! Tamanha incompetência, irmão Galleytrot, pode nos jogar a todos, antes da meia-noite, em Ragnarok!

– Mas a mim eles não enganaram! – protestou James Henry Hodgkins. – Eu vi todos!

– Mas eles conseguiram e você, não. Mais um erro desses, caro irmão, e você será carne de svart!

– E já que Ragnarok está na minha boca – continuou a Morrigana –, vamos falar claro com todos vocês. Nastrond não escutou nenhuma palavra sobre nós, mas *irá* escutar, e, quando a hora chegar, a vida de todos estará perdida, se não conseguirmos agarrar a pedra. Se por acaso alguns de vocês não têm a mesma fé que nós no sucesso, é preciso que saibam que as fronteiras estão delimitadas. E, qualquer um que tentar atravessá-la, morrerá. Portanto, que ninguém pense em procurar vantagens com Nastrond, usando de traição. Agora, aos planos. Não acreditamos que os humanos tenham sobrevivido à noite. Todas as moradias e construções externas foram vigiadas, portanto devem ter ficado ao relento. Anões são mais resistentes, mas duvidamos que consigam aguentar um frio desses, logo esperamos ter notícias brevemente. A busca deve continuar até a pedra ser encontrada, pois, se ela estiver nas mãos dos elfos, será necessário maior esforço de todos vocês. Os céus estão claros. Inevitavelmente teremos de esperar o pôr-do-sol. Durante a noite teremos possibilidade de dar cobertura total da maneira que quisermos, embora não tenhamos mais neve para podermos seguir as pegadas com mais facilidade. Assim, as maras e os svarts-alfar podem caçar durante o dia, se houver necessidade. Os lyblacs e os morthbroods agora irão substituir seus companheiros e lhes passarão nossas instruções. Lembrem-se, o céu está cheio de olhos. Covardes e traidores não irão longe! É só.

O monte de trapos transbordou e se dividiu em vários montes de farrapos, que se erguiam desajeitadamente como marionetes de espantalhos, e se retiraram, girando e pulando para fora da caverna.

– Não é como você diz; o que mais devemos temer não é Nastrond descobrir pelos seus espiões, e sim sua mente – disse a Trocaformas Morrigana para Grimnir, fechando a porta do armário de vassouras. – Nós sentimos que ele invadia nossos pensamentos muitas vezes durante este mês. Não se pode saber quando agirá. E os svarts não serão confiáveis se nos temerem menos. Precisamos dar a eles um ou dois exemplos e sem demora. Isto sempre foi a melhor solução. Vamos ter de "desmascarar um traidor" no próximo Conselho.

Com as primeiras luzes do dia, a ilha tinha se fixado próximo a um riacho, do lado oposto a Redesmere, onde as maras tinham perdido a pista.

Vestido com seu monótono manto de neve, o campo parecia enorme, sem limites como um deserto, silencioso como uma mina. A terra não oferecia proteção; qualquer movimento seria

detectado a quilômetros de distância. Uma trilha de pegadas não seria ignorada e no ar limpo qualquer som seria levado intacto a ouvidos distantes.

Durathror sugeriu, e os outros concordaram com relutância, que o melhor a fazer era caminhar no leito do riacho, o mais perto possível da margem. E foi assim que, com o sofrimento extra de pernas enregeladas do joelho para baixo, eles retomaram o mesmo modelo do dia anterior. Felizmente os mantos tinham a propriedade de deslizar pelos obstáculos sem ficar presos ou rasgados e, usados com o forro de carneiro para fora e com o capuz, ofereciam ótima camuflagem.

Dez minutos após o nascimento do sol, os primeiros pássaros voaram pelo céu.

A manhã passou monótona, mas não sem novidades. Passaram por meia dúzia de corvos, assim como por quatro excursionistas, que chegaram perto de atingir seus propósitos, mas só conseguiram uma morte suave. Esses momentos e as ocasionais pegadas eram tudo o que distraía sua atenção da tarefa de vadear o riacho.

Por volta do meio-dia, tinham avançado pouco mais que um quilômetro e meio e então Gowther parou.

– Estive pensando… – disse ele. – Se continuarmos por este riacho por mais tempo, estaremos tomando o rumo norte, na direção de Henbury e não muito longe de onde começamos. Exatamente além fica a Floresta Pyethorne, que faz limite com as lagoas Thornycroft e, se bem me lembro, lá encontraremos um riozinho que nos levará no rumo certo. Que tal darmos uma olhada?

Infelizmente, para alcançarem a floresta, tinham de seguir pelas beiradas de um campo, cruzar uma estradinha próxima ao pavilhão de Thornycroft Hall e atravessar uns duzentos e cinquenta metros de campo aberto.

Conseguiram alcançar a estradinha sem serem descobertos, mas, quando chegaram à divisa, as próximas etapas pareciam ser, de longe, o pior obstáculo que tinham encontrado.

– Não vejo outra maneira – disse Durathror, estreitando os olhos para protegê-los do clarão do sol sobre a neve. – Mas esperar a noite seria loucura.

– Mas temos de atravessar? - perguntou Colin. Será que não podemos dar a volta por um lado qualquer?

– Eu já pensei sobre isso também – disse Gowther –, mas duvido que estivéssemos melhor em qualquer outro lugar. Vejam vocês: se rumarmos para o norte, estaremos voltando para Alderley e vamos pôr Macclesfield entre nós e o ponto aonde queremos chegar. Se seguirmos a estrada para o sul, vamos ter de atravessar Gawsworth, a não ser que a gente saia bastante de nosso caminho, e, se vocês concordam comigo, nós devemos passar ao largo de Gawsworth, as coisas estando do jeito que estão. Fatos estranhos costumam acontecer por lá em tempos bem mais tranquilos do que os de agora! Não! A Floresta Pyethorne deve ser o nosso caminho. Está mais perto da água e não podemos chegar mais perto de Gawsworth do que a Alameda Negra e Sugarwell, que já são até perto demais!

– Acho que devemos escolher o seu caminho – ponderou Fenodyree, depois de discutir as vantagens e desvantagens. – Mas como vamos conseguir chegar à floresta?

– Temos de arriscar – disse Gowther. – E, se encontrarmos alguém, vamos torcer para que não saibam nada sobre nós. Não, não me esqueci dos pássaros. Mas há muita gente andando por este caminho e também pela estrada, assim nossas pegadas poderão não ser percebidas por um ou dois quilômetros, especialmente se prestarmos atenção onde pisamos. E, se todas as vezes que os pássaros vierem, nos reunirmos formando um monte ao lado do caminho e tomarmos cuidado para não deixar nada para fora de nossos mantos, tudo dará certo. Agora escutem: sigam em frente até chegar bem perto do pavilhão. Eu vou primeiro e assim poderei voltar e contar se existem árvores. Vocês vão ver dois caminhos: um para a esquerda e o outro bem perto da floresta. Só espero que não sejamos os primeiros a usá-los hoje e amanhã. Deixem passar uns vinte minutos e me sigam. Eu encontro vocês lá.

– Fazendeiro Mossock – disse Fenodyree –, estou vendo que temos um novo guia! Sua inteligência irá nos levar até Shuttlingslow bem melhor do que meu fraco espírito!

– Não – respondeu Gowther –, o caso é que eu gosto do que estou fazendo. Até logo!

O céu já estava claro; ele entrou na estrada, atravessou a passagem e foi pela Alameda e depois pelo pavilhão. Vinte minutos depois Susan e Durathror o seguiram e dez minutos mais tarde foi a vez de Colin e Fenodyree.

– O pavilhão foi ruim – comentou Susan –, mas, depois da tensão da estrada, eu quase desmaiei quando tive de andar bem na frente da mansão, com todas aquelas janelas!

– Tivemos de nos atirar no chão duas vezes em frente da mansão – contou Colin. – Se alguém estivesse olhando, devia pensar que somos loucos.

– É, foi mesmo um bocado preocupante – disse Gowther. – Como acham que nos saímos?

– Os pássaros não nos viram, eu acho – disse Fenodyree –, e não vi ninguém nas janelas. Como foi com você, primo?

– Não vi vivalma e nada escutei. Nós passamos bem.

Mas o velho fofoqueiro Jim Trafford tinha a tarde livre. O homenzinho estava por volta das duas e meia em seu costumeiro canto em Harrington Arms e monopolizava a conversa com quatro amigos.

– Eu tenho certeza de que está duas vezes mais frio do que onze anos atrás! – dizia ele, em seu linguajar saboroso. – Eu nunca vi nada como agora! É bastante para deixar qualquer um meio doido. Ah! Escutem só esta! Não faz mais do que algumas horas! Eu me levantei de madrugada e fui verificar se tudo estava em ordem com a estufa do hall, e um dos fogos estava um pouco fraco, então me abaixei para dar uma avivada. Pois bem, quando me levantei outra vez, olhei por acaso pela janela, e o que foi que eu vi? Pois vou contar para vocês: tinha dois fulanos, desta altura mais ou menos, passando na direção de Pyethorne. Não, escutem só! Usavam capuzes brancos com proteção para o rosto e eles não paravam de olhar em volta e se jogavam no chão e se levantavam, depois caminhavam curvados. Eu poderia jurar que um tinha uma barba, que era bem amarela. Pelos Evangelhos, eu juro!

– Bem – continuou ele –, sacudi a cabeça e levei o balde de carvão para o quarto ao lado. O fogo estava bom, mas o balde precisava de uma ou duas pedras. Indo para fora, olho de novo pela janela e lá estão eles outra vez. Foi quando eu vi um bom pedaço da barba, só que agora era preta! Lá iam eles, se deitavam no chão com o rosto para a terra e escondiam as cabeças e pernas, como tartarugas. É verdade! Você mal podia vê-los no meio da neve! Bem, depois de um ou dois minutos, eles se levantavam e iam embora, agora correndo juntos. Depois, deitavam outra vez! Digo para vocês: eu mal podia acreditar. Fiquei olhando para eles até que chegaram perto da floresta, então baixaram as cabeças e correram. É este frio terrível que está por trás de tudo isso, não tem erro! Vão aparecer outros como eles, isso eu garanto, se o mau tempo continuar... Ei, Fred! O que aconteceu? Está se sentindo mal? Por que tanta pressa?

A porta bateu depois que Fred saiu.

– Ei! O que há com ele? Ei, vocês! Venham ver! Olhem o Fred! Está correndo pela rua como se suas calças estivessem pegando fogo! Eu digo pra vocês, é esse tempo!

A Floresta Pyethorne não é grande. A maior parte dela é uma nesga de terra dividindo dois lagos de Thornycroft, e foi nesse lugar que Gowther esperou pelos outros. Novamente juntos, resolveram descansar por uma hora mais ou menos, antes de explorar o lado extremo do lago, a leste da mansão.

– Temos de vigiar por turnos - disse Fenodyree. – Durathror e eu dividiremos a noite e, até chegarmos à floresta, um de vocês vai vigiar na parada do meio-dia. Combinado?

Enrolaram-se nos mantos e esqueceram a neve.

Até mesmo seus pés gelados se aqueceram e, depois de uma manhã como essa, o sono não demorou a chegar.

Colin tinha se oferecido para vigiar no primeiro turno. Sentou-se num tronco de árvore e olhou à sua volta, vendo a beleza do dia pela primeira vez. O ar estava parado e, embora o sol brilhasse em um céu sem nuvens, não havia bastante calor em seus raios para derreter as delicadas lâminas de gelo que ficavam penduradas mesmo nos galhos mais finos de cada árvore. Pyethorne parecia uma floresta de renda naquele dia. Em Redesmere tinha havido lâminas de gelo ao amanhecer, mas agora o gelo estava liso, grosso e azulado como aço.

Mais ao longo do gelo, havia uma ilha tão povoada de árvores que era como se elas nascessem diretamente do lago. A princípio era tudo o que Colin podia ver, mas os minutos se passavam e algo começou a tomar forma no meio das árvores. A impressão era mais forte quando ele não olhava diretamente para a ilha, e, apesar de ele não ter certeza, *havia* alguma coisa lá! Então, como uma figura escondida num quebra-cabeça, inesperadamente a imagem entrou em foco e Colin levou um susto. Era uma torre quadrada, velha e arruinada, tão bem escondida no meio das árvores que, se Colin não tivesse outra coisa a fazer a não ser olhar à sua volta durante uma hora e meia, ele nunca a teria descoberto.

"Quero só ver quanto tempo os outros demorarão para perceber", pensou ele, sorrindo de sua própria cegueira, e continuou a vigília.

Então, curiosamente, aquela torre começou a enervar Colin. Ele sentia que ela o observava com olhos inexpressivos! Sentou-se de costas para ela, mas isso tornou as coisas piores e teve de dar meia-volta. Uma torre não podia senão ter um aspecto sinistro nessas condições. Obviamente ninguém morava lá. Mas Colin não sossegava a não ser quando ficava de frente para ela.

Começou a fixar o olhar para a direita e para a esquerda, através do lago e outra vez para a torre, mas não chegou a olhar diretamente para a ilha. E, naturalmente, a urgência de olhar para lá estava cada vez mais forte. Pior ainda: ele pensou como seria desagradável se virasse a cabeça e... visse alguma coisa! Logo em sua imaginação apareceu essa "coisa", e dali foi um simples passo para acreditar que ela estava lá. Colin respirou fundo. Tendo chegado a esse ponto, só havia uma coisa a fazer: olhar para a torre.

Seu grito de medo fez com que os anões ficassem de pé. Ali, a menos de quarenta metros de distância, entre as árvores, na margem da ilha, estava um homem todo vestido de negro, montado em um cavalo negro, os olhos fixos em Colin.

– O que aconteceu? – perguntou Fenodyree, mas Colin só conseguia apontar. A essa altura, o cavaleiro começou a conduzir seu cavalo na direção deles, através do gelo. Em silêncio, observavam o homem se aproximar.

Era alto e magro, embora pouco dele estivesse visível, sob a enorme capa. As botas negras de montaria, com esporas de prata, lhe chegavam até os joelhos; na cabeça, usava um chapéu de abas largas. Seu cabelo preto-azulado como as asas de um corvo, cacheado até os ombros, emoldurava um rosto magro e pardo. Pequenas argolas pendiam de suas orelhas e os olhos eram azuis, de um azul luminoso, brilhando com tal intensidade que rivalizava com o brilho do coração de Fogofrio.

Quando estava a alguns metros, puxou as rédeas do cavalo.

– Tenho estado à sua procura – disse com voz profunda. Não somente profunda, mas também suave, com um sotaque que não era escocês, irlandês ou galês, mas poderia ser qualquer um deles. Um pouco do receio que dominava Gowther e as crianças desapareceu.

– Bem-vindo, Gaberlunzie – disse Fenodyree. – Ontem nós o vimos ao longe, mas não estávamos certos. Venha para baixo das árvores. A Morrigana e seus comparsas nos perseguem sem descanso e seus espiões estão agindo.

O recém-chegado olhou para o céu.

– Pensei que não havia pássaros – disse. Desmontou e levou o cavalo para debaixo das árvores.

Rapidamente Fenodyree contou o que estava acontecendo e o homem a quem chamaram de Gaberlunzie escutou em silêncio.

– E por tudo isso, temos de chegar a Shuttlingslow na sexta-feira de madrugada para encontrar Cadellin Argentesta, ou o mundo como nós conhecemos pode não durar. Não quer ficar e nos ajudar?

Os olhos azuis fixaram o horizonte; depois Gaberlunzie respondeu:

– Não posso ficar aqui. Escutem o que eu digo. Além de Minith Bannawg há encrenca à espera, pior do que esta; ou, pelo menos, é o que tememos. Os *lios-alfar* do norte não são suficientes para agir sozinhos. Por isso eu vim pedir ajuda de parentes e aliados. Vaguei pela terra saqueada de Dyfed, pelas praias de Talebolion, durante um cansativo mês em Sinadon. E sou necessário em Prydein, dentro de uma semana. Parei em Fundindélfia para pedir ajuda, mas não recebi resposta, lá só havia a Confraria do Mal. A tempestade me apanhou antes que eu conseguisse chegar a Angharad Mão-de-Ouro. Quando a noite chegou, ouvi as maras e procurei esta ilha sem demora. Foi um mergulho gelado e o sol nasceu antes que eu ousasse dormir. Preciso viajar para o norte hoje: meu dever está lá. Eu os ajudarei no que puder antes de partir. Se eu os deixar na floresta ao cair da noite, isso será conveniente? – perguntou.

– Isso removeria quase todos os nossos obstáculos – respondeu Fenodyree. – Infelizmente não ousamos nos locomover com liberdade durante o dia, quando os céus estão vigiando, e durante a noite as maras caminham. Nós nos arrastamos para alcançar nossos nobres fins!

– Mas agora cavalgarão! – exclamou Gaberlunzie sorrindo. – Não, não estou brincando.

– Olhem! – gritou Susan, a voz assustada. Estavam tão absortos na conversa que não perceberam a espessa neblina que se aproximava sobre a neve. Como uma fumaça branca, ela envolveu as árvores e escondeu os limites extremos do lago enquanto Susan falava.

– Grimnir! – exclamou Durathror.

– Silêncio – disse Gaberlunzie, que era o único imperturbável. – Sentem-se novamente, todos vocês. Não é nada do que estão pensando, e sim o que eu estava aguardando. Céu sem nuvens, neve ou nevasca, e não mais que duas horas à frente para a noite chegar! O que é mais natural do que uma bela e branca neblina para cegar o morthbrood e permitir mais velocidade em nosso caminho? Agora montem em meu cavalo e vamos!

O *fog* agora os envolvia, absoluto.

– Espere um pouco - disse Gowther. – Antes de tentarmos caber os seis em um cavalo, gostaria de saber como você acha que vamos encontrar o caminho. Ver meus pés agora é pedir demais.

– Não se preocupe, meu amigo; meus olhos não são como os seus e meu cavalo não é da raça terrena; nós não vacilaremos. Mas venham! Será que vamos ficar aqui discutindo até o Dia do Juízo Final? Montem!

Todos montaram, Durathror e Fenodyree juntos, à frente de Gaberlunzie; atrás dele iam as crianças e finalmente Gowther, os dois braços esticados de cada lado de Colin e Susan, agarrando o manto de Gaberlunzie com as mãos.

Gowther esperava um sacolejão no instante da partida, isto é, *se o cavalo conseguisse partir!* Com um suave puxão nas rédeas, lá se foram eles, como o vento. Cavalo algum jamais cavalgou tão suavemente. Campos, sebes, valas escoavam sob seus cascos. A neve abafava todo o barulho de sua passagem, enquanto eles mergulhavam na neblina. O ar gelado os fustigava e suas mãos se escureciam por causa do frio que lhes apertava as cabeças, como tenazes.

Depois de um tempo, deixaram para trás as sebes e a terra tornou-se regular, mas eles não sentiam tropeços. Enormes valas abriam-se sob eles, umas após outras, perigosamente profundas; paredes assustadoras como ruínas de antigas fortalezas erguiam-se de cada lado do caminho. Era

como se cavalgassem fora do tempo, de volta a épocas imemoriais, entretanto estavam somente ultrapassando montes de turfas de Musgo Danes, uma grande extensão de terra pantanosa, que se estendia aos pés dos montes.

Venciam vala após vala e cada uma era um obstáculo para os morthbroods, caso viessem em perseguição, pois Gaberlunzie tinha grande astúcia. E assim aproximaram-se dos montes e chegaram a um caminho solitário em um vale.

– Estamos agora na floresta – disse Gaberlunzie. Desviou a montaria para fora da estrada e, de um salto, estavam entre as árvores. Um caminho largo passava pela vegetação fechada e aqui Gaberlunzie reduziu a marcha.

– Não vou parar. Vocês terão de saltar da melhor maneira possível, para que minha pista não fique truncada. Não parem para apagar a de vocês, mas procurem depressa um abrigo. Mais tarde vocês verão raposas: não lhes façam nenhum mal.

– Mas o que vai ser de você? – perguntou Fenodyree. – Não é seguro ficar fora depois do pôr-do-sol.

– A Confraria do Mal será bem-vinda para a caçada! Pois irei ao Tor Brilhante, ao Tor dos Gatos e às Rochas de Windgather e o sol se levantará para mim além dos três picos de Eildon. Não acredito que a Confraria do Mal seja tão sutil…

Cinco minutos depois todos se despediram e se atiraram na neve.

– Façam como eu disse – recomendou Gaberlunzie – e não sofrerão mal nenhum; e quando encontrarem Cadellin, digam-lhe que envio os meus melhores votos de sucesso!

Durathror foi o último a pular e, quando se levantou, a silhueta de Gaberlunzie com uma das mãos acenando misturava-se com a neblina e sumia de sua vista para sempre.

– Não gosto da ideia de deixar essas pegadas todas – disse Colin.

– Há muito pouco a fazer – respondeu Fenodyree –, mas acredito que Gaberlunzie sabe o que está fazendo. Nossa tarefa agora é nos escondermos e o lugar é este. Tomem cuidado para não sacudir os galhos das árvores e derrubar a neve.

As árvores estavam a uma curta distância umas das outras e os galhos chegavam até perto do chão, tão baixos que até os anões precisavam rastejar e Gowther tinha de se deitar completamente.

Seguiram morro abaixo por algum tempo, antes de Fenodyree parar.

– Aqui estaremos tão seguros quanto em qualquer outro lugar. Mesmo sem neblina, ninguém consegue enxergar mais do que alguns metros à frente. Vamos nos ajeitar da melhor maneira, porque só vamos sair daqui para saudar Cadellin.

Lá embaixo, duas sombras esguias atravessavam a floresta. Chegando à neve revolta, e à trilha que levava na direção das árvores, pararam e farejaram. Então começaram a correr e brincar por todo o lugar: duas raposas divertindo-se na neve. Quando todas as marcas de pés humanos tinham sido apagadas, elas seguiram morro abaixo, jogando neve para todos os lados, na confusão da brincadeira.

O ruído de sua aproximação chegou aos ouvidos dos anões e eles aguardaram com as mãos nas espadas o que quer que estivesse se aproximando. Então, as raposas ficaram visíveis e sentaram-se nas patas traseiras, lado a lado, cobertas de neve, as línguas vermelhas pendentes, os olhinhos atentos se estreitando em um sorriso arfante e malicioso.

Ficaram ali por um bom tempo e Durathror ia falar-lhes, mas elas deram meia-volta, sacudiram as caudas e correram morro abaixo.

– Obrigado – gritou Fenodyree.

– Por quê? – perguntou Colin. - O que elas fizeram?

– Elas cobriram nossas pegadas, e muito bem – disse Gowther. – Isso é o que eu chamaria de

esperteza.

– O faro de uma raposa é mais aguçado do que o dos homens ou anões – explicou Durathror, sorrindo.

Sorriu outra vez quando, durante a noite, velando enquanto os outros dormiam, escutou os latidos dos mastins passando pelo morro e sumindo na distância.

20 - O MONTE SHUTTLINGSLOW

Ninguém dormiu bem na segunda e última noite na floresta. Tinha sido extremamente desgastante permanecerem imóveis, embora constantemente alertas, durante o dia inteiro. O frio já não era problema e os alimentos de Angharad eram garantia contra a fome e sede por muitos dias; portanto, nada havia a fazer senão esperar e pensar.

Parecia que a noite nunca mais iria acabar, entretanto as cinco figuras embrulhadas nas lonas, no meio da neve, não encontravam nada para dizer.

Por causa da neve, nunca ficava totalmente escuro na floresta; embora nem de longe tivessem o poder de visão dos anões, as crianças descobriram que, com o avanço da noite, podiam distinguir as árvores e a encosta do morro.

A tensão aumentava a cada hora. Finalmente ouviu-se a voz de Fenodyree:

– A aurora não tarda. Todos prontos?

Subiram pelo caminho. As marcas dos cascos eram ainda visíveis, mas estavam sobrepostas por pegadas de cachorros, de svarts e outras.

Depois de uma longa subida desde a floresta até o topo, encontraram-se em um planalto desolado. No outro extremo, a cerca de uns oitocentos metros de onde estavam, viam as encostas do Shuttlingslow, escuras, contra a noite que se despedia.

Pararam e olharam, tomados por profunda emoção pela aparição do objeto tão duramente procurado. E agora, ele estava perto!

– Tão próximo! – exclamou Durathror. – Mas será que chegamos lá?

Olharam em torno, desconfiados. A neve tinha cerca de meio metro de espessura. Não se via árvore alguma na penumbra. Somente uma parede escura. As pedras, no sopé do morro, marcavam a paisagem. Uma vez adentrando esse deserto, e deixando uma pista, não haveria caminho de volta. E depois de quilômetros de dissimulação, parecia loucura caminhar por um lugar tão desprotegido. Mais ainda, um verdadeiro pavor de espaços abertos tomou conta deles, até mesmo dos anões. Sentiam-se zonzos, as pernas bambas e uma certa falta dos horizontes confinados.

Repentinamente, Gowther endireitou os ombros. – Vamos! – falou com voz fone. – Vamos em frente! – E começou a andar na direção de Shuttlingslow.

Foi uma caminhada difícil e, ao fim dela, uma subida penosa, mas ambas foram realizadas sem que se visse um só ente da Confraria do Mal, ou alguém de sua espécie. Sempre para cima, pés e mãos ativos na subida quase perpendicular. Para cima, para cima, até que seus pulmões pareciam rebentar e os corações estourar. Mais dez metros! Tinham conseguido!

Pararam ofegantes no cume. Ao redor, nada além do ar. Quando a euforia diminuiu, arrastaram-se até encontrar um lugar em forma de ferradura, olhando para fora. Ali, enquanto se mantinham próximos, podiam vigiar toda a terra à sua volta, exceto o lado sul, que ficava oculto no outro lado do cume. O topo do Shuttlingslow tem poucos metros de extensão e, assim, conseguiam conversar sem ter de elevar a voz.

Fenodyree calculou que a aurora demoraria menos que meia hora. Todos os olhares estavam atentos, para verem Cadellin no instante em que aparecesse. Uma vez Durathror pensou tê-lo visto, mas era uma mara caminhando pelo campo, a quilômetros dali. A claridade aumentava. Ao norte, sul, leste e oeste, a planície e um lago cheio de sombras, onde a noite mergulhava.

– Já não era tempo de vê-lo? – perguntou Colin. Podia agora ver a trilha reta feita por eles no altiplano. Os outros também olhavam na mesma direção.

– O sol ainda não nasceu – disse Fenodyree. – Ele virá.

Mas não veio. Assim, não podiam mais fingir que ainda era noite. Não havia brechas no céu pesado de nuvens, mas o dia não podia ser negado.

– Parece que se acabaram nossas possibilidades, não é mesmo? - falou Gowther. – E agora vamos ficar aqui, esperando sermos colhidos como maçãs maduras?

– Precisamos esperar até o último instante – disse Fenodyree. – E para qualquer lugar que formos agora, não escaparemos dos olhos da Confraria do Mal. – E parece que é um belo dia. Sexta-feira, treze!

– Sim – confirmou Durathror. – "Entre nove e treze toda a tristeza nascerá"...

O otimismo os abandonou; a trilha lá estava nítida como se tivesse sido pintada de negro. E nada de Cadellin.

Ocasionais pontos escuros moviam-se individualmente ou em grupos, através do manto branco de neve dos montes e ao longe, na planície. Da mancha indistinta que era a Borda de Alderley, elevava-se o que podia ser uma coluna de fumaça, mas não era.

– Agora que eles começaram a agir, Cadellin precisa vir depressa – afligiu-se Durathror. – Ou chegará tarde demais.

Ao ganhar altura, a coluna de pássaros se dividiu em grupos de patrulha; dois deles tomaram o rumo de Shuttlingslow. Quando estavam a aproximadamente dois quilômetros dali, ficou evidente que um grupo iria pelo lado sul e o outro pelo lado norte do monte. A patrulha do norte voou pelo planalto e os vigias do morro tinham vontade de fechar os olhos. O suspense não durou muito. O líder sobrevoou em círculos sobre as pegadas e trouxe o grupo, vagarosamente ao longo da trilha, próximo ao chão.

– Não se movam! – sussurrou Fenodyree. – É nossa única chance.

Mas os mantos de *muspel* não eram à prova de olhos perscrutadores, a pouca distância. Todo o bando voou para o alto no mesmo instante e subdividiu-se para o norte, sul, leste e oeste, para dar o alarme. Um ou dois ficaram a uma altura segura, planando em silêncio. Os pontos escuros a distância diminuíram a velocidade, mudaram de rumo e começaram a convergir para um único ponto: Shuttlingslow. Mais surgiram e mais outros, e vozes distantes e agudas se elevavam em resposta a chamamentos; misturados a elas, os lamentos das maras e os latidos que as crianças já tinham escutado no Penhasco de Santa Maria, e Fenodyree mais recentemente na floresta. De todas as partes da planície, nuvens de pássaros estavam voando para o leste. Durathror ficou de pé.

– Este será o fim de tudo, primo? - perguntou.

– Talvez.

– Onde está Cadellin Argentesta?

– Não imagino! A menos que esteja morto ou prisioneiro, e em qualquer dessas hipóteses nós estamos perdidos!

– Mas, se estiver vindo daquela direção – disse Colin, apontando para o sul –, nós não o veríamos, a não ser quando chegasse ao topo.

– Que idiota que eu sou! Depressa! Podemos jogar fora nossa chance se ficarmos aqui!

Na metade do caminho, os pássaros atacaram. Caíram em nuvens, arranhando e bicando e agitando as asas. E seus ataques eram dirigidos principalmente contra Susan. Nos primeiros instantes, caíram sobre ela como sanguessugas, emaranhando-se em seus cabelos. E sua força era humana! Antes que conseguissem erguê-la nos ares, Dyrnwyn e a Fazedora de Viúvas puseram-se em ação.

Para trás e para a frente, a luta se desenvolveu ao longo do topo, até o chão ficar vermelho e negro, mas surgiam outros. Não antes de mais da metade deles ser eliminada, eles abandonaram a luta.

Durathror e Fenodyree apoiaram-se nas espadas, as cabeças baixas. Todos estavam feridos e

sangrando, mas as feridas não eram profundas.

– Ainda bem que eles fugiram – disse Fenodyree, ofegante –, pois eu já não aguentava mais.

– Sim – concordou Durathror. – E será duro para nós se eles atacarem outra vez.

Gowther agarrou melhor seu bordão, que manejava com formidáveis resultados, e apontou:

– Aqueles não perderam tempo! Vejam! Vamos ter de pensar depressa.

Os membros da Confraria do Mal estavam surgindo de todos os lados; somente a sudoeste havia espaço não totalmente coberto por vultos que corriam. Os grupos mais próximos não estavam subindo o Shuttlingslow, mas se moviam para cercar o morro. E do vale de Wildboarclough, duzentos metros abaixo, na encosta leste do morro, aproximava-se um bando de cerca de quinhentos svarts. E nada de Cadellin!

– Será que conseguiremos vencer, primo? – perguntou Fenodyree.

Durathror sacudiu a cabeça.

– Pela força dos números, eles vencerão. Já que chegamos a este ponto, temos de arrancar os dentes que pudermos antes de descansar. E é dessa maneira que eu sempre quis morrer, pois para isso vivi.

– Muito bem, eu não vou deixar que eles consigam a pedra assim tão facilmente – gritou Susan. – Fiquem se quiserem, eu estou fora!

Atirou-se correndo morro abaixo, numa louca tropelia, onde havia menos entes da Confraria do Mal.

– Volte, Sue – chamou Colin.

– Não! – exclamou Gowther. – Aqui, ela é a única que está falando de modo sensato. Vamos todos! Estão contentes deixando que ela vá sozinha?

Todos correram atrás da menina. Afundando na neve, pulando, caindo, rolando, todos atrás de Susan, sem se importar com os ferimentos nem se preocupar com a própria segurança, enquanto no ar ecoavam os guinchos agudos dos pássaros.

Uma vez fora do escarpado, o ritmo diminuiu, apesar de se esforçarem para ir mais depressa. A neve chegava nos joelhos e prendia os pés como em um pesadelo. Rochas, tufos de junco e de mato os faziam tropeçar a cada passo. Os pássaros voavam baixo mas não atacavam.

Susan corria pelo charco de Piggford, ladeada pelos anões e suas espadas brilhantes. Alguns svarts transviados e os espantalhos, com seus membros chacoalhantes, de tempos em tempos tentavam barrar o caminho, mas se afastavam quando viam as lâminas poderosas. Preferiam juntar-se à multidão que estava agora se arrastando em torno das encostas do Shuttlingslow.

O terreno se inclinava por uns dez metros para um riacho, que Susan não descobriu a tempo, e todos eles escorregaram na água e perderam preciosos segundos. Tremendo, subiram para o lado oposto. E a subida exauriu o resto de suas forças. Aquilo os abateu tanto espiritualmente quanto fisicamente, pois era um terreno convexo e a linha do horizonte, o aparente topo do morro, estava sempre recuando.

Não estava longe, mas eles nunca o atingiam.

Logo as paredes de pedra estavam próximas, bloqueando o seu caminho. Quando conseguiram ultrapassá-las, viram que era somente uma larga extensão e que uma nova inclinação esperava por eles. Todos, menos Durathror, desabaram, como se as pernas lhes faltassem.

Durathror olhou para trás. A não ser por um ou dois desgarrados, Piggford estava vazio. Entretanto o ruído da caça era alto; ele escutava claramente através da zoada dos pássaros. A essa altura a Confraria do Mal já deveria ter atravessado o riacho.

– De pé! – gritou. Mas ainda não estavam no final da subida quando os perseguidores ficaram à vista. Os svarts com seus enormes pés de escorregar na neve e suas incansáveis figuras de gestos desconexos ultrapassaram os entes da confraria e tinham à frente, o que era pior que tudo, uma mara,

cinzenta e terrível. E, na frente da mara, corriam os dois mastins da Morrigana, suas cabeças cegas farejando baixo e as bocarras vermelhas escancaradas.

– Não esperem por mim! – gritou Durathror, olhando em torno.

Por um instante Fenodyree acenou um "não" com a cabeça, mas logo concordou e levou os outros para o cimo do monte.

Os mastins já estavam bem à frente da mara e o primeiro, chegando mais perto, diminuiu o passo, as orelhas empinadas.

– Ah! – gritou Durathror. O cão parou.

– Ah!

Quando o cão saltou, Durathror recuou e com ambas as mãos brandiu a espada. A besta estava morta antes de chegar ao chão. Mas a espada lhe escapou momentaneamente das mãos e então o segundo mastim o atacou. Durathror foi mais rápido e os dentes se fecharam não em sua garganta, mas em seu antebraço, que entrou entre as mandíbulas vermelhas, fazendo com que caísse de costas pelo peso do monstro. Enquanto isso a mara passou sem ser percebida.

Durathror procurou sua espada, encontrou-a e o fim foi rápido.

Mas nada podia fazer para salvar os outros. A mara já estava sobre eles. Corajosamente Fenodyree lançou-se sobre ela, mas sua Fazedora de Viúvas escapou de suas mãos, sob uma chuva de faíscas ao primeiro golpe e, inclinando-se para a frente, do alto de seus poderosos seis repugnantes metros, a mara agarrou Susan pelo pulso e a levantou do chão.

O grito que ecoou no ar imobilizou os svarts, os lyblacs, e até os pássaros se assustaram. Durathror escondeu o rosto com as mãos e gemeu. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Novamente o terrível grito, mas agora mais fraco. Durathror sentia seu coração estourar e, gritando ferozmente, louco de dor, ergueu-se e agarrou a espada. Mas o que viu fez com que caísse de joelhos. Pois na neve, no lugar onde tinha caído, estava Susan. A seu lado, a mara estava encolhendo! Como uma estátua de manteiga dentro de uma fornalha, ela se retorcia e derretia. Suas formas iam se perdendo aos poucos. Nenhum som saiu dela outra vez, salvo um gemido baixo, quando o movimento finalmente cessou. E ali, no alto, só restou um punhado de pedras.

Meio inconsciente, Susan não percebeu bem o que aconteceu com a mara. Quando as nuvens em espiral e os clarões diminuíram diante de seus olhos, ela só conseguia olhar para o bracelete de Angharad, dentado e deformado por causa do aperto da mão gelada de pedra em volta de seu pulso.

– Você está bem, menina?

– O que você fez?

– Eu não me machuquei. Foi o bracelete, eu acho.

– O que aconteceu?

Os Svarts e lyblacs estavam muito confusos e por um momento faltou a coragem somada de todos para avançarem. Durathror foi rápido, aproveitando a oportunidade. Encarou a multidão e falou com voz forte, para todos escutarem:

– Vejam como os invencíveis perecem. Se tal foi o destino da mara, como vocês enfrentarão nossa ira? Deixem aqueles que não amam a vida seguir na frente!

O bando recuou. Mas agora os membros da Confraria do Mal estavam se aproximando e eles não eram tão facilmente amedrontáveis. Durathror sabia que tinha conseguido apenas um tempo para respirar, o bastante para não serem atropelados e Susan conseguir recuperar as forças.

Foi então que Durathror viu o que já tinha perdido a esperança de ver: um homem sozinho no topo do Shuttlingslow, a três quilômetros dali. E, enquanto olhava, viu aquele vulto alto sair do topo e começar a descer.

Durathror uniu-se aos outros. Eles também tinham visto!

– Mas não acredito que o velho nos tenha visto – disse Gowther. – Agora, como aguentar até que

ele chegue aqui?

– Vai levar uma hora de viagem até ele chegar aqui, neste terreno – respondeu Fenodyree.

Os membros da Confraria do Mal estavam confabulando com os svarts; havia gritos e movimentos com as mãos. Os svarts não estavam dispostos a ter o mesmo fim da mara, enquanto os morthbroods não queriam sentir o peso das espadas dos anões sobre eles. A Trocaformas, em sua túnica negra, berrava furiosamente.

– Covardes! Mentirosos! Eles são só cinco! Peguem! Peguem todos agora!

Fenodyree não esperou mais.

– Venham – disse ele. – Não vamos poder segurá-los se ela estiver aqui. Temos de encontrar um lugar para nos defendermos deles.

Uma centena de metros era tudo o que tinham e, quando se moveram, os entes da confraria seguiram atrás. Desde o começo havia pouca esperança de fuga, mas, quando passaram pelo topo do monte e chegaram a um caminho muito fundo, emparedado, e viram bruxas surgindo ao longo dos dois lados do caminho, perceberam que, finalmente agora, todas as perseguições tinham chegado ao fim, e, embora possa parecer estranho, ficaram satisfeitos. A longa luta estava acabando, qualquer que fosse o resultado: uma enorme carga estava sendo tirada de seus ombros.

– Vamos correr enquanto pudermos – gritou Fenodyree, pulando para o fundo do caminho e subindo do outro lado. – Procuro espaço para as espadas.

Mas não tinham escolha. Lyblacs armados com varas bloqueavam o lado do vale, lá embaixo.

– Um círculo – berrou Durathror. – Colin e Susan, no meio!

Assim, tomaram posição, com todos os seres do mal fechando o círculo sobre eles.

– Eles não devem morrer ainda – ordenou a Morrigana. – Quem tirar uma vida responderá com a sua!

Costas contra costas, os anões e Gowther lutavam silenciosa e desesperadamente. No meio, encolhiam-se os dois meninos. Os gritos bestiais, os grunhidos e guinchos dos svarts ao morrer ecoavam pelos vales. Fenodyree e Durathror traçavam com suas espadas uma teia luminosa, ao golpear, esquivar-se e abater. Quando Gowther manejava seu cajado, crânios voavam, ossos se partiam. Sua única esperança era aguentar até o mago chegar. Mas onde um inimigo caía, havia sempre outro para lhe tomar o lugar. E outro, e outro, e ainda outro! Lutavam para conseguir uma pausa. O cajado de Gowther lhe escapou das mãos, mas ele se abaixou e pegou dois martelos de svarts, um em cada mão, e naquele momento a matança duplicou. Seguindo seu exemplo, Colin e Susan agarraram também armas no chão e entraram na luta.

E assim a batalha seguiu seu rumo. Mas era o último lampejo de uma vela que se apaga, antes de cair a noite. O fim chegou repentinamente. Um martelo de svart alcançou o alvo, acertando logo acima do cotovelo de Fenodyree, e o osso quebrou, com o ruído de uma chicotada. O braço que manejava a espada pendeu inútil; Fenodyree era uma falha na defesa, e logo o inimigo penetraria por essa falha. Durathror agiu. Estendeu a mão livre para trás, enquanto mantinha os olhos firmes no que fazia.

– A pedra! Me passe a pedra!

Susan não vacilou e, passando por trás de Gowther, tirou o bracelete e prendeu-o no pulso de Durathror. Mal tinha acabado de prender, doze pares de mãos a agarraram e puxaram para trás. Tarde demais. Durathror saltou no ar e Valham envolveu-o, e ele virou-se no ar, na direção de Shuttlingslow, numa última tentativa de salvar a pedra.

Os pássaros, como granizo negro, atiraram-se sobre ele, que desapareceu envolvido por uma nuvem negra e trovejante. Os raios de luz de sua espada brilhavam no meio da nuvem, enquanto a terra tornava-se escura com as carcaças das aves. Mas havia também penas de águia branca com sangue sobre elas e a quantidade aumentava.

A batalha no chão parou: todos olhavam fixamente na batalha que se desenrolava no ar. Nada de Durathror estava visível, enquanto a nuvem se movia vagarosamente para longe. Agora poucos pássaros caíam.

Mais abaixo, na encosta do morro, um monte de terra sobressaía, com um pequeno e ralo bosque de faias. Dominando todo o lugar, um fino obelisco de pedra furava o ar, como um dedo apontando para o céu. Seu nome era Clulow.

Sobre este lugar o último golpe foi desfechado.

Uma forma branca flutuou sobre a massa, pairou um momento, depois arremessou-se para a frente e despencou sobre as árvores, caindo, imóvel.

Lá embaixo, lyblacs e svarts uivavam. Com o barulho, o vulto se mexeu. Durathror levantou a cabeça e ficou de pé, apoiando-se num tronco cinzento. Depois recuperou-se e começou a andar monte acima. Ia inseguro, de árvore em árvore. Sua cota de malha estava rasgada nas costas e sua capa Valham pendia em farrapos. Muitas vezes ele parava, equilibrando-se com dificuldade, parecia que ia cair para trás, mas sempre reagia, quase se dobrando, mais um ser ferido do que um anão, e, finalmente, apoiando todo o seu peso na espada.

Assim, Durathror chegou a Clulow. Apoiou as costas contra ele e desafivelou o cinto. Soltou-o e em seguida o prendeu em volta da coluna. Depois, prendeu-o bem firme sob os braços, a fim de não cair.

Isso feito, agarrou Dyrnwyn com ambas as mãos e esperou.

O topo do monte tinha uma clareira de cerca de dez metros e no limite dela os svarts pararam, nenhum querendo ser o primeiro a atravessar o campo aberto e enfrentar a espada. Mas a indecisão durou somente um momento.

– Lá está a pedra! – berrou lá de trás a Trocaformas. – Vão buscar!

– Gondemar! – berrou Durathror.

Onde encontrou forças é um mistério e um grande milagre. Sua fúria era tão violenta que ninguém ousava desafiá-lo, nem mesmo Arthog, chefe dos svarts, que tinha o tamanho de um homem. Mas, com a pressão vinda de trás, ele atacou Durathror, que manejou a espada em arco. O svart tinha o seu machado, mas Dyrnwyn destruiu a pedra, e a cabeça de Arthog saltou dos ombros. Espada alguma podia bater impunemente em pedra e no golpe seguinte a lâmina rachou até o cabo. Mesmo assim Durathror lutava e ninguém que tivesse ousado enfrentá-la respirou outra vez. Chegou um momento em que os svarts e lyblacs recuaram até as árvores, para recuperar as forças e planejar um último ataque.

Durathror vergou em seu arreio, com o toco de Dyrnwyn a seu lado. A cabeça pendeu-lhe no peito e um silêncio pesado caiu sobre o monte.

21 - A CRUZ-SEM-CABEÇA

Grimnir corria. Medo, excitação, ganância o empurravam. Observara do alto do Shuttlingslow desde a perseguição até a destruição da mara. Daquele lugar privilegiado, vira algo mais, algo aproximando-se rapidamente, na direção norte, e, embora estivesse de guarda contra algum perigo oriundo daquele ponto durante meses, a forma que tinha tomado e a hora que tinha escolhido para aparecer não poderiam tê-lo perturbado mais.

Chegou despercebido sobre o Monte Clulow, logo depois da morte de Arthog, quando todos os olhares estavam sobre Durathror e os svarts fugiam daquela figura imóvel com sua espada rachada. Seu olhar pousou nos prisioneiros, cada um seguro por dois bruxos da confraria, entre a horda e a floresta. Grimnir parou, esperança e suspeita em conflito dentro dele.

Por cima da clareira voava em círculos um corvo.

Descia em espiral, mal movendo as asas, e acabou pousando na extremidade da pedra pontuda. Ficou ali um longo tempo, observando, imóvel. O silêncio era aterrador.

Depois o corvo lançou-se no ar e retomou seu mergulho. Mais perto do guerreiro abatido, mais perto... mais perto até pousar em seu ombro. Mas Durathror não se mexeu. Seu sofrimento terminara.

Um suspiro ergueu-se no meio das árvores e o corvo pulou dos ombros do anão para o solo. Depois atacou diretamente seu pulso e, de lá, voou para o obelisco com Fogofrio pendurado no bico. O pássaro levantou a cabeça, as penas do pescoço se eriçaram num colar e, com as asas abertas, começou a dançar uma dança grotesca. Rolava de um lado para o outro, a cabeça para cima e para baixo, e um grito de triunfo ecoou forte por todo o lugar.

Grimnir olhou rapidamente por cima dos ombros. Sim, precisava agir rapidamente. Se o corvo baixasse os olhos para a multidão, não deixaria de notar... Rapidamente desceu morro abaixo e passou pelo meio dos membros da Confraria do Mal. Enquanto caminhava, mais um novo grito o alcançou. Virando-se para ver o que se aproximava com tanto ímpeto, atrás dele, o corvo olhou mais além e... entrou em pânico!

Colin, Susan, Gowther e Fenodyree tinham assistido à batalha de Durathror, agoniados e impotentes.

A fúria e o desespero tinham causado o pior resultado: suas mentes estavam amortecidas pelo choque. Portanto foi com pouco interesse ou emoção que voltaram as cabeças quando o grito de medo ecoou entre os membros da confraria. Então Grimnir caiu sobre eles. Hesitou, mas somente por um segundo.

– Matem-nos! – ordenou aos guardas.

Susan abriu a boca mas nenhum som saiu dela.

Pela primeira vez, em toda sua história, Grimnir tinha falado. E a voz era de Cadellin!

Os seres da Confraria do Mal corriam em todas as direções. Os guardas dos prisioneiros estavam mais interessados em salvar a própria pele do que tirar a vida dos outros. Foi isso o que viram: do norte vinha uma nuvem, mais baixa do que qualquer outra que esconde o sol, e completamente negra. Era monstruosa e com a forma de um imenso lobo. Seu dorso chegava até abaixo do horizonte e o corpo magro se arqueava no céu até as costas crispadas; a cabeça, com as mandíbulas escancaradas, estava agora sobre o ponto extremo do vale. Os olhos brilhavam amarelos como relâmpagos, e agora os primeiros ruídos dos trovões eram ouvidos acima dos gritos dos entes do mal. Parecia só haver uma ideia fixa em suas mentes: fuga! Mas quando Managarm de Ragnarok está cumprindo ordens de seu chefe supremo, tal pensamento vale menos que sonhos.

Os svarts e lyblacs estavam começando a ceder quando Grimnir entrou na floresta. Deu pontapés

e empurrões em seu caminho em direção ao pilar. O corvo ainda estava lá, grasnando baixo, a cabeça enfiada nos ombros, os olhos fixos na nuvem que se aproximava. Viu Grimnir na beira da clareira e num átimo de segundo percebeu suas intenções e pulou. Mas Grimnir era mais ágil. Esquivou-se, estendeu o braço e seus dedos se fecharam sobre as penas escamadas do pássaro e agarrou-o no ar. Com a outra mão enluvada e esquelética, arrancou Fogofrio de seu bico. Depois Grimnir atirou com violência a pequena trouxa de penas contra o pilar e fugiu.

– Vamos – gritou Gowther. – Lá vem ele outra vez!

As crianças e Fenodyree ainda estavam atordoadas com as implicações do que acabara de acontecer e só voltaram à vida depois de Gowther tornar a gritar:

– Ele pegou o bracelete!

Era como se nem estivessem ali, a julgar pelo pouco interesse que os membros da Confraria do Mal e todos os outros demonstravam por eles. Até mesmo Grimnir os ignorou, quando correu na direção da alameda.

– Atrás dele! – gritou Fenodyree. – Ele não pode escapar!

A encosta do morro estava coalhada de corpos, amontoados desordenadamente, mas Grimnir não podia ser perdido de vista de jeito nenhum! Então, atiraram-se cegamente, sem pensar no que poderiam fazer se conseguissem agarrá-lo. Grimnir pulou para cima da muralha e lá ficou se equilibrando, como se estivesse procurando algo. Depois virou-se e correu morro abaixo, numa rapidez espantosa. Mal Grimnir tinha pulado, cambaleou, e de sua boca saiu um terrível grito; depois caiu para a frente. Uma espada com dupla lâmina saía de suas costas. Ao longo da lâmina, enrolavam-se duas serpentes de ouro e eram tão intensamente brilhantes que os olhos doíam só de olhá-las.

Grimnir ergueu-se lentamente, até ficar de pé. A espada caiu no chão. Deu três passos, oscilou e caiu de costas. O capuz escorregou de sua cabeça e a loucura tornou-se completa. Era o rosto de Cadellin, crispado de dor, mas, ainda assim, Cadellin, bondoso, nobre, sábio, a barba prateada dentro do hábito de monge, rançoso, esverdeado, cheirando a podridão de Grimnir, o Encapuzado!

Susan pensou que estava ficando louca. Colin não conseguia falar ou pensar. Fenodyree chorava. Então, ouviu-se um estrondo de rocha acima deles e todos se viraram. Alguém estava subindo a muralha. Era Cadellin!

Veio ao encontro deles pela neve e seus olhos também estavam marejados de lágrimas. Nenhuma palavra foi dita como saudação, pois aquele momento dispensava palavras. Cadellin ajoelhou-se ao lado de Grimnir, enquanto lágrimas escorriam por seu rosto. – Oh, Govannon! – murmurou. – Govannon! – Grimnir abriu os olhos. – Oh, meu irmão! Este é o momento de maior tristeza em toda minha longa vida. Que tenha chegado a isto! E por minha mão!

Grimnir levantou, apoiando-se num cotovelo e, ignorando Cadellin, virou a cabeça para a mata. Uma luz ansiosa brilhava em seus olhos. No meio daquele enorme barulho e confusão geral, uma figura movia-se com determinação: Selina Place, a Trocaformas, estava correndo em direção ao pequeno grupo o mais depressa que podia, as roupas arrastando atrás dela.

Grimnir virou outra vez a cabeça e encarou o irmão, mas não falou; seus olhos falaram, atravessando a barreira dos anos, através da distância de suas vidas.

Novamente Grimnir virou-se para Selina Place, que estava cada vez mais perto. Finalmente ele olhou para as mandíbulas fumegantes de Managarm e para Cadellin. Um sorriso desolado entreabriu seus lábios e então estendeu o braço, colocando a pedra nas mãos de Cadellin. Sua cabeça pendeu: estava morto.

Cadellin pegou a espada e embainhou-a. Depois lutou para manter firme sua voz.

– Sinto muito não termos podido nos encontrar na alvorada – disse ele. – Eu não esperava me defrontar com a mara. –- Olhou para Fogofrio na palma de sua mão. – Nem esperava por isto. Temos muito que contar em Fundindélfia. Mas, primeiro…

Virou-se para a Morrigana. Ela parara a cerca de dez passos, com o olhar furioso. Não estava entendendo bem o que acontecera. Então Cadellin levantou Fogofrio para que ela visse.

– Vá para Ragnarok! – exclamou ele.

Selina Place, o ódio estampado no rosto, soltou um guincho e correu. Enquanto corria, uma mudança operou-se nela. Parecia estar cada vez mais curvada e menor. Suas roupas sobravam à sua volta, as pernas finas tornavam-se ainda mais finas, o corpo gordo, ainda mais pesado. Logo não havia mais Selina Place, somente um corvo, que se erguia como um jato no céu.

– Venham depressa – chamou Cadellin –, ou nós também estaremos perdidos. Gowther Mossock, quer por favor ficar na minha frente? Vou pôr minhas mãos em seus ombros. Colin e Susan, cada um de um lado; segurem meu manto e não soltem. Fenodyree, sente-se a meus pés; segure firme na bainha. Durathror não está com vocês?

– Ele está aqui, mas jamais virá – respondeu Fenodyree.

– O que está querendo dizer? – Fenodyree apontou.

– Durathror! Depressa, temos de protegê-lo.

– Fique! – gritou Fenodyree, ao ver Cadellin fazer menção de ir para a floresta. – Não há tempo e de nada adiantaria. Vejam, Managarm está sobre nós!

O céu todo, de norte a leste, estava tomado por um gigantesca cabeça de lobo. A boca se escancarava enorme, até não haver mais nada senão a garganta negra e cavernosa ameaçando engolir montes e vales. Bruxas, bruxos, svarts, lyblacs fugiam desabalados rumo ao sul, esmagando tudo o que os detivesse no caminho. Os pássaros eram mais rápidos que eles todos, mas não o bastante.

Somente um pássaro não voou para o sul. Ao contrário, foi na direção da sombra que se aproximava, subindo cada vez mais, até não passar de um ponto preto, contra uma abóbada ainda mais negra, e nem os aguçados olhos do anão puderam perceber se escapara dos caninos escabrosos que tentavam dilacerá-lo no céu.

Enquanto o monte desaparecia, engolido pela garganta enorme, Cadellin ergueu Fogofrio bem no alto. Gowther manteve-se firme. Colin e Susan abraçavam Cadellin pela cintura, enquanto Fenodyree agarrava com o braço sem ferimentos o manto do mago, com todas as forças que tinha.

– Drochs, Moroch, Esenaroth!

Um cone de luz fluiu da pedra, envolvendo-os numa nuvem azul. Um vento mortífero, uivando como cem lobos, os envolvia, porém o ar que respiravam estava parado. Olhos amarelos e oblíquos eram entrevistos. E havia outros ruídos e outras formas que é aconselhável permanecerem desconhecidos.

A fúria troava e batia naquele fino escudo de luz, mas nada significava diante do poder de Cadellin Argentesta com Fogofrio na mão.

Por fim, repentinamente, a escuridão passou e a luz azul desvaneceu-se. Piscando à luz do sol que brilhava em um céu azul, os sobreviventes da ira de Nastrond olharam os campos brancos, varridos por uma brisa suave e tão vazia de vidas quanto uma paisagem do polo. Nenhum svart ou lyblac manchava o campo.

Nenhum ser descarnado por perto. O pilar de Clulow estava livre.

Lá longe, ao sul, uma nuvem negra rolava. Agora havia alegria e muitas lágrimas.

Esta história chama-se A Pedra Encantada de Brisingamen.

Este é o fim dela.

FIM

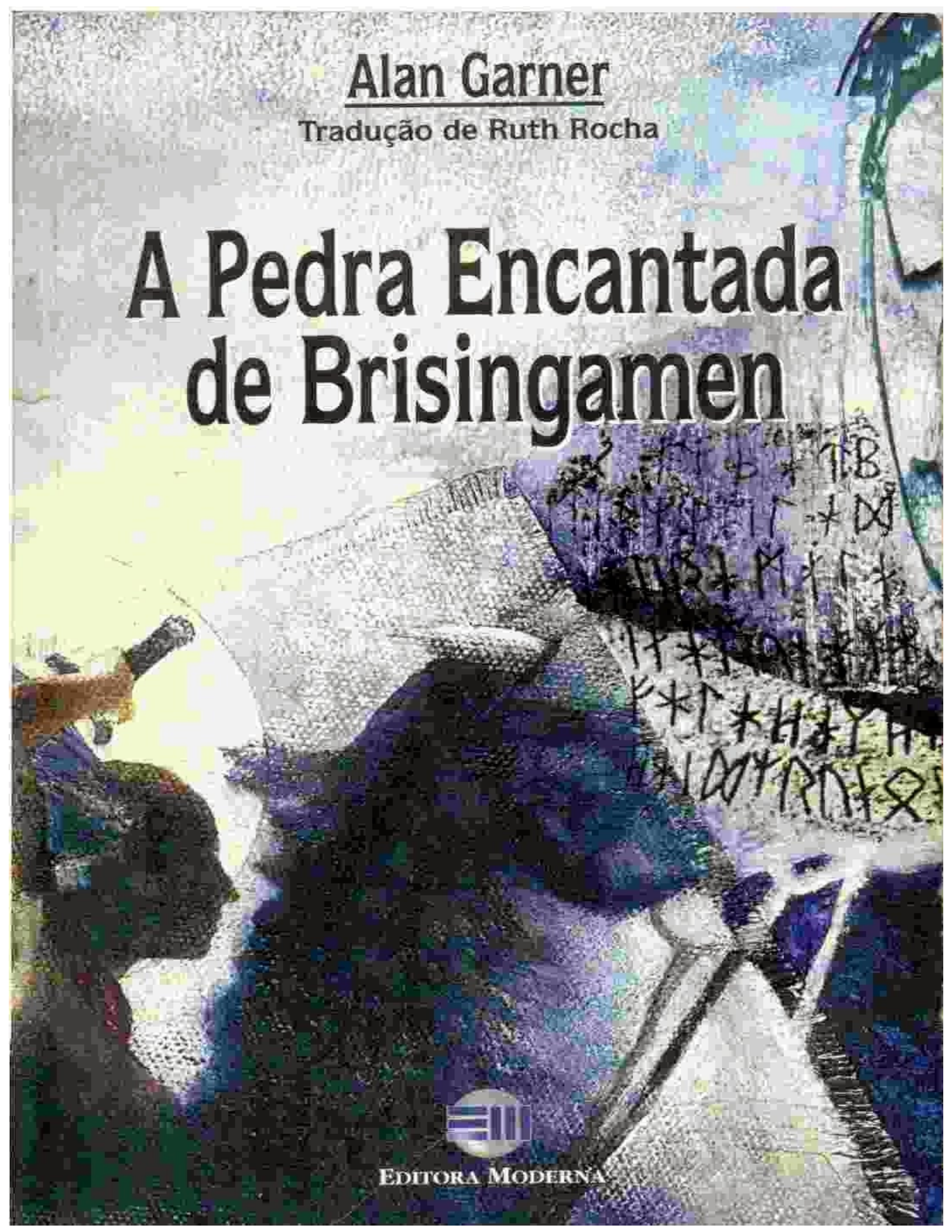
pdf by Romaco

Epub, 2015, Ro --*

Alan Garner

Tradução de Ruth Rocha

A Pedra Encantada de Brisingamen



EDITORA MODERNA